

O Tradição dos Orixás

VALORES CIVILIZATÓRIOS AFROCENTRADOS

COLEÇÃO EDITORIAL
TRAMAS DE IDEIAS

Edlaine de Campos Gomes
Luís Cláudio de Oliveira



MARDEIDEIAS

NAVEGAÇÃO CULTURAL

IPEAFRO

CONHECER JAYRO PEREIRA E O ACOMPANHAR na encruza descolonial entre o Movimento Negro e a sociedade brasileira é uma dessas coisas que firmam convicções racionalmente inexplicáveis. Junto com Gésia de Oliveira, ele trouxe a proposta de um Grupo de Trabalho para discutir religião no 2º Encontro do Movimento Negro do RJ, que ocorreu em Nova Iguaçu, em 1987. Tentei argumentar que “nosso negócio” era política, mas ela e ele, didaticamente, mostraram ao Yedo e a mim, que não sabíamos do que estávamos falando. Para Gésia e Jayro, questões referentes às manifestações culturais de matrizes africanas, assim como ao Movimento Negro, eram questões culturais, políticas, sociais... Eram históricas! E, portanto, espirituais! Evidentemente não entendi. Mas era tão desafiador aquele raciocínio, havia um brilho no ar, em seus olhares... Sei lá! O GTR foi o 2º mais lotado (o mais amplo era, sempre, o de Educação tocado por Azoilda e outros incansáveis). E seu relatório o mais propositivo e exequível.

Desde então incorporei o “novo componente metodológico” trazido pelos argumentos. Na teoria de Jayro e Gésia era imprescindível considerar os arquétipos (a orixalidade) das pessoas e contextos, das proposições e estratégias, dos processos de organização e das ações propriamente ditas. Assim, as chances de dar certo eram muito maiores!

Onde há luz, há trevas. Sempre me inquietou a ida (em minha visão) prematura de Gésia para o Orun. Cabia a Jayro fazer valer a pena. Esse tem sido seu testemunho, desde a cruzada com o Dossiê “Guerra Santa Fabricada” (e VIVA Tânia Salles Moreira!!!), aos Encontros do Tradição dos Orixás, de suas andanças, descobertas, instituições criadas, compartilhamentos acadêmicos, em ações governamentais e outras... Do catolicismo no início, ao mergulho na cosmogonia e ancestralidade, à colaboração com a filosofia cristã protestante que se interrogava e, também, buscava caminhos...

A cadeira de rodas, a necessidade de apoio para se deslocar, detalhe: a vitalidade de Jayro iluminava e era iluminada (cena encantadora para a Neusa, que o via pela primeira vez) pelo Axé das pessoas e da ambiência no Ilé Asé Egí Omim, em Pedra de Guaratiba, quando o reencontrei fisicamente, em 2016, depois de muitos anos.

Sem dor e sem medo: a tônica eram proposições, um pensamento refinado, instigador, uma ginga epistêmica

sedutora plantando perplexidade e dúvidas. A condição de reequilíbrio era gerar e compartilhar energias cósmicas, inefáveis, inconsúteis, tecidas no gosto das existências que buscam e vivem de verdade, mesmo sem conhecê-la.

Bem-vindo, então, este livro!

Bom que pesquisadores, como os autores desta obra, lembrando que Luís Cláudio de Oliveira é ativista do Projeto Tradição dos Orixás e do Movimento Negro, o compreendem como “*articulador de um pensamento singular que tem como eixo a concepção do papel e da função sociopolítica dos terreiros*”. Não apenas seguem ou buscam compreender a metodologia e a formulação teórica e filosófica desencadeadas pelo Jayro, mas também criam e estimulam novos olhares para os desdobramentos do que já foi realizado pelo Tradição dos Orixás. Demonstrem que esse fazer e esse pensar podem ser reproduzidos coletivamente nos espaços interativos do terreiro, da academia, do movimento negro, e romper com a colonialidade do poder-do e saber-do ser.

Densa essa encruza impressa: este livro “canta pra subir”!!!

Os terreiros podem se tornar núcleos de insatisfações-inquietações-enfrentamentos de ditames coloniais, de hierarquizações e preconceitos insensatos!!! É preciso partir do AXÉ, da energia vital oriunda da ancestralidade, que constitui o mundo, a existência, e nos percorre e projeta física, mental e espiritualmente para adiante. Exemplo libertário. Bora vibrar terreiros de todo tipo e jeito, em todo lugar, com toda gente!!!

JAYRO falou.

Amauri Mendes Pereira

Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ, especialista em História da África pelo Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA) da Universidade Candido Mendes (UCAM), e graduado em Educação Física e Desp. Desde 1999 é professor no Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em História da África e do Negro no Brasil (CEAA-UCAM) e, atualmente, é professor adjunto do DTPE-IE-UFRRJ e do PPGEduc – Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRRJ.

O Tradição dos Orixás

VALORES CIVILIZATÓRIOS AFROCENTRADOS

Edlaine de Campos Gomes

Luís Cláudio de Oliveira

O Tradição dos Orixás

VALORES CIVILIZATÓRIOS AFROCENTRADOS

COLEÇÃO EDITORIAL
TRAMAS DE IDEIAS

Edlaine de Campos Gomes
Luís Cláudio de Oliveira

Volume 06
Ano • 2019

Rio de Janeiro

MARDEIDEIAS
NAVEGAÇÃO CULTURAL

IPEAFRO

© Copyright, 2019: Edlaine de Campos Gomes e Luís Cláudio de Oliveira.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.02.1998. É a reprodução total ou parcial dessa publicação deve ter a anuência da editora, coeditora e dos autores. O selo da Coleção Editorial TRAMAS DE IDEIAS é uma publicação da editora MAR DE IDEIAS NAVEGAÇÃO CULTURAL.

Coordenação editorial

Edlaine de Campos Gomes

Organização

Edlaine de Campos Gomes e Luís Cláudio de Oliveria

Produção editorial e gráfica

Daniella Riet

Revisão

Edlaine de Campos Gomes e Rachel Aisengart Menezes

Foto da capa e quartacapa

Edlaine de Campos Gomes e Lorena de Paula

Acervo de documentação

PACC/ECO-UFRJ – Programa Avançado de Cultura Contemporânea

Acervo de fotografias antigas

João Bodê

Acervo de Abdias Nascimento

IPEAFRO – Instituto de Pesquisa e Estudos Afro-Brasileiros

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Vagner Rodolfo CRB-8/9410

G633t Gomes, Edlaine de Campos
O Tradição dos Orixás: valores civilizatórios afrocentrados / Edlaine de Campos Gomes, Luís Cláudio de Oliveira ; organizado por Edlaine de Campos Gomes, Luís Cláudio de Oliveira. - Rio de Janeiro : Mar de Ideias - Navegação Cultural ; IPEAFRO – Instituto de Pesquisa e Estudos Afro-Brasileiros, 2019.

204 p. : il. ; 20cm x 25cm. – (Tramas de Ideias ; v.6)

Inclui apêndice e bibliografia.

ISBN: 978-85-60458-82-0

1. Ativismo. 2. Tradição Africana. 3. Tradição dos Orixás. 4. Patrimônio Imaterial. 5. Movimento Negro. I. Oliveira, Luís Cláudio de. II. Título. III. Série.

2019-721 CDD 301
CDU 316

Índice para catálogo sistemático:

1. Ativismo 301
2. Ativismo 316

MARDEIDEIAS
NAVEGAÇÃO CULTURAL

IPEAFRO

Todos os direitos reservados, no Brasil, por:
Mar de Ideias navegação cultural Ltda.
tel.: (21) 3217-8828
editora@mardeideias.com.br
www.mardeideias.com.br

Coedição:
IPEAFRO
tel.: (21) 2509-2176
redes@ipeafro.org.br
www.ipeafro.org.br

AGRADECIMENTO

AOS APOIADORES:

André Silva Conde, Antonio Inácio Matos da Silva, Carlos Ferreira, Jairo Santiago, Marcelo Dias, Marcos Dias, Margarida Menezes, Maria Lessa, Marli Azevedo, Otair Fernandes de Oliveira, Verônica Vieira de Souza.

AOS PARTICIPANTES:

Agradecemos a todos os participantes do I Encontro do Grupo Culturas Negras e Valores Civilizatórios, realizado no Ilé Asé Egi Omim, na Ilha de Guaratiba, cidade do Rio de Janeiro, nos dias 12 e 13 de março de 2016.

APOIO INSTITUCIONAL:



*Sàngo que abraçou. Sàngo que
abraçou. Ele é o patrono desse
trabalho e continua sendo.*

(Iyà Meninazinha de Oxum)



COLEÇÃO EDITORIAL
TRAMAS DE IDEIAS

A coleção reúne obras que resultam de pesquisas acadêmicas das Ciências Sociais e áreas afins. A escolha pelo título *Tramas de Ideias* provém da parceria realizada com a Editora Mar de Ideias e relaciona o termo *trama* com a noção de construção. O foco recai na divulgação de análises referentes a debates em torno das temáticas: cidade, religião, relações raciais e étnicas, sexualidade, emoção, família e memória. A coleção está aberta a novos pesquisadores, por meio da publicação de dissertações e teses, assim como de obras de pesquisadores seniores.

COORDENAÇÃO

Edlaine de Campos Gomes

Rachel Aisengart Menezes

COMISSÃO EDITORIAL

Edlaine de Campos Gomes (UNIRIO)

Rachel Aisengart Menezes (UFRJ)

Andrea Lopes da Costa Vieira (UNIRIO)

Marcelo Tavares Natividade (USP)

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Colchete Filho (UFJF)

Carlos Eduardo dos Reis (UFSC)

Celia Letícia Gouvêa Collet (UFF)

Christina Vital (UFF)

José Guilherme Cantor Magnani (USP)

José Reginaldo Gonçalves (UFRJ)

Karla Patriota Bronzstein (UFPE)

Luiz Fernando Dias Duarte (UFRJ)

Regina Novaes (UFRJ)

Renata Menezes (UFRJ)

Marcia Contins (UERJ)

Maria Epele (CONICET/UBA)

Maria Luiza Heilborn (UERJ)

Naara Luna (UFRRJ)



SUMÁRIO

*IPEAFRO: A Prática de um Princípio Civilizatório,
por Elisa Larkin Nascimento – p. 11*

*Prefácio: A aventura com os Orixás,
por Carlos Nobre – p. 21*

*Apresentação: O Tradição dos Orixás e os Valores
Civilizatórios – p. 27*

A perspectiva das autoridades civilizatórias – p. 37

*Caderno de Imagens: Registros dos encontros do grupo O
Tradição dos Orixás – décadas de 1980 a 1990 – p. 61*

Jayro Pereira – p. 95

*Caderno de Imagens: Encontro no Ilé Asé Egi Omim, Ilha
de Guaratiba – p. 105*

Tradição dos Orixás e Interlocutores – p. 115

Considerações Finais e Referências Bibliográficas – p. 145

Glossário – p. 156

Caderno de Registros: Acervo do PACC – pág 157

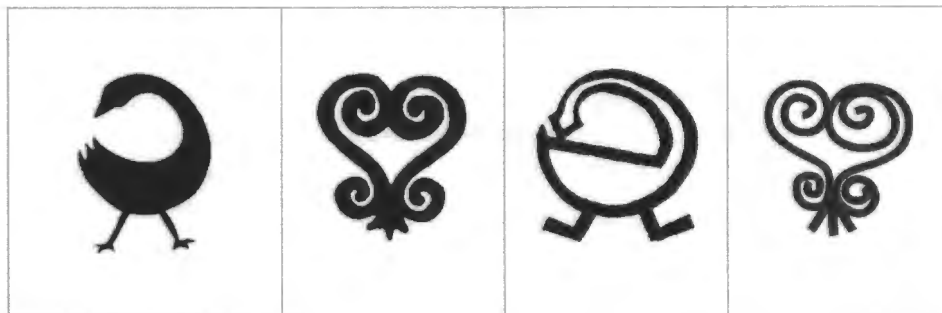


Ritual de Exu, Abdias Nascimento
Acrílico sobre tela, 100 x 81 cm.
Rio de Janeiro, 1987

A PRÁTICA DE UM PRINCÍPIO CIVILIZATÓRIO

Elisa Larkin Nascimento

NESTE LIVRO OS AUTORES NARRAM UMA INICIATIVA COLETIVA de ativistas e intelectuais no final da década de 1980 e início dos 1990, sob a liderança de autoridades religiosas de diversas casas de Candomblé. A proposta era levar para a arena política do combate ao racismo a riqueza de significados e simbolismos oriundos da tradição africana no Brasil e a defesa das comunidades religiosas de origem africana contra a

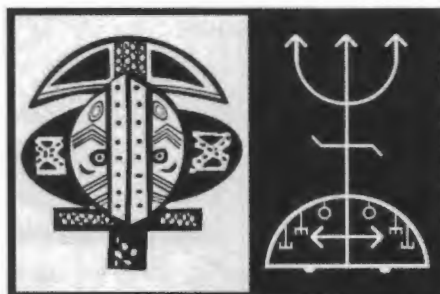


agressão violenta de setores evangélicos. Tal proposta dava continuidade a uma longa história de luta, parte da qual está documentada nas páginas do jornal *Quilombo* (2003) do Teatro Experimental do Negro (TEN). Desde seu primeiro número, publicado em 1948, o jornal trazia matérias sobre o assunto. Abdias Nascimento, fundador do TEN e diretor de *Quilombo*, criou o IPEAFRO em 1981. Voltando do exílio, Abdias vinha somar sua experiência de várias décadas à atuação da nova geração do movimento negro que então consolidava sua luta de resistência. Abdias queria o IPEAFRO como ferramenta a fortalecer essa luta, ajudando a impulsionar o combate ao racismo. Assim, o IPEAFRO tem como missão contribuir para ações que fortaleçam a transmissão de valores africanos às sucessivas gerações na Diáspora. Isto implica em aprender com o passado – com os ancestrais – para construir o presente e o futuro dos nossos jovens, crianças e não nascidos, conforme significa o símbolo adinkra Sankofa acima (Nascimento, E. L.; Gá, 2009, p. 40-41).


A transmissão deste e de outros valores se dá de diversas formas, entre elas por meio da tradição de origem africana vivida em comunidades-terreiros, tema do presente volume. Por isso, o IPEAFRO assume entusiasmado a parceria

com a editora Mar de Ideias. Fazer parte de sua coleção editorial Tramas de Ideias, conceituada pela feliz apreciação do relacionamento entre o termo “trama” e a noção de construção situa o IPEAFRO em seu lugar de berço, pois Abdias Nascimento o criou com esse objetivo: construir ações e legados de combate ao racismo a partir das tramas culturais, filosóficas, artísticas e epistemológicas tecidas pelos povos negros em África e sua diáspora. Assim como nosso curso “Conscientização da Cultura Afro-Brasileira”, referido no depoimento de Vera Ferreira aqui incluído, este livro constitui uma ação do IPEAFRO na esteira da orientação semiótica do adinkra Sankofa.

Os autores deste livro realçam a importância de recuperar, estudar, ressignificar e disseminar os valores semióticos e epistemológicos africanos, proposta inerente à ação do IPEAFRO. A composição de nossa insígnia une dois símbolos. À esquerda está a máscara africana criada em 1944 pelo cenógrafo Tomás Santa Rosa como marca do Teatro Experimental do Negro (TEN). Junta-se a ele o símbolo do quilombismo desenhado por Abdias Nascimento em 1980, reunindo os princípios da comunicação, contradição e dialética (Exu) com os da inovação tecnológica e do compromisso de luta (Ogum).



Desde meados do século passado o TEN trabalhou com essa simbologia africana, levando a cultura de matriz africana aos palcos com peças como *Aruanda*, de Joaquim Ribeiro, e *Sortilégio (Mistério Negro)*, de Abdias Nascimento (Nascimento, A., 1961, p. 287-307; p. 159-197). O TEN conjugava suas iniciativas teatrais com o combate à discriminação racial, organizando, por exemplo, encontros do movimento negro que deliberaram propostas de políticas públicas para a Assembleia Constituinte de 1946 (Nascimento, E. L., 2014, p. 169-190). E nessa trilha o fundador do IPEAFRO continuou a sua proposta de luta até que, ao retornar do exílio no final dos anos 1970, se encontrou com uma geração do movimento negro identificado à esquerda ocidental e cujas propostas ignoravam largamente os valores africanos enquanto mobilizadores de uma luta política.



Contra aquilo que Jayro Pereira, citando Muniz Sodré, aponta neste volume como o “semicídio ontológico praticado pelos evangelizadores, que se constituiu no pressuposto do genocídio físico,” Abdias Nascimento e o Teatro Experimental do Negro brandiam os signos estéticos da matriz africana como armas de enfrentamento. Nesse caminho eles não estavam sozinhos. Os poetas anticolonialistas africanos e antilhanos do movimento da Negritude, desde a década dos 1930 percorriam veredas semelhantes (Césaire, 2010). Com o acirramento da guerra fria nos anos 1960 e 1970, os campos ideológicos se confrontavam. Lideranças e movimentos de libertação optaram pela estrita adesão ao legado europeu do marxismo, o chamado “socialismo científico”. Rechaçavam as referências à ancestralidade africana como recursos legítimos de organização política. Abdias Nascimento manteve sua postura e propôs, em 1980, o quilombismo como modelo de luta construído a partir da própria experiência histórica e dos próprios valores culturais e filosóficos ancestrais africanos. Hoje o IPEAFRO participa da publicação de uma nova edição do livro *O Quilombismo* (Nascimento, A., 2019), cuja leitura complementa, de forma nítida e profunda, a do presente volume.

O projeto Tradição dos Orixás nasceu contando com um aliado orgânico no campo político para o empreendimento que Sérgio Dias descreve em seu depoimento: construir “uma forma de ver o mundo a partir de um olhar afrocentrado e forçar a amplitude do próprio movimento negro, alicerçando-o em uma memória, na nossa originalidade e ancestralidade”. Na legislatura anterior à Constituinte de 1988, a partir de 1983 Abdias Nascimento atuava como único deputado federal a levar ao Congresso propostas de políticas antirracistas, tratando a questão racial como tema urgente e fundamental à construção da democracia e da Nação brasileira. Para ele, fazia parte da demanda democrática a inclusão e o reconhecimento dos valores africanos como referências dessa nacionalidade. Num contexto em que todas as sessões do Congresso são abertas com a frase “Sob a proteção de Deus”, Abdias abria os seus pronunciamentos dizendo “Sob a proteção de Olorum” e neles incluía referências às divindades africanas, situando-as no cenário político. Talvez o maior movimento daquela época tenha sido a campanha pela eleição direta, o Diretas Já, que levou centenas de milhares de pessoas às ruas em comícios inéditos e inesquecíveis. A organização pluripartidária definiu o amarelo como cor do movimento e pediu para todos o vestirem para marcar sua adesão. Abdias apropriou esse signo para realçar o protagonismo do povo negro e da matriz africana no cenário político, invocando o amarelo de Oxum (Nascimento, A., 1984, p. 13):

*Faço questão de registrar nos Anais desta Câmara a substancial participação organizada do negro no movimento mais importante do atual momento político: a luta pelas diretas já. Os negros brasileiros se engajaram plenamente nessa luta do povo brasileiro pela reconquista da sua soberania, através do voto democrático. Nas praças públicas, nos comícios, nas ruas, durante toda a campanha pelas diretas já, sobressaíam faixas do Movimento Negro. Houve manifestos e pronunciamentos sobre o especial interesse da população negra, maior vítima das arbitrariedades e da desgraça econômica desses vinte anos de autoritarismo. Fundaram-se comitês, movimentos e grupos afro-brasileiros pró-diretas, a nível local, estadual e nacional. Assim, o negro não se omite. O negro continua presente, de forma organizada, vestindo o amarelo da esperança democrática e da fraternidade, do amor e da criatividade de Oxum. Aliás, tanto se ressaltaram, nessa caminhada cívica, as três qualidades de nossa mãe Oxum, que bem poderíamos proclamá-la a patronesse espiritual das diretas já. Oraiêê-ô! Axé quilombolas da libertação!*¹

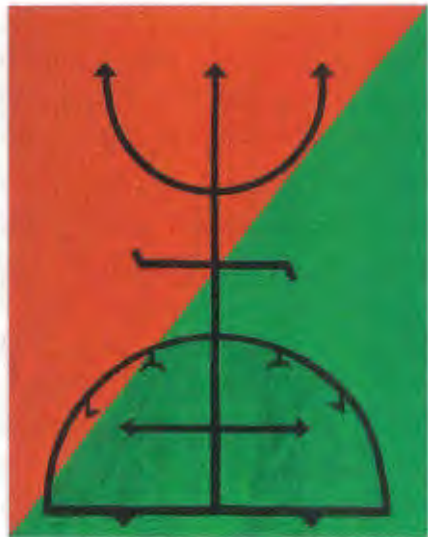
Ao plenário e aos anais da Câmara, Abdias trazia a tradição dos orixás como importante matriz da cultura brasileira, no contexto da luta, ao registrar os 50 anos de sacerdócio da Mãe Tetê do *Ilé Iyà Nassô Oká* junto à Marcha Zumbi dos Palmares e à campanha pelo voto ao analfabeto; denunciava as distorções e estereótipos a respeito do negro e sua cultura na literatura e na mídia (Nascimento, A., 1983, p. 40-54, 62-68). Essa atuação continuou ao longo de seus mandatos no legislativo e no executivo. O signo de Exu e Ogum, símbolo do quilombismo, seguia estampado nos livros que registraram essa atuação.

Outro exemplo da orgânica relação da tradição dos orixás com a luta de combate ao racismo foi o Memorial Zumbi. A partir de 1980, esse movimento reunia intelectuais e entidades negras de diversos Estados com universidades e instituições federais como o então SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico

1. Seguem transcritos, como parte do pronunciamento, os seguintes documentos, nenhum dos quais menciona Oxum ou a tradição africana: Manifesto do Movimento Negro no Comício das Diretas Já, São Paulo, 25.01.1984; Manifesto ao Povo na Passeata pelas Diretas Já, 21 de março de 1984, Dia Internacional de Combate ao Racismo; Carta Circular do Movimento Negro Unificado do Distrito Federal, 01.03.1984; O Negro e as Diretas Já, CECUN – Centro de Estudo da Cultura Negra, Espírito Santo; Dia Internacional Contra a Discriminação Racial, Por Quê?, Movimento Negro de Volta Redonda, RJ; Manifesto do Movimento Negro Pró- Diretas no Dia Internacional Contra o Racismo, assinado por diversas entidades e organizações (Nascimento, A., 1984, p. 14-26).



Oxum em Êxtase, Abdias Nascimento
Acrílico sobre tela, 153 x 102 cm.
Búfalo, EUA, 1975



Quilombismo (Exu e Ogum), Abdias Nascimento,
Óleo sobre tela, 71 x 56 cm.
Búfalo, EUA, 1980

e Artístico Nacional). O Memorial Zumbi organizava peregrinações à Serra da Barriga, cuja desapropriação era, naquele momento, um projeto ainda embrionário. Faziam-se sob a regência da autoridade espiritual as visitas ao local da República de Palmares, onde o povo negro resistiu durante 100 anos à agressão militar portuguesa, holandesa e brasileira. Foi um momento emblemático da dimensão da ancestralidade como marco epistêmico numa ação de referência do movimento negro: a retomada do território de resistência e de construção da vida em liberdade, no modelo civilizatório africano, pelo povo da República de Palmares.

Naquela época de reconstrução da democracia no Brasil, o movimento negro conseguiu vitórias que foram se ampliando com o tempo, como a criação do Projeto Zumbi dos Palmares na então secretaria de Educação e Cultura do Rio de Janeiro. No âmbito desse projeto, Vanda Ferreira abrigava o Projeto Tradição dos Orixás. Mas, como relata ela nas páginas a seguir, uma interferência obscura e obtusa foi o suficiente para desautorizar a iniciativa. Tal situação ilustra a força do ódio de certas seitas evangélicas à tradição africana, motivo que impulsionou a ação coletiva agregada no Projeto Tradição dos Orixás. Entretanto, o Projeto Zumbi dos Palmares continuou, com educadores negros abrindo espaços possíveis nas escolas e nos currículos.

A educação era o foco do Tradição dos Orixás, uma vez que ele tratava – e trata – da transmissão às novas gerações de valores, vivência e conhecimento. Esse viés pedagógico se evidenciava também no imperativo de educar para a convivência democrática a sociedade que então construía a “Nova República” e a Constituinte de 1988, ano do centenário da Abolição da Escravatura. Impossível considerar como coincidência a entrega pela Comissão Ojuobá ao Procurador-Geral da República Aristides Junqueira, nesse mesmo ano de 1988, da Ação Pública contra a Intolerância Religiosa. O Tradição dos Orixás integrava, assim, o esforço da sociedade civil que resultou em marcos importantes do sistema jurídico brasileiro² que convergiam para a luta e proposta do projeto apresentado neste livro. Conforme comenta o Ògán Uilian Portella: “Aquilo não era uma discussão religiosa pura e simplesmente, era uma organização social discutindo políticas públicas em todos os ângulos.” O Tradição dos Orixás era um fenômeno do seu tempo; seus encontros constituíam um fórum para pensar esse tempo.

Em outro aspecto, a iniciativa se situava à frente do seu tempo, e assim se reafirma ao ressurgir no ano de 2016. Refiro-me à definição da tradição como algo além de religião: uma forma de vida regida por uma cosmovisão própria, cujos valores apontam para a convivência entre os seres humanos e deles com a natureza. Por isso, a discussão abrigada nos terreiros extrapolava a religião e tratava de políticas públicas. O terreiro é lugar de filosofia, prática de vida e produção de conhecimento. No projeto, a liderança dos pais e das mães de santo é afirmada “numa perspectiva de protagonismo político e de autorreconhecimento de sua centralidade civilizatória”, nas palavras de Luiz Bruno. “Os valores afrocentrados defendidos pelo grupo são baseados na coletividade e na reciprocidade”, observam os autores. O princípio central é o bem-viver e o bem comum, conforme assinala Ìyà Palmira Navarro: “Nós repartimos aquilo que damos, porque isso é uma das bases da religiosidade afro, da própria vida social da África, o bem da comunidade. Por isso chama-se comunidade de terreiro. Todos em prol do bem comum para todos.”

Ao consultar o oráculo, Mãe Meninazinha de Oxum viu confirmada a anuência dos deuses: “*Şàngó* abraçou. *Şàngó* abençoou e é nosso patrono desse trabalho, e continua sendo.” *Şàngó* incorpora o princípio da justiça, objetivo

2. A nova Constituição estabeleceu como dever do Estado garantir o exercício pleno dos direitos culturais e proteger as manifestações da cultura afro-brasileira (Art. 215, para. 1); definiu o racismo como crime inafiançável e imprescritível (Art. 5o inciso XLII); determinou a inclusão das “contribuições das diversas culturas e etnias à formação do povo brasileiro” no currículo escolar (Art. 242, para. 1º).



Mãe Hilda Jitolu do Ilê Axé Jitolu (Salvador, BA), sobe no lombo do burro até a Serra da Barriga, onde atua à frente de cerimônia aos ancestrais que abriu o ato cívico do Memorial Zumbi em 20 de novembro de 1983. À esquerda, Tosta Passarinho do Adé Dudu, organização de homossexuais negros; à direita, apoiando a Mãe Hilda, o deputado federal Abdias Nascimento.

Foto: Elisa Larkin Nascimento | Acervo IPEAFRO

que o projeto perseguia, e no bojo de seu trabalho criou-se o Troféu (Ifé Eye) Osé *Șàngó*, com que homenageava personalidades ligadas à causa, inclusive Abdias Nascimento. O troféu a ele entregue está no acervo do IPEAFRO.

Outro troféu, o Esu Enugbarijo, premiava os veículos de comunicação que se destacavam no empenho de documentar e divulgar as agressões das igrejas pentecostais eletrônicas contra a tradição de matriz africana e a população desfavorecida socialmente. Os dois troféus são exemplos das “ações pedagógicas de contraposição ao processo de semiocídio” apontadas por Jayro Pereira. Ilustram o lugar da arte na tradição africana: ligada visceralmente à vida. A “arte pela arte”, sem vínculo à condição humana, se cultiva em outros cantos.

“A tradição africana é uma proposta de existência para a humanidade, não só para negros,” afirma Jayro Pereira. O ambientalismo, tema mais urgente da nossa existência no planeta hoje, está plenamente contemplado nessa filosofia e prática de vida. O II Encontro Estadual do Tradição dos Orixás, realizado no Ilê Axé Atara Magba da Mãe Omindarewa em Santa Cruz da Serra, Duque de Caxias, RJ, afirmou esse profundo sentido ecológico: “Na



Xangô n. 2., Abdias Nascimento,
Acrílico sobre tela, 102 x 51 cm.
Búfalo, EUA, 1978




Torodê, Ose Şangó. Troféu do projeto
Tradição dos Orixás outorgado a Abdias
Nascimento pelo Instituto de Articulação das
Religiões Afro-Brasileiras (INARAB), 1991.
Escultura em madeira, bronze, cerâmica e
concha búzio, 56 x 18 x 10 cm

cultura negra, a natureza é parceira do homem”. Com base no preconceito e na ignorância, a sociedade procura impedir oferendas em áreas ambientais, ao passo que permite ações predatórias como a caça, o corte de madeira e a retirada de areia dos rios. A realização do evento “Eco-Afro Rio '92: A Visão Ecológica na Cultura Negra,” protagonizada pelo Tradição dos Orixás no âmbito da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, mostrou ao mundo o sentido ecológico da religiosidade africana.

O Projeto Tradição dos Orixás deflagrou o movimento de resistência contra a agressão sofrida pelos terreiros e seus adeptos que evoluiu para a causa do combate à intolerância religiosa, se afirmando de forma significativa, ganhando espaço na mídia nacional e envolvendo todas as fés, crenças e denominações – como também os ateus (Santos e Esteves Filho, 2009; Santos, et.al, 2016). O IPEAFRO participa dessa caminhada puxada pelas comunidades religiosas de matriz africana, convicto da importância de difundir, fortalecer e





praticar o princípio da convivência democrática em paz, para isso construindo um ambiente de mútuo respeito. Mas as agressões contemporâneas têm como alvo principal o povo de santo. O conceito de racismo religioso abordado neste livro vai além desse fato: identifica como racismo o rechaço a essas religiões em razão de sua origem africana. Reconhecer como civilizatórios os valores da tradição africana e sua proposta de vida contrapõe a ideia de selvageria ainda associada ao povo negro e sua filosofia religiosa. O reconhecimento desses valores faz-se necessária à construção de uma convivência democrática com respeito. É nesse sentido que Jayro Pereira afirma: “Vou insistir: ou o racismo religioso será radicalmente combatido pelo viés afroepistêmico, ou essa luta prosseguirá incompleta”. Para o IPEAFRO, os conceitos de intolerância religiosa e racismo religioso são complementares, sendo ambos – e suas respectivas práticas de luta e intervenção social – tão necessários um quanto o outro.

O estudo e a prática da filosofia cosmogônica vivida nos terreiros revela um mundo belo e fascinante, assim como são os valores transmitidos pela sua pedagogia. O pulsar dessa cosmogonia vivida é a energia para o futuro que impulsiona a proposta do Quilombismo. Orgulhosamente o IPEAFRO, parceiro nessas duas publicações, convida o leitor a adentrar-se nesse mundo e nessa proposta e, de peito aberto, mergulhar no belo fascínio de cada qual.

Àçø!

Elisa Larkin Nascimento³

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÉSAIRE, A. *Discurso sobre a Negritude, Miami 1987*, org. de Carlos Moore. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

NASCIMENTO, A. *Combate ao Racismo*, vs. 2. Brasília: Câmara dos Deputados, 1983.

NASCIMENTO, A. *Combate ao Racismo*, v. 3. Brasília: Câmara dos Deputados, 1984.

3. Diretora Presidente do IPEAFRO, possui graduação Summa Cum Laude e mestrado em American Studies/ Puerto Rican Studies da State University of New York (1976, 1978), Juris Doctor Cum Laude (mestrado em direito com honras) da State University of New York (1981) e doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano da Universidade de São Paulo (2000).

NASCIMENTO, A. *O Quilombismo. Documentos de uma militância pan-africanista*. São Paulo: Perspectiva / IPEAFRO, 2019.

NASCIMENTO, A., org. *Dramas para negros e prólogo para brancos*. Rio de Janeiro: Teatro Experimental do Negro, 1961.

NASCIMENTO, E. L. *Abdias Nascimento. Grandes vultos que honraram o Senado*. Brasília: Senado Federal, 2014.

NASCIMENTO, E. L., org. *Povo Negro: A sucessão e a "Nova República"*. Rio de Janeiro: IPEAFRO, 1985.

NASCIMENTO, E. L.; GÁ, L. C., orgs. *Adinkra. Sabedoria em símbolos africanos*. Rio de Janeiro: Pallas / IPEAFRO, 2009.

Quilombo: Vida, problemas e aspirações do negro. Edição em fac-similar do jornal dirigido por Abdias Nascimento. São Paulo: Editora 34, 2003.

SANTOS, I.; ESTEVES FILHO, A., orgs. *Intolerância Religiosa X Democracia*. Rio de Janeiro: Centro de Articulação das Populações Marginalizadas (CEAP), 2009.

SANTOS, I.; NASCIMENTO, M. G.; CAVALCANTI M.T., J.; GINO, M; ALMEIDA, V., orgs. *Intolerância Religiosa no Brasil. Relatório e Balanço*. Rio de Janeiro: Kline / Centro de Articulação das Populações Marginalizadas (CEAP), 2016.



A AVENTURA COM OS Òrisàs

POR VOLTA DE 1987, QUANDO ERA REPÓRTER DO JORNAL *O Dia*, no Rio de Janeiro, meus chefes mandaram-me atender um senhor negro que queria falar a respeito de um projeto chamado “Tradição dos Orixás”¹, em São João do Meriti, na Baixada Fluminense.

Como a maioria dos leitores do jornal estavam concentrados nessa região e eu estava encarregado de escrever sobre qualquer assunto referente à Baixada Fluminense, o veículo se interessou em saber o que Jayro Pereira de Jesus, o militante afro-religioso, que visitava a redação, desejava declarar acerca de seu projeto.

Foi assim que o conheci.

Após entrevistá-lo numa sala colada à redação, meus chefes indagaram qual tinha sido o teor da entrevista com Jayro. Expliquei que ele falou sobre um encontro marcado para o domingo seguinte na casa da Mãe Meninazinha de Oxum, em São João do Meriti, envolvendo mães e pais de santo da região, chamado Tradição dos Orixás, que visava se defender dos ataques das igrejas pentecostais e criar uma reação afro a partir dos próprios terreiros.

Meus chefes disseram: “Não escreva não. No domingo você vai até lá e faz a matéria do encontro religioso.”

Minha ligação com esse projeto começou assim.

Estive no terreiro de Mãe Meninazinha, entrevistei-a, Jayro e algumas mães e pais de santo presentes. Andei por todo o terreiro e naquele mesmo dia descobri uma senhora circulando livremente pela casa. Era a promotora de Justiça de 4ª Vara Criminal de Duque de Caxias, Tânia Maria Salles Moreira, já falecida.

1. O nome “Tradição dos Orixás” passou a ser utilizado como identificação do grupo. No entanto, as reflexões e avaliações sobre a hegemonia *Nàgô* no contexto de legitimação no interior do campo das chamadas religiões de matrizes africanas, estão sempre no horizonte das discussões empreendidas pelos integrantes do grupo. Jayro Pereira observa que à época já havia essa reflexão: “Percebemos que a gente ficou concentrado em terreiros *yorùbás*. Eu acho que fizemos mea-culpa disso, de rever isso, e esse movimento estava aí, de a gente romper com essa nagocracia e reconhecer outros universos.” (Entrevista concedida em 08 de jan. 2016, UERJ, São Gonçalo)

Hoje Jayro contou que a matéria ficou extensa e que ele, surpreso com a presença de Tânia Maria na matéria, pois não a conhecia, ficou louco atrás dela. As declarações feitas estimularam Jayro a procurá-la. Quando se encontraram, Tânia se incorporou ao projeto Tradição dos Orixás, passando a prestar assessoria jurídica.

Ela era ekedi de uma casa de santo de Magé ou Mauá, se não falha minha memória.

Depois desse início, o projeto Tradição dos Orixás decolou no Rio de Janeiro, sob a batuta de Jayro e de seus companheiros de jornada. Eu me limitei então a cobrir suas ações pelo “O Dia”, dando certa visibilidade ao trabalho que vinha sendo desenvolvido.

O projeto fez ajustes e, somente no Rio de Janeiro entre o final dos anos 1980 e início dos 1990, realizou mais de 10 encontros em casas de santo, reunindo historiadores, antropólogos, sociólogos, praticantes da religião e observadores estrangeiros.

A cada encontro, mais gente de diversas cidades fluminenses, se incorporava àquela filosofia crítica do trabalho afro-religioso.

Em seguida o Tradição dos Orixás alcançou o Brasil.

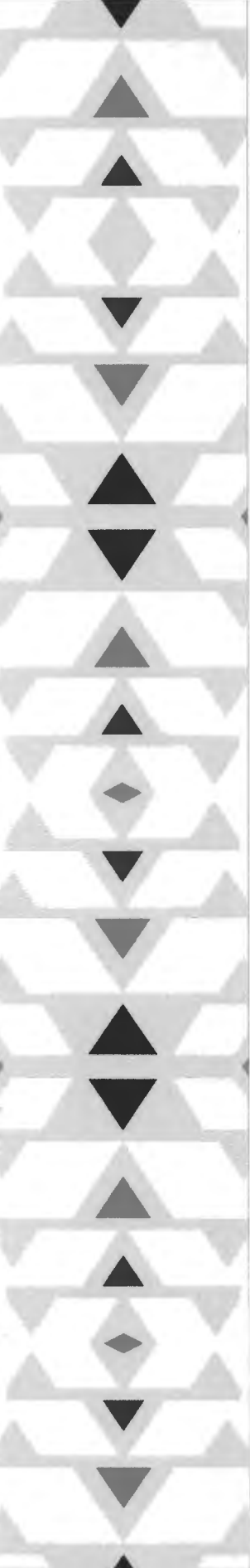
Ele começou com uma entidade pequena – o Ipelcy –, o Instituto de Pesquisa da Língua e Cultura *Yorùbá* – com seu ancoramento jurídico e, quando atingiu o Brasil com seus encontros regionais, passou a ser chamado de Inarab, o Instituto de Articulação das Religiões Afro-Brasileiras.

Trata-se de uma história especial no campo afro-brasileiro, essa bela ação que Jayro e demais integrantes do Tradição dos Orixás empreenderam, pautados pela construção de uma ética nas religiões de matriz africana, que implicava em uma postura de autocrítica permanente em torno da religiosidade, de seus membros e usuários.

Com esse livro, Luís Cláudio de Oliveira e Edlaine de Campos Gomes contam uma história muito especial no horizonte das ciências sociais negras, digamos assim. Em particular, o primeiro, pois acompanhou de perto a trajetória do Tradição dos Orixás, como ativista do movimento negro.

Por essa perspectiva, foi construída, em bases sociológicas e antropológicas, a ligação desse movimento religioso com a riquíssima





conjuntura política afro daquela época, na qual predominava um processo de africanização dos atos, atitudes, projetos, memórias, sonhos e estratégias negras. As mudanças de atitudes e os objetivos dos grupos criados visavam uma reconstrução da identidade africana, que estava perdida em meio ao longo processo ditatorial enfrentado por nosso país entre 1964 e 1985.

A partir dessa perspectiva aponto algumas propostas, conclusões ou afirmações do livro, para comentar sobre cada uma delas. Dessa forma, acho mais didático, ampliando esse leque de entendimento a respeito de tão importante livro, para a história dos movimentos negros contemporâneos.

Quais as propostas ideológicas do movimento Tradição dos Orixás que este livro discute?

1. Articular a reação contra ataques físicos e simbólicos.

Sim, havia ataques de todos os tipos. Na maioria dos casos, o terreiro desconhecia que eles decorriam das políticas repressivas das classes dominantes brancas, excessivamente ambíguas. Se um doutor recorria ao terreiro para atender suas demandas, tal ato não significava tratar-se de um adepto da religiosidade africana, ao contrário. Por outro lado, os adeptos não estavam acostumados a cobrar atendimento em saúde, cultura e serviços para eles como cidadãos, no município em que residiam. Nesse sentido, o Tradição dos Orixás mexeu nessa válvula de pressão na Baixada Fluminense.

2. As religiões de matriz africana vistas como patrimônio imaterial.

Ora, aqui o Tradição dos Orixás tocou em tema complexo. Tradicionalmente havia uma tendência de autodesqualificação dos praticantes dessa religião. Ouso afirmar que eles incorporavam os estereótipos socialmente difundidos, como: sim, somos macumbeiros. Portanto, pareciam assim incorporar a negatividade produzida pelas culturas eurocêntricas. No entanto, o Tradição dos Orixás surgiu com a proposta de que a cultura afro-brasileira seria resultado de uma profunda civilização humanística. Por conseguinte, nossa cultura era rica, especial, e a primeira da Humanidade. Assim, merecia respeito, pois era um inegável patrimônio imaterial que a Humanidade produziu e desfrutou. Esse corte foi fundamental para incorporar novos militantes e adeptos da filosofia política do Tradição dos Orixás, por conseguinte transformando as visões estereotipadas que os praticantes dessa religião tinham em relação a si próprios.

3. O papel importante dos sacerdotes como produtores de conhecimento afro.


Jayro Pereira, esclarecem os autores, sempre frisou nos encontros, conversas e interações, a importância da liderança do pai ou mãe de santo nesse processo de redescoberta da potencialidade dos *òrisàs* no cotidiano dos praticantes e adeptos das religiões de matriz africana. Assim, eram feitas muitas articulações com os sacerdotes, já que eram líderes religiosos com possibilidade de influenciar os rumos do projeto. A maioria dos encontros eram realizados nas casas de santo. Então, o chão e o líder eram fundamentais naquele processo de reafirmação do pensamento afro-religioso. Desta feita, com uma perspectiva de cidadania incorporada nos atos e atividades. O terreiro não é uma entidade indiferente à região em que está situado. É também uma casa de discussão democrática, de cidadania e local onde se discute o destino da comunidade. Beatriz Moreira Costa, a Mãe Beata de Iyemonjá, uma das líderes do Tradição dos Orixás, modificou o lado urbano e social do bairro em que seu terreiro estava situado em Miguel Couto, Nova Iguaçu, a partir dessa perspectiva político-filosófica.

4. A luta contra ataques de evangélicos.

Ao se organizar, no início dos anos 1980, na Baixada Fluminense, o Tradição dos Orixás tinha consciência de que enfrentaria uma reação das igrejas pentecostais, que, naquele momento histórico, iniciavam um ataque às religiões de matriz africana, em especial, naquela região. Não eram como hoje, houve mudanças. São bem coordenados, pesados e violentos, com “gangs pentecostais” com armas na mão, que invadem, intimidam e quebram objetos ritualísticos dos terreiros. O Tradição dos Orixás alertou em muitos encontros, em relação a uma conjuntura pesada que viria no futuro, contra as religiões de matriz africana.

5. Jayro como provocador dos movimentos negros.

Como líder e ideólogo do movimento Tradição dos Orixás, Jayro Pereira de Jesus foi/é um importante ícone que desafia o movimento negro a sair de seus postulados defensivos em torno de algumas temáticas africanas. Naquele momento, o movimento negro não tinha propostas ou uma posição em relação às religiões de matriz africana. Havia casos nos quais algumas lideranças condenavam a religião, pela produção de macumbas, o que significa que havia uma incorporação do discurso do colonizador. Outros alegavam medo delas. Nesse caso, Jayro foi responsável por abrir uma discussão ampliada sobre o significado das religiões africanas com as



lideranças do movimento negro. Dessa forma, fomentou uma nova postura dos líderes em relação a elas. Esta foi outra ação de grande importância do Tradição dos Orixás.

6. Parte dos religiosos de matriz africana também é responsável pelos preconceitos dirigidos à sua religião.

Eis, aqui, uma postura autocrítica que foi rejeitada. Ora, os movimentos sociais só avançam se tiverem autocrítica. Naquela conjuntura, Jayro e seus companheiros colocaram esta postura, como destacam os autores nesse livro. O fato de se vangloriarem de seus instrumentos ritualísticos, de admitirem seu poder, de atenderem a pedidos esdrúxulos de clientes corroborou a construção de uma visão negativa dos sacerdotes e da religião. Lembro-me da maneira como Jayro criticava o excesso de ebós, de atendimento a pedidos absurdos de clientes e o não entendimento dos sacerdotes sobre a profundidade civilizatória dos orixás, de suas origens, história, perfis e filosofia. Nesse sentido, muitas vezes os sacerdotes não entendiam a razão de terem se tornado alvos da perseguição de pentecostais.

7. A tradição africana é o ponto de partida da luta racial no Brasil.

O livro mostra que, segundo a proposta do Tradição dos Orixás, não há saída para os afro-brasileiros se não se posicionarem em concordância com as propostas filosóficas africanas.

Parabéns aos autores por este importante livro!

Açê!

CARLOS NOBRE²

2. É professor, jornalista e pesquisador. Pesquisador Associado do NIREMA (Núcleo Interdisciplinar de Memória Afrodescendente) do Departamento de História da PUC-Rio e professor do Departamento de Comunicação Social da mesma universidade

“Vou insistir: ou o racismo religioso será radicalmente combatido pelo viés afroepistêmico, ou essa luta prosseguirá incompleta.”



O TRADIÇÃO DOS ORIXÁS E OS VALORES CIVILIZATÓRIOS¹

*Minha mãe é minha origem! Meu pai é
minha origem! Olórun é minha origem!
Consequentemente, adorarei minhas
origens antes de qualquer outro orixá.
(Cantiga Yorùbá²)*

ENTRE A SEGUNDA METADE DA DÉCADA DE 1980 e a primeira metade dos anos 1990 houve uma aliança política entre ativistas do movimento negro e líderes religiosos do Candomblé, em torno do desenvolvimento de ações para a preservação de religiões de matriz africana no país. O intuito era organizar uma reação estruturada contra ataques de igrejas neopentecostais. À época eram recém-fundadas, mas rapidamente ganharam visibilidade ao adotarem o discurso da batalha espiritual, a teologia da prosperidade e a ocupação de espaços centrais nas cidades, na política e em outros eventos da vida cotidiana (MARIZ 1999; GOMES 2010; ALMEIDA 2009). De acordo com as narrativas coletadas, integrantes destas igrejas agrediam física e simbolicamente as religiões afro-brasileiras, o que ocorria contra os terreiros³ e seus adeptos (GOMES e OLIVEIRA 2013).

A conexão entre organização interna e o embate com as igrejas neopentecostais é fundamental na reflexão destes atores sociais sobre a

1. Os autores desenvolvem as reflexões deste livro desde 2010. Neste período foram realizados dois projetos de pesquisa que possibilitaram o registro da trajetória do grupo Tradição dos Orixás. Foram entrevistadas lideranças que participaram do processo de conformação do movimento nos terreiros e participações desse novo momento de reflexão e retomada das ações do grupo. Cabe enfatizar o apoio de duas instituições de pesquisa, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), que concederam auxílios que possibilitaram a pesquisa junto ao Tradição dos Orixás, são eles: “Políticas e Territórios de Cultura Afro-Brasileira: Memória, Identidade e Terreiros no Rio de Janeiro.” (FAPERJ, APq1, 2010) e “Observatório do Patrimônio Religioso: políticas, diversidade e memória no estado do Rio de Janeiro.” (FAPERJ, JCNE, 2013 e CNPq, 2013).

2. Cantiga entoada em ritos fúnebres – asèsè.

3. Os termos terreiro, *egbé*, casa e ilé aparecem nas narrativas dos integrantes do Projeto Tradição dos Orixás como sinônimos. Os autores adotam assim essa diversidade de nomeações no decorrer do texto.


trajetória do grupo que então se formou, sob a sigla IPELCY. O Instituto de Pesquisa das Línguas e Culturas *Yorùbá* posteriormente passou a ser chamado de Grupo de Trabalhos da Religião e, em seguida, de Instituto de Articulação das Religiões Afro-Brasileiras (INARAB)⁴. Após este processo ficou reconhecido como Projeto Tradição dos Orixás. O debate mais amplo sobre memória, identidade e patrimônio permite compreender a trajetória do grupo, que conta com uma associação entre “retórica da perda” (GONÇALVES 1989) e narrativa da resistência. É consenso nas falas dos integrantes do projeto que o conflito constitui o motor central que impulsiona as reações organizadas a partir dos próprios terreiros nos anos 1980, que repercutem até o presente em ações empreendidas por diferentes atores. A visibilidade adquirida nas redes sociais e na imprensa em geral, são exemplos de sua relevância. As narrativas pessoais (militantes e/ou religiosas) apontam que a inclusão dessas religiões – principalmente do Candomblé – no discurso dos movimentos sociais negros transformou-se processualmente ao longo do tempo, de pouco significativa a fundamental (GOMES e OLIVEIRA 2013).

Foram realizados dez encontros em diferentes terreiros, organizados por militantes do movimento negro e por sacerdotes do Candomblé. A proposta era articular as comunidades de terreiro em torno de ações concretas contra os ataques que, segundo as narrativas, eram tanto físicos quanto simbólicos. Hoje estes atores sociais são referências nos diferentes campos em que atuam (religioso, acadêmico e político), assim como nos debates em torno de preservação e proteção do patrimônio afro-brasileiro, nas esferas governamental e não governamental.

O sentido de preservação das religiões afro-brasileiras no contexto dos anos 1980 apresenta contornos singulares. É indissociável das transformações no próprio campo religioso brasileiro nas últimas décadas, com a entrada de novos personagens que incrementam e promovem mudanças significativas nas relações políticas, religiosas e sociais no espaço público. Por exemplo, mães e pais de santo (ou sacerdotes dos cultos afro, zeladores de *Àṣṣe*, *Bàbás* e *l'yàs* ou ainda autoridades civilizatórias), a partir dos contatos com o Tradição dos Orixás tornaram-se referências na interlocução dos interesses dos terreiros junto à sociedade e instituições oficiais. Nilson d’ Ossain, Joaquim

4. A sigla seria apropriada por um grupo que deu continuidade na cidade de Belo Horizonte. A concepção de que o INARAB deveria ser descentralizado e com escopo nacional era presente.





Motta, Reynaldo de Xangô, Gisele *Omindareuwá* e outros integraram “A Comissão”, como descrito adiante, que por ser aberta à livre incorporação de outros líderes com exercício sacerdotal nos terreiros, arregimentou mais de duas dezenas destes. Três são as *iyàs* que receberam e se engajaram no projeto Tradição dos Orixás, e continuam em atividade no grupo e em seus terreiros, e contam hoje com grande visibilidade social: Beata de Yemonjá (in memoriam)⁵, Meninazinha de Oxum e Mãe Palmira Navarro.

O movimento de reflexão e de autoavaliação promovido pelo grupo, quando reunido em 2016, reforça a perspectiva de que a responsabilidade pela preservação da tradição africana ou das religiões de matriz africana é dos próprios terreiros. Há, também, o reconhecimento de que o campo evangélico é diversificado e de que no vasto leque de igrejas vinculadas a esse campo existem tanto as fundamentalistas quanto as abertas ao diálogo. Por outro lado, também são imputadas aos integrantes de religiões afro-brasileiras as descaracterizações da tradição e do que o grupo entende tratar-se do principal espaço de transmissão de “valores afrocentrados” ou “civilização afrocentrada”: os terreiros. Para tanto, há uma problematização em torno do que significa a adoção do termo “religião” em detrimento de “civilização”, no sentido da epígrafe aqui escolhida. O primeiro representa uma fragmentação das esferas implementadas no Ocidente. O outro, a completude, o todo amparado na ancestralidade, este sim o “modo de existir” que a tudo dá sentido.

Com base nas falas de alguns protagonistas do projeto Tradição dos Orixás, apresenta-se o processo de construção dos posicionamentos e ações do grupo, que ressoam nesta nova fase de encontros para o enfrentamento da intolerância religiosa, que o grupo refere como racismo religioso. Figura central neste processo é o baiano Jayro Pereira de Jesus, impulsionador do movimento nos anos 1980, e de sua retomada em 2016. Foi ele o propulsor do discurso crítico que identifica que parte dos integrantes das religiões afro-brasileiras também é agente responsável pelos preconceitos dirigidos a elas, o que será abordado adiante. Outros integrantes compõem o inventário de narrativas sobre o movimento e que ainda são lideranças reconhecidas atualmente. Destacam-se as falas das *iyàs* Meninazinha, Beata, Palmira, do

5. No curso da escrita desta obra veio a falecer Mãe Beata de Yemonjá, em 27 de maio de 2017, aos 86 anos. Dentre as várias homenagens prestadas por grupos religiosos, o movimento negro em nível nacional e poderes públicos, está a adoção de seu nome para a rua em que está localizado o *Omiojuaro*, atualmente sob o zelo de um dos seus filhos carnisais, o *BábáIòrişà* Adailton Moreira.


Bàbàlòrìṣà Adailton Moreira, das *Ègbón mi* Mônica Miranda, Vanda Ferreira e Vera Ferreira, do *Ògán* Uilian Portela e dos ativistas Luiz Bruno e Sérgio Dias. São relevantes para a compreensão das repercussões e impactos na atualidade as narrativas da *Iyá* Wanda Araújo, Wanda de *Omolu* do Ilé Asé Egi Omim e do *Bàbàlòrìṣà* Paulo José dos Reis, Paulo de Ogum do Ilé Asé *Ògún Àlákòró*, iniciados à época das primeiras incursões dos ativistas do Tradição dos Orixás, para entendimento de seus pontos de vista acerca das práticas e consequências destas ações.

A tensão principal a mobilizar o grupo de ativistas e de parte dos responsáveis pelos terreiros consiste na preservação do patrimônio imaterial, representado no complexo cultural ali subsistente, sob o temor de que venha a desaparecer, asfixiado pela ótica de um empreendedorismo espiritual, dominado pela prevalência de seus aspectos ritualísticos e individualizados. Evidencia-se, assim, que no mesmo compasso das reações à perseguição religiosa preconiza-se uma reontologização dos terreiros, como espaços civilizatórios afrocentrados. Houve repercussões das ações do Tradição dos Orixás nas décadas posteriores, na medida em que nos anos 1980 a mobilização que eclodiu nos terreiros de Candomblé da Baixada Fluminense desdobrou-se para as campanhas contra o que tem sido cunhado como “intolerância religiosa”, hoje associada ao termo racismo religioso, conquistando visibilidade e reconhecimento.

O projeto Tradição dos Orixás pode ser considerado como importante agente das múltiplas atividades políticas empreendidas pelo movimento negro, por ocasião do Centenário da Abolição. A década de 1980, especialmente sua segunda metade, foi marcada por diversas reuniões em várias cidades do Brasil, de grupos de ativistas impulsionados pela visibilização de denúncias acerca das condições de vida da população negra, desde o fim jurídico da escravidão. Mendes (2014), discorrendo sobre os fatores que propiciaram “A Marcha que mudou o movimento negro”⁶, destaca que foi uma das mais impactantes manifestações do período deflagrada no centro da capital do Rio de Janeiro. O autor ressalta três aspectos: aponta inicialmente que o contexto era de sensibilidade social diante do Centenário, fato que gerou atenção da mídia em geral; refere “o avanço da Consciência Negra e da Luta Contra o Racismo, capaz

6. A “Marcha Contra a Farsa da Abolição” ocorreu no dia 11 de maio de 1988, sob enorme repressão das forças policiais.





de respaldar um plano objetivo de mobilização (...); e acrescenta que “a existência de entidades negras fortes e de uma militância que se espalhava por vários setores da sociedade (...)” produzia tamanha capilarização do movimento que acarretava sua multiplicação, com intensidade.

Singularmente, as constantes agressões de membros de igrejas evangélicas contra adeptos de religiões afro-brasileiras e seus templos estavam na pauta da grande mídia que, em diferentes episódios, editava matérias com manchetes alardeando as tensões e os conflitos entre os dois campos religiosos. Diante desta singularidade, o baiano Jayro Pereira, então integrante de uma organização do movimento negro da região da Baixada Fluminense, da cidade de Nova Iguaçu, o Movimento 20 de Novembro, passa a frequentar reuniões no IPCN – Instituto de Pesquisa das Culturas Negras. Com suas intervenções busca chamar a atenção dos demais ativistas para a importância da incorporação destas tensões e conflitos pelo grupo que planejava manifestações para o centenário da Abolição. Entretanto, suas “provocações” não surtiam os efeitos por ele desejados: “(...) eu ia só para provocar e não para militar. Eu ia só para provocar com coisas novas, que eu achava que podia engendrar no Movimento” (Entrevista Jayro Pereira, 08 jan. 2016). Naquele período, a militância contava com uma orientação marxista, preeminente nas lutas pela redemocratização do Brasil, quando a religião ou os grupos religiosos não figuravam como vanguarda revolucionária.

Foi então que Jayro Pereira agregou outros ativistas, que se sentiram motivados por essa reflexão. Estes, alguns já iniciados no Candomblé, tangidos pela experiência malsucedida de convencer os grupos que se reuniam no IPCN a aderir aos seus propósitos, fundam, em Nova Iguaçu, o IPELCY – Instituto de Pesquisas e Estudos sobre a Língua e Cultura *Yorùbá*. Em seguida, partem para uma conversa com Mãe Meninazinha. O segundo terreiro para onde o grupo se dirigiu foi o de Mãe Beata, indicada pela *iyá* do contato anterior. Abria-se mais um espaço de aglutinação, o que se repetiria gradualmente a partir de então, alimentando a formação da “Comissão”. Esta passaria a dialogar com o movimento negro e com outros grupos institucionalizados, portanto, na condição de autoridades legitimadoras da “causa”, para dentro e para fora dos terreiros.

7. No capítulo “Tradição dos Orixás e interlocutores” discute-se a conformação dessa Comissão e as implicações de sua atuação.

É preciso sublinhar o papel decisivo da acolhida inicial nos terreiros citados, tendo em vista que provavelmente este foi o fator determinante para a legitimação do grupo, inclusive junto ao próprio movimento negro.

Em evento que reuniu as principais lideranças deste movimento no Rio de Janeiro, no Centro de Formação de Líderes em Nova Iguaçu, às vésperas das manifestações do Centenário da Abolição, surge o GTR – Grupo de Trabalhos de Religião, coordenado pelo grupo liderado por Jayro Pereira, que daria origem ao Projeto Tradição dos Orixás. Cabe referir que, muito embora o grupo tenha produzido inúmeros documentos escritos (entre planejamento, roteiros de debates, convites, cartas, cartazes, relatórios e etc.), sua trajetória não conta com uma descrição ou um relatório que registrasse as atividades e a produção do grupo. Os documentos estão dispersos nas residências dos integrantes do projeto e muitos se perderam.

Considera-se que o Tradição dos Orixás é uma experiência viva na qual seus integrantes compartilham memórias, experiências e ideias com o objetivo de produzir sentido, afrocentrado, para as ações coletivas, mesma prática que permite atualmente (re)tecer seus momentos particulares, constitutivos de um todo a ser reaprendido.

Nas páginas seguintes são apresentadas figuras representativas do Tradição dos Orixás. Em seguida, a trajetória de Jayro de Jesus, considerado o principal articulador e intelectual desse processo. Será relatada com ênfase em sua própria narrativa. É traçada a construção e as principais concepções norteadoras dos debates do grupo, que compreendem argumentos a partir de uma perspectiva pós-colonial e afrocentrada.

Cabe sublinhar que a produção deste livro responde a um compromisso por nós assumido durante o I Encontro do Grupo Culturas Negras e Valores Civilizatórios, assim intitulado pelos remanescentes do Projeto Tradição dos Orixás, realizado no *Àsè Egi Omi*, na Ilha de Guaratiba, cidade do Rio de Janeiro, nos dias 12 e 13 de março de 2016. Na ocasião foi elaborado o documento *Síntese e Indicativo de Ação*, que registra a autorização de todos os presentes para a utilização de imagens e depoimentos coletados para a elaboração deste livro e outros documentos sobre o grupo, pelos pesquisadores Edlaine de Campos Gomes (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO), João Bodê (Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ) e Luís Cláudio de Oliveira (Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ).



O documento informa que:

os debates refletiram a expectativa do grupo quanto a necessidade de reafirmar uma nova dinâmica de atuação social dos Terreiros, em confluência com um novo olhar do movimento negro, para a defesa e disseminação dos pressupostos civilizatórios da tradição africana. Considerou-se que os elementos estruturais neles contidos – teórico-conceituais e epistemológicos, filosóficos e teológicos – devem consolidar uma reorientação dos enfrentamentos ao racismo, bem como dos seus desdobramentos, em especial o racismo religioso, comumente denominado de intolerância religiosa.

E ainda que

Foi consensual entre o grupo que as suas ações deverão contribuir para restabelecer os Terreiros como o principal lugar de referência da tradição africana, para além, portanto, da ritualística religiosa, levando a uma revisão das posturas personalistas que acabam por fortalecer o servilismo e a subalternidade, operados pela lógica revigorada do colonialismo. A ancestralidade deve ser reconhecida como o caminho para a reorganização da vida e da existência, restituindo, assim, o modelo de racionalidade que valoriza o “nós”.

O propósito, portanto, perseguido pelos autores é a ampliação do conhecimento sobre as lutas sociais contra o racismo, especialmente o que torna possível a continuidade, por décadas, da narrativa que aqui apresentamos, bem como seu redimensionamento. Também há o interesse de indicar, para reflexão futura, elementos intrínsecos ou não ao movimento negro que atualizam o debate sobre as transformações e tensões observadas no plano das identificações com o sagrado.

Assim dito, o livro que apresentamos é resultado do compromisso assumido de elaborar um documento para o grupo de remanescentes do projeto de ação política dirigida aos terreiros de Candomblé e Umbanda, desenvolvido há mais de trinta anos. Todos os depoimentos reveladores de personagens que interagiram na construção das ideias e dos fatos registrados e suas memórias foram aqui tratados com fidelidade, abrindo-se mão do que seria um texto propriamente analítico. O que propomos é descrever, a partir

das falas dos entrevistados, o processo de alianças em torno da ideia central de tomar a tradição africana, resguardada em fragmentos no espaço do terreiro, como ponto de partida para a reorientação da luta racial no Brasil.

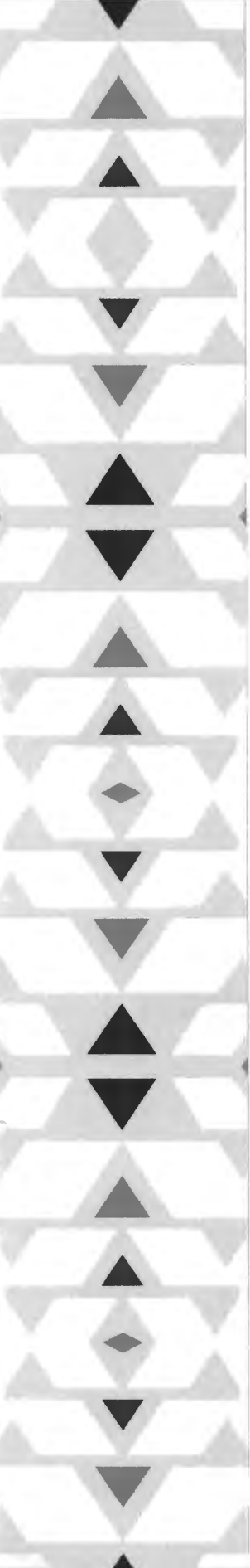
A concepção do grupo de ativistas do movimento negro, bem como de diversos artistas, intelectuais acadêmicos ou não, políticos, jornalistas, sindicalistas e outros que, ao longo de décadas, vêm seguindo e reformulando a base teórico-filosófica e epistemológica inaugurada pelo filósofo Jayro Pereira, encontra-se detalhadamente descrita na fala de seus interlocutores. Vale referir que o primeiro capítulo traz as memórias de agentes centrais do Tradição dos Orixás, segundo suas próprias palavras. Foi requerido a alguns deles que escrevessem sobre suas lembranças e percepções sobre a relevância da trajetória do grupo. Em alguns casos, inserimos transcrições de trechos de falas públicas ou entrevistas realizadas pela pesquisa, que abordam tal aspecto.

Justaposto aos depoimentos encontra-se parte substantiva do rico acervo fotográfico, cuja maioria das imagens foi produzida no bojo do desenvolvimento do projeto, capturadas por fotógrafos independentes que acompanhavam os deslocamentos do grupo e suas ações de forma voluntária, a exemplo dessas aqui exibidas, realizadas por João Bodê, atualmente professor do Departamento de Geografia da Faculdade de Educação de São Gonçalo, UERJ. Constam também imagens de documentos e notícias de jornais, que foram acessados no rico acervo do Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC/ECO-UFRJ), em particular, as coleções Relações Raciais e Centenário da Abolição. Outras imagens que compõem esta publicação foram produzidas entre os dias 12 e 13 de abril de 2016.

Destaca-se, entre estas, a foto de capa produzida naquela ocasião por Edlaine Gomes, que evidencia o gesto em que a *Iyá* Meninazinha de Oxum retém entre as mãos uma folha. Tal gesto bem poderia ser simbolicamente atribuído à integração dialógica do homem com a natureza, considerada pelo grupo como marco crucial dos valores civilizatórios da tradição africana.⁸ A foto da quartacapa, da fotógrafa Lorena de Paula, foi tirada no

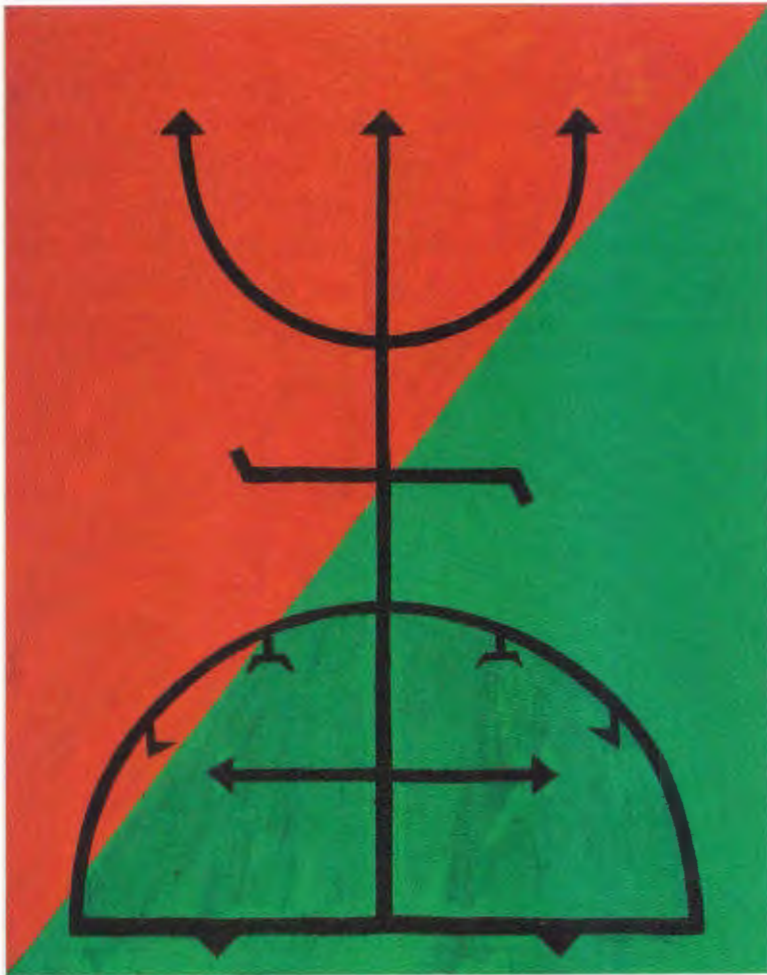
8. Durante a elaboração do presente texto foram identificadas diferentes grafias para palavras provenientes do yorùbá, que fazem parte do dia-a-dia dos terreiros. Procurou-se respeitar a forma adotada para nomear terreiros e lideranças religiosas, principalmente considerando como são grafadas nas placas de entrada dos terreiros e documentos. Por outro lado, chegou-se ao consenso da utilização da grafia yorùbá (BENISTE, 2014) em algumas passagens do texto, principalmente, considerando o histórico do grupo Tradição dos Orixás, que teve desde suas origens o investimento no estudo desta língua, em curso ministrado pelo IPELCY (Instituto de Pesquisa e Estudos da





terreiro de *Iyá Palmira*, nela está o dossiê “Guerra Santa fabricada” sobre o assentamento de *Ògún*. Essa composição é representativa para o Tradição dos Orixás. A *Iyá* explicou três significados para o assentamento: 1. *Ògún Oni Ire* = O guardião do *Aṣṣe*, o Senhor que nos protege; 2. *Ògún Ati Onan* = *Ògún* olhe os seus caminhos; 3. *Ògún Oba Erin* = *Ògún* Rei do Ferro, símbolo de resistência. Na confluência entre o dossiê e os três princípios de *Ogun* reside, resumida, a essência da proposta de luta registrada e documentada neste volume.

Língua Yorùbá). No final deste livro, foi inserido um breve glossário, com palavras mencionadas no texto em yorùbá, acrescentadas de grafias utilizadas mais usualmente, assim como foram transmitidas pela oralidade. Vale referir a relevância deste debate e a dificuldade na definição da grafia mais adequada a ser adotada neste livro, diante da riqueza que tal diversidade apresenta.



*“A afrofilosofia de diáspora está
espraiada nas comunidades-
terreiros, precisando ser
urgentemente decifrada e
potencializada!”*

A PERSPECTIVA DAS AUTORIDADES CIVILIZATÓRIAS

Pà Ewe, Pà Orìṣà (matou a folha, matou o Orixá). Maria Stella de Azevedo Santos, Mãe Stella de Oxóssi, Ilé Asé Òpó Afonja em Salvador, Bahia



*ÌYA BEATA DE IYEMONJÁ
IN MEMORIAM*

“FAZ PARTE DE TODA ÁGUA QUE TENHO NO MEU CORPO, de todo *ejé*¹, faz parte do meu viver essa fé nos orixás, essa religião que herdei dos meus ancestrais, os ensinamentos, a fé para passar os ensinamentos. Não sou professora, porque a gente sempre nasce aprendendo e morre aprendendo. Mas, sou aquilo que aprendi sentada numa esteira, num banquinho, eu sempre procurei, depois que tomei consciência do que é um verdadeiro cidadão, o que é a gente saber de onde veio e para onde vai, quem são os nossos (...). A todo momento eu vivo assim. Dos anos 80 pra cá, cada vez mais procurei subir essa íngreme ladeira, esse íngreme morro,

essa escada. E esperando mais irmãos, que nós tivemos desde o princípio, para um ajudar o outro. Que isso não fique só aqui em baixo, que até os nossos ancestrais lá em cima saibam que nós estamos lutando por eles, e só assim eles saberão. É a minha vida hoje em dia. Sou *iyá* aqui na Baixada Fluminense desde 1985, inaugurei aqui o Ilé OmiOjuAro, que tem sido, e

1. A palavra, em *yorùbá*, significa sangue. O sangue, ou o *ejé*, é a substância que faz fluir o *àṣe*, a força vital existente em todos os seres dos reinos animal, vegetal e mineral, podendo estar presente em mais de um elemento ao mesmo tempo. Por exemplo, vegetais, legumes, grãos, frutos, raízes e sementes, pertencentes ao reino vegetal, contém sangue vermelho, branco e preto.

eu costume dizer, um pedaço da África na Baixada Fluminense. Eu não sei o que seria de mim se não existisse a Baixada Fluminense. Porque eu sendo baiana, a Bahia não me deu tanta conscientização, porque vieram muitos negros, gente mesmo de fé, como Tia Ciata, Abedé, outros e outros que andaram lá na Bahia e trouxeram essa ramificação para aqui, e aqui foi bem fincada, bem aceita. Eu, no Rio de Janeiro, não desprezando a minha terra, ganhei muita confiança, muito amigo, muita gente pra entrar no barco e atravessar o Atlântico, para levar essa força longe. E entre uns está Jayro e a finada Gésia. Era tanta gente naquele tempo. Tinha Azoilda², que hoje em dia é uma grande professora, tanta gente. E aqui se tornou um polo. Todo mundo vinha parar aqui. Eu tinha chegado há pouco tempo ao Rio de Janeiro e aí comecei a frequentar o IPCN, tudo que fazia parte do movimento negro eu estava ali...

Há poucos dias ouvi essa voz, tenho direito de falar porque minha luta é constante. Não é? A nossa luta é constante. Porque nisso tem várias pessoas: Meninazinha, Palmira, pais de santos, *Ôpó Afonja*, finado Wilson, meu Pai Micênio, e tanta gente incansável. Então, hoje em dia uma pessoa só não pode dizer o eu, não pode falar o eu. Uma vez eu disse a Matilde³, que foi da SEPPIR, eu disse a ela: a gente não pode falar só no eu, a gente tem que se lembrar, o nós soa com mais força. Porque quando você fala o nós, você sabe que tem várias ajudas. O eu é você sozinho, é você só quem fala, é você só quem manda, não? Tanto faz a Umbanda, como faz o Candomblé, como faz o Ijexá, como faz o *Nágó*, como faz o Angola, como o Catimbó, como faz o espírita. O Tradição dos Orixás, como *Òdí*, que é um *Odù*, que são sete, os donos das sete portas, dos sete caminhos, dono do nosso destino, então o Tradição dos Orixás foi a abertura de tudo isso.”

2. Azoilda Loretto da Trindade, professora e militante histórica do Movimento Negro, falecida em 2015.

3. Matilde Ribeiro foi ministra-chefe da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, atualmente é professora na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB).





IYA

MENINAZINHA DE OXUM

“CONHECI O JAYRO ATRAVÉS DE UMA DAS MINHAS FILHAS DE SANTO. O Jayro costumava dizer que no Rio de Janeiro não tinha Candomblé. Baiano, não é?! Porque quando ele chegou ao Rio de Janeiro, ele foi convidado para um Candomblé e chegando lá era Umbanda, e ele ficou com aquela impressão e disse que Candomblé no RJ só tinha Èsù. Mas, que bom que Jayro chegou aqui. Fomos apresentados um ao outro. Então, eu o convidei para um Candomblé. Primeiro ele relutou um pouquinho, mas veio. Graças a Deus ele veio e tirou aquela impressão que

tinha. Daí nasceu a amizade. Depois, em uns dias da festa aqui, ele voltou me convidando para um projeto. Queria que eu participasse. Eu disse: não Jayro, não quero participar desse negócio, não! Eu não tinha muita noção. Eu não quero me meter em política, eu disse. Ele explicou que não era política partidária. Que bom que ele insistiu. Fico muito feliz em ter participado, foi muito bom, bom mesmo. Nós conhecemos outras pessoas, tudo com muito sacrifício.

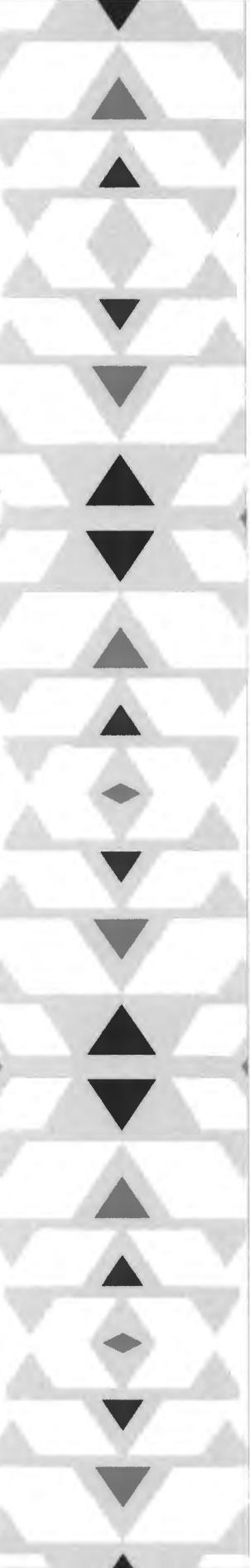
O primeiro encontro se deu aqui em casa e eu apresentei a ele outras pessoas que ele não conhecia, por conta de ele dizer que no Rio de Janeiro não tinha Candomblé. Apresentei Beata e várias pessoas que eu conhecia. Apresentei e graças a Deus fizemos todos nós juntos o Tradição dos Orixás: a Verinha, a Vanda, o Sérgio, vieram aqui com o Jayro, a finada Gésia, a Azoilda, eram daquele movimento. Era muita gente. Depois, nós começamos a participar. Ali foi o primeiro passo para chegarmos aqui hoje. Beata, Joaquim Motta, Nilson Feitosa, Palmira Navarro, eu também estava. Ah! Isso é de hoje... Não, não. Isso começou nos anos oitenta, com o Tradição dos Orixás. Era o que se dá hoje, a luta pelo reconhecimento do Candomblé, pela liberdade religiosa, porque nós sempre fomos perseguidos. E era isso, o que nós fazemos hoje, já fazíamos nos anos oitenta. Quando nós estávamos com aquele projeto, vimos algumas denúncias de *lyâwós* (iaôs) que vinham procurar o Jayro para dizer que sofreram agressões em condução, *lyâwós* tendo arrancados os *kèlès*, por evangélicos. Para chegar onde estamos hoje, para ter esse movimento da Marcha contra a intolerância religiosa, todo esse movimento começou naquela época. Eu acho que essa época foi muito importante para o que está acontecendo hoje.”

“NESSA ÉPOCA DE 1985, 82, 83, POR AÍ, Jayro funda o IPELCY aqui em Mesquita. E começa a ter aula de *Yorùbá*. A gente começa a conversar. Jayro começa a interceder junto com Mãe Meninazinha, Mãe Beata, com essas pessoas, essas lideranças religiosas. E a gente começa a fazer um movimento para quê? Para dizer um basta a essa intolerância que a gente estava sofrendo dessa Igreja Universal. Se faz aí, mais ou menos, uns 10 encontros dentro de comunidades de terreiro. Passávamos um dia numa determinada comunidade que era escolhida. Então, você chegava e tinha o café da manhã. Começa-se o trabalho com a mesa, expondo o tema em debate. Essa comunidade servia um almoço, geralmente uma feijoada, uma comida. E cada um colocava as suas propostas, falando das suas coisas. Assim, fomos arregimentando pessoas contra essa intolerância, essa discriminação.



ÌYA
PALMIRA NAVARRO

Foi quando saiu o primeiro dossiê contra a Igreja Universal. Dos encontros surgiu a realização de um congresso dentro da UFF. Levamos para a universidade essa discussão da discriminação religiosa e também falamos um pouco de dogma, de filosofia da nossa religião. Então, ali começou-se a abrir um pouco, vamos dizer, a prática ritualística do Candomblé. Para que as pessoas entendessem que aquilo ali não era uma coisa de terror. Inclusive, uma das coisas que falavam muito era sobre as oferendas através do sacrifício de animais. Mas, esse sacrifício de animais é um repasso das comunidades de terreiro. Eles são o alimento das próprias pessoas das comunidades de terreiro e dos convidados que vêm para a festa. Porque, ao contrário dessas igrejas evangélicas, essas fundamentalistas, determinadas igrejas, porque não são todas, vamos deixar isso bem claro, não são todas, não se cobra nada quando uma pessoa vem em uma festa. Se dá a comida gratuitamente. Nós repartimos aquilo que damos, porque isso é uma das bases da religiosidade afro, da própria vida social da África, é o bem da comunidade. Por isso chama-se comunidade de terreiro. Todos em prol do bem comum para todos. Então,



isso aí foi muito bom para a época, daí saiu a comissão *Ojuobá*, composta de 20 zeladores para dar continuidade a esse processo: Mãe Meninazinha, Mãe Beata, Nilson Feitosa, Joaquim Motta, meu pai Reynaldo de Carvalho, a Ekedí Tânia, que era uma procuradora da justiça, ela era uma Ekedí, a professora Gésia, tinha Rubens, tinha Caçula. Eu me lembro desses nove... Eu acho que a beleza de tudo é que vimos que a semente que foi plantada naquela época, em 1984, 85, hoje vemos pessoas brigando, lutando pela continuação do respeito à nossa religiosidade. Isso eu acho muito importante.”


“PARA MIM, ESPIRITUALMENTE FALANDO,

considero [o Tradição dos Orixás] um grande ebó, uma limpeza para retirar as vendas dos olhos e ajudar aos povos tradicionais e afrodescendente a se desvencilharem das pedras de tropeços colocadas pelo colonizador em nossos caminhos (...) Vejo que nos encontros do Projeto os nossos oris saem fortalecidos, com entendimento e com estratégias formuladas ou pensadas na luta contra aqueles que tanto nos oprimem. Estamos atravessando tempos difíceis, um momento duro, de muitas turbulências, propício a reflexões sobre nossas práticas para que possamos progredir e avançar, e principalmente, darmos respostas contra o filhote do racismo que é a intolerância religiosa.



ÌYA WANDA DE OMOLU

O projeto Tradição dos Orixás é um chamado para o abandono de práticas que impedem e depõem contra o nosso crescimento. É um chamado aos terreiros à responsabilidade social e para que funcionem como um espaço pensante, crítico, formador de conteúdos e opinião. São muitos os desrespeitos, descasos e humilhações por nós sofridos, é verdade. Mas precisamos ter coragem e valorizar projetos como o Tradição dos Orixás que nos empodera para combater o mal que aflige os negros e afrodescendentes brasileiros: o racismo. Precisamos encher o peito de coragem e sob as bençãos dos nossos deuses enfrentar o racismo (...) E não me refiro aqui ao racismo daqueles que não gostam de negros, me refiro ao racismo que nos desqualifica o tempo todo, que nos exclui, que assassina os nossos jovens, que nos divide, que nos coloca na defensiva e promove desigualdades. Não dá mais para sermos ingênuos e continuarmos em nossos terreiros reproduzindo estereótipos ofensivos e desrespeitosos e achar que é natural. Este é um ano de *Bàbá mi Òṣàlá* e um homem de sua estirpe vem com toda a sua sabedoria reviver o projeto Tradição dos Orixás para que ponhamos os pés no chão e de uma vez por todas comecemos a enxergar e analisar as situações desconfortáveis e constrangedoras criadas pelo racismo. Pai *Òṣàlá* é estratégico. Luta com a cabeça e não com o coração. O chamado é para a revisão e começar uma nova formação e organização de valores. Precisamos agregar, não nos dividir, pois



o processo de descolonização é muito delicado e dolorido. E o colonizador é sutil. E a nossa luta tem que ser contra as artimanhas do colonizador e suas práticas condenáveis. E não devemos nunca perder isso de vista (...) e é isso que o Projeto Tradição não nos deixa esquecer. Precisamos pensar no terreiro como um espaço de quebra de paradigmas, abertura de novos horizontes, de radicalismo e reconstrução de valores.”

“EU LEMBRO QUE NA DÉCADA DE OITENTA

havia um grupo encabeçado por Jayro Pereira de Jesus que começou a fazer essa mobilização política das religiões de matriz africana, especificamente o Candomblé. Foi Mãe Meninazinha de Oxum que me apresentou. Pude fazer um resgate dessa memória na semana passada. Eu digo que sou o reflexo dessa mãe de santo, porque se hoje minha cabeça queima, agradeço um pouco a ela. Foi ela com o antigo trabalho do IPELCY, Instituto de Pesquisa e Estudo da



Bábálòrìṣà
ADAILTON MOREIRA

Língua e Cultura *Yorùbá*. Tratava-se de refletir exatamente de que forma as comunidades de terreiros – que era o termo que nós utilizamos e acho que foi cunhado nessa época, no final de 70 para 80 – poderiam organizar, no aspecto da construção da cidadania e da democracia brasileira, o exercício da nossa liberdade religiosa. Mesmo porque em 88 a Constituição ainda não tinha sido promulgada.

Então o que acho muito interessante é que já estavam dados os primeiro passos a partir do IPELCY, do antigo INTECAB, que era nacional, o IPELCY era regional, era Rio. Mas aí foi quando começaram a despontar as grandes mães de santo, os pais de santo da época, querendo mobilização política para combater a “guerra santa”, com o movimento de religiões pentecostais agredindo ferreamente as comunidades de terreiro e seus adeptos. Eu lembro que a primeira pessoa que bateu aqui no Miguel Couto nos convidando para fazer parte desse trabalho foi Mãe Meninazinha. Chegou e disse: ‘Beata, Adailton nós não podemos estar fora desse processo político, dessa organização do nosso povo. Porque há muitos casos de investidas contra os terreiros, contra os adeptos.’ No meio da rua as pessoas apanhavam, era muito mais violento e agressivo do que hoje até, a estrutura era outra e as pessoas se achavam no direito, porque também não havia essa lei toda que nos protegesse, que nos salvaguardasse. Então foi aí que comecei a militar dentro de um movimento religioso afro-brasileiro e no movimento negro, foi daí que comecei a perceber que era religioso e que também eu tinha identidade política enquanto negro. Isso na década de 80, eu devia ter uns 18 anos.”



VANDA FERREIRA
PEDAGOGA

“EM MEADOS DE 1986, EU ESTAVA Coordenadora do Projeto Zumbi dos Palmares do Departamento Geral de Cultura da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. O referido projeto teve como premissa principal implementar a história das civilizações africanas de língua portuguesa e do povo negro no Brasil em um dos eixos pedagógicos da rede municipal de ensino. No desenvolvimento deste projeto houve ações transversais com o setor responsável pela animação cultural do CIEP (Centro Integrado de Educação Pública), e com as instituições do Movimento Negro junto a setores da

sociedade civil. Assim sendo, recebemos os representantes do Instituto de Pesquisas e Estudos da Língua e Cultura Yoruba (IPELCY), Jayro Pereira de Jesus e a Gésia de Oliveira, para identificar possibilidades de cooperação, uma vez que os esforços feitos por eles para a continuidade do Instituto corriam o risco de existência, e esta reunião com a Coordenadora do Projeto Zumbi dos Palmares seria uma boa parceria no sentido de prosseguir as ações do IPELCY.

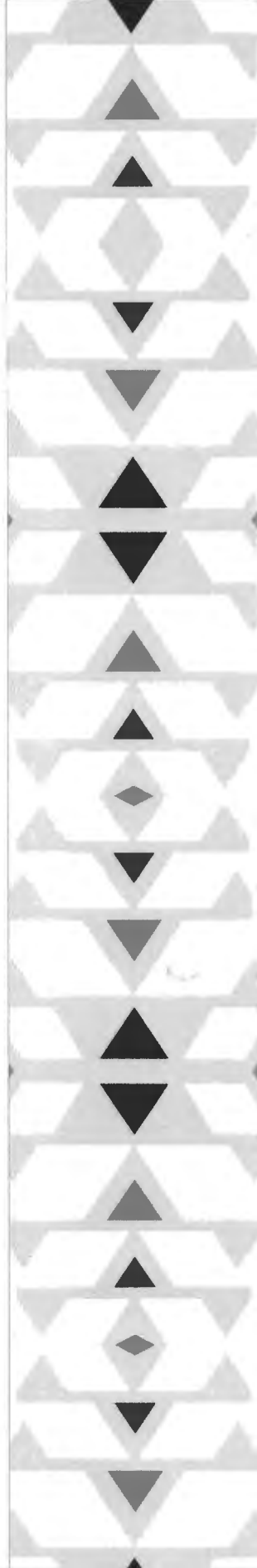
Do referido encontro ficou estabelecido que o IPELCY poderia utilizar o espaço e a estrutura do Projeto Zumbi dos Palmares dentro da Secretaria Municipal de Educação, e em contrapartida a Secretaria seria patrocinadora das ações do IPELCY, dentro do que fosse permitido conceder. As reuniões de trabalho com os representantes dos Templos Religiosos de Matrizes Africanas e com as instituições do Movimento Negro foram uma das ações culturais do Projeto Zumbi dos Palmares em parceria com o IPELCY. Baseada neste fato, eu expressei que essa coparticipação foi a base do fortalecimento e da expansão de todo o processo filosófico, político e de vanguarda do ideário de Jayro Pereira de Jesus como um grande visionário, que ele é, e também como o pioneiro de toda e qualquer iniciativa nessa área de conhecimento em todo Brasil até os nossos dias. Outro momento importante foi o I Encontro Estadual de Negros em Moquetá, quando do término das atividades foram estabelecidos Grupos de Trabalho – GTs para o desenvolvimento de pauta

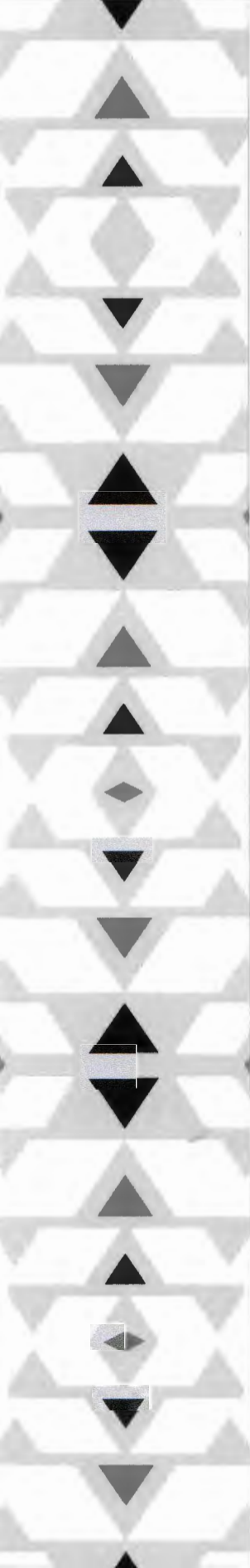
deste Encontro. Um desses GTs foi o de Religião, formando assim, a equipe das Tradições dos Orixás sob responsabilidade de Jayro Pereira de Jesus, e me parece que este GT, e o GT de Política sob o comando do grande companheiro Marcílio Ferreira cumpriram suas responsabilidades recebidas naquele Encontro. Ao verificar o currículo e ações do Jayro Pereira de Jesus desde o IPELCY até o FUAB (Fórum Ubuntu Afro Brasileiro) para mim fica notório que aquela atitude de 1986 como política de governo foi um plantio do nosso Baobá que não nos permite morrer em prol e defesa de um Estado Laico onde possamos de fato, quem sabe um dia, escrever os nossos cultos religiosos com respeito e dignidade.

Vale lembrar que essas ações cresceram tanto, que tivemos uma parceria com o Conselho Municipal de Defesa dos Direitos do Negro – COMDEDINE, que cedeu espaço de um auditório para nossos encontros e não sabíamos que uma das esposas de uma autoridade desse gabinete era evangélica, e nossas reuniões começavam e terminavam com cânticos religiosos de saudações aos nossos Deuses.

Até que um dia, essa senhora se encontrava no Gabinete ao lado do dito cujo auditório e indignada ao ouvir nossos hinos, chamou os seguranças e então fomos expulsos do prédio. E ressaltar ainda que o horário de utilização do espaço era das 18h às 20h. Como estratégia naquele momento ficamos em silêncio e o IPELCY fica novamente sem espaço físico, mas desta vez com um acervo e uma história bem solidificada. O interessante deste acontecimento não foi só por parte do IPELCY, talvez também, para não expor a gestão da Secretaria – a ocorrência de uma esposa de servidor público ter dado ordens, esse episódio nunca foi comentado na Prefeitura, nem nas fofocas de corredor. Penso que nossa ancestralidade e Exu tomaram conta do silêncio, imaginem essa história virar manchete no final dos anos 80, próximo às celebrações do Centenário da Abolição. E, é nesse contexto que fomos à procura do Ivanir dos Santos, hoje Professor Doutor Babalawo, dirigente da Associação dos Ex-Alunos da FUNABEM, onde o IPELCY, o GT das Tradições dos Orixás e o Jayro foram recebidos de braços abertos e de lá saiu toda a estrutura do I Encontro Estadual de Tradição dos Orixás e a realização ocorreu no auditório do DCE da UFF, em Niterói, em 1988.

O processo de sensibilização nas Casas de Santo foi o mais rico possível, em alguns espaços as pessoas inicialmente ficavam receosas, mas





pouco a pouco elas foram seduzidas pela fala do Jayro Pereira de Jesus, e gradativamente elas iam se tornando ativistas da causa e ampliando para os seus adeptos novos conceitos e então o próximo passo seria marcar uma reunião de todas as pessoas do Ilê Axé!

Qual o saldo positivo dessas realizações?

- O empoderamento das(os) religiosas (os) e o seu reconhecimento na sociedade civil;
- Os jovens que participavam naquela época, hoje dirigentes religiosos, fortes na luta contra a intolerância religiosa.”

“TUDO COMEÇOU QUANDO

particpei na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, do Curso de Culturas e Conscientização Negra do IPEAFRO, ministrado pelo saudoso Abdias do Nascimento e sua esposa Elisa Larkin. No término do curso, em dado momento um homem pede a palavra, para dissertar sobre seu trabalho desenvolvido no Instituto de Pesquisa e Língua da Cultura Yorùbá – IPELCY, situado na Baixada Fluminense. Este homem era o teólogo Jayro Pereira

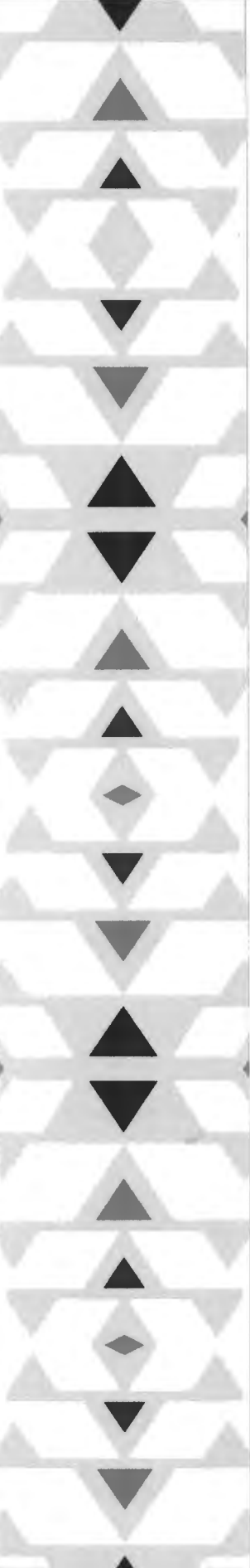


ÈGBÓN MI
VERA FERREIRA

de Jesus. O discurso do Jayro envolveu-me profundamente, e por isso registrei o local em que ocorreriam os encontros. Fui assistir a minha primeira reunião, e tive a oportunidade de conhecê-lo e desde então passei a fazer parte do Grupo de Trabalho de Religião – GTR, que culminou em dez Encontros Regionais e a I Conferência Estadual da Tradição dos Orixás, realizada na Universidade Federal Fluminense – UFF, em Janeiro do ano de 1988. Integrar este projeto e falar sobre ele para mim é muito gratificante, pois teve muito a contribuir em aspectos importantes de minha vida, em nível profissional e pessoal.

Naquele momento, na década de 1980, o país vivenciava momentos políticos e sociais difíceis, no qual os movimentos sociais/negro se fizeram presentes nas lutas por conquistas de direitos. As reuniões do GTR, procedidas de discussões de atualidades me ajudaram na compreensão dos fatos ocorridos no dia a dia, me fortalecendo a consciência e me impelindo a aderir à greve em meu trabalho. Na questão pessoal, despertou habilidades que até então desconhecia. Anos mais tarde concluí minha graduação em Serviço Social, com Pós-Graduação em Mediação de Conflitos com ênfase em Família. No aspecto religioso, foi através das discussões contínuas e esclarecimentos sobre a cosmovisão *yorùbá*, que decidi me iniciar no Culto dos Orixás.

Embora tenha crescido ouvindo dizer que eu deveria ser iniciada, por uma questão familiar, somente esta razão não me satisfazia, não respondia às minhas indagações. Havia uma necessidade de obter maiores informações, não ficar presa com o pouco que as escolas preconceituosamente passavam



de um modo geral sobre a cultura negra. Com o projeto Tradição dos Orixás tive o privilégio de conviver e ouvir os ‘meus mais velhos’, a Professora Gésia de Oliveira, Jayro Pereira de Jesus e os demais componentes. Naquele momento nascia uma grande amizade que perdura até os dias atuais. Através da compreensão da filosofia/visão de mundo yorubana, que até então era totalmente desconhecida para mim, despertei para uma eterna busca de conhecimento, principalmente nas religiões de matrizes africana, e essa incessante procura só o tempo poderá interromper.”

“MINHA INSERÇÃO EM PROGRAMAS

e atuação em projetos remontam à minha iniciação no Candomblé, em 1987, e minha militância no movimento negro, iniciada em época semelhante. A partir de tais associações, minha trajetória se deu primeiramente acerca da discussão da valorização da cultura negra, culminando em vários projetos de visibilização e valorização, reforçados também durante minha passagem no projeto Tradição dos Orixás. Nesses encontros que a vida nos proporciona, conheci a professora Vanda Ferreira, que me apresentou o Jayro Pereira de Jesus e as outras pessoas que integravam o grupo. Entrei no projeto em 1987, naquela época eu não tinha uma visão clara do que era política. Ainda estava me descobrindo enquanto negra, culturalmente estava me



ÈGBÓN MI
MÓNICA MIRANDA

encontrando. Na ocasião, por ser muito jovem levava mais na brincadeira, mais nada que me atrapalhasse, pois foi através dessa participação que entendi a necessidade de entrar para a academia. Com o Projeto Tradição dos Orixás adquiri métodos de organização, conhecimentos de entrevistas e técnicas de abordagens, que anos mais tarde utilizei em minha vida de graduanda no Curso de Ciências Sociais da UFRRJ. Pode-se dizer que esse projeto me fez agregar conhecimentos e grandes amizades, e que muito contribuiu na minha vida, tanto no âmbito da militância política quanto no social.

Hoje sou cientista social formada pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, concluí a graduação me debruçando sobre os questionamentos acerca da aplicação da Lei 10.639/03 nas escolas da Zona Oeste e Baixada Fluminense, amparada também pelos debates acadêmicos sobre direitos humanos enquanto Bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência e pelo Programa de Educação Tutorial. Neste último conduzimos um projeto ‘Papo de Terreiro’ acerca da visibilidade das Religiões de Matrizes Africanas, que contou com um mapeamento das casas de Seropédica e culminou na lavagem das escadarias do principal prédio da universidade.”



*SÉRGIO DIAS, MILITANTE
DO MOVIMENTO NEGRO*

“PENSAR, MEMORIZAR E LUTAR.

São três as ações importantes para tratar da relevância do projeto Tradição dos Orixás, idealizado por Jayro Pereira, no final dos anos 1980, que acrescentam uma nova visão para incrementar as diretrizes políticas do movimento negro no esforço de desconstruir as artimanhas dos (atuais) colonizadores e dos colonizados. O Tradição dos Orixás plantou suas raízes em território negro: no movimento de ação política e nas Casas de Àṣṣṣ. Essa ação de uma nova forma de ver o mundo a partir de um olhar afrocentrado força a amplitude do próprio movimento negro, alicerçando-o em uma memória, na nossa

originalidade e ancestralidade. Esse procedimento atíça ainda mais a luta contra o racismo. Este não deve ser visto e entendido como apenas uma coisa de pele, mas como um artefato poderoso dos colonizadores no intuito de despersonalizar, desmemorizar, fragilizar, descaracterizar o elo de uma identidade histórica que une a África e o Brasil. Descortinar a fenda colocada sobre diversos assuntos na qual a sociedade é envolvida ajuda a entender os motivos de uma elite oligárquica e racista a atuar na destruição dos espaços sagrados e dos quilombolas. Entender que a tomada desses lugares a fim de urbanizar, de plantar, é um ataque à memória da ancestralidade.

Há uma ação constante de apagamento da memória negra em sua totalidade. Compreender essa leitura que começa com a máquina de escrever e avança nas páginas das redes sociais possibilita uma maior dinamização das ideias, atingindo pessoas adeptas de outros segmentos religiosos e até mesmo os ateus, numa perspectiva inicial de descolonização. A importância do caminho iniciado por Jayro Pereira, Gésia de Oliveira, Uilian Portela, Vanda Ferreira, Mãe Beata, Mãe Palmira e Vera Ferreira, contribui para gerar um enriquecimento intelectual do próprio movimento negro, possibilita a aproximação da identidade separada pelo oceano e pelo tempo. Devemos ter em nós a utopia do retorno da nossa identidade plena, mas para isso não podemos nos acomodar e sim incomodar, radicalizar.”

“EMBORA TODO O PROCESSO DE LUTA

iniciado pela comissão de religião tenha surgido com o objetivo de dar uma resposta aos ataques de evangélicos contra as religiões de matriz africana, em 1987, os passos construídos produziram muito mais do que isso (...). Em 1987, o movimento negro do Rio de Janeiro organizou em Moquetá o I Encontro Estadual do Movimento Negro do Rio de Janeiro. Um dos objetivos deste evento era aproximar as instituições do




LUIZ BRUNO, MILITANTE DO MOVIMENTO NEGRO

movimento de militantes da causa negra. Várias instituições participaram, entre elas, o IPELCY (Instituto de Pesquisa de Língua e Cultura *Yorùbá*), liderado por Jayro Pereira de Jesus e pela companheira já falecida, Gésia de Oliveira. O enfrentamento do racismo existente nos ataques evangélicos contra as religiões de matriz africana se constituía em foco central da luta desenvolvida pelo IPELCY. A instituição esperava realizar a 1ª Conferência Estadual da Tradição dos Orixás, onde estas questões seriam avaliadas, e se buscariam respostas concernentes a tal problemática. No próprio encontro se formou uma comissão, denominada GTR (Grupo de Trabalho de Religião) e começaram a se traçar estratégias para estabelecer relações mais próximas entre o povo do santo e o movimento negro do Rio de Janeiro.

A partir do encontro estadual esta comissão passou a se reunir na Secretaria de Educação do Município do Rio de Janeiro, depois, na Secretaria de Cultura do mesmo município, espaços conseguidos pela eminente professora Vanda Maria de Souza Ferreira e, a seguir, na ASSEAF (Associação dos Ex-Alunos da Funabem), protagonizada por Ivanir dos Santos. Foram realizadas 25 reuniões desta comissão objetivando a realização da conferência estadual. No primeiro momento havia uma reunião geral, onde eram discutidos textos produzidos por membros do GTR, que procuravam ratificar a centralidade da produção civilizatória empreendida nas comunidades de terreiro e demonstrar





as relações entre o racismo, o etnocídio e o epistemicídio contido nos ataques evangélicos às religiões de matriz africana. Num segundo momento havia a reunião da comissão religiosa, onde pais e mães de santo decidiam os rumos a serem tomados pelo movimento dentro de uma perspectiva de protagonismo político e de autorreconhecimento de sua centralidade civilizatória. Realizaram-se dez encontros regionais, preparatórios da 1ª Conferência Estadual da Tradição dos Orixás. A partir desses encontros, várias ações passaram a ser empreendidas na área jurídica, na política e na cultura. Do ponto de vista jurídico, fizemos a Ação Pública contra a intolerância religiosa, entregue ao então procurador-geral da república Aristίδes Junqueira e ao vice-procurador-geral Cláudio Lemos Fonteles, com a presença dos membros da comissão religiosa, a Mãe Meninazinha, Mãe Beata e Adailton e Fátima, no ano de 1988, fato que deu a este trabalho uma visibilidade nacional e internacional. Na política, houve a reunião de membros da Comissão Religiosa com a Comissão de Direitos Humanos da CNBB (Comissão Nacional dos Bispos do Brasil). E, ainda no plano da cultura, tivemos a premiação pelo Caderno Ideias do Jornal do Brasil, como o melhor projeto cultural do ano (1988).”

“EU ME INTEGREI AO PROJETO TRADIÇÃO DOS ORIXÁS

no quarto encontro, que aconteceu na casa do finado Joaquim de *Omolu*, lá no Parque Elías, em Nova Iguaçu. (...) A primeira vez que eu coloquei meu pé num terreiro, numa comunidade-terreiro de Candomblé foi na Casa do Pai Joaquim. Conhecia pessoas, tinha amigos do Candomblé, mas nunca tinha visto. Mas ali abriu um leque (...) Aquilo não era uma discussão religiosa pura e simplesmente, ali era uma discussão política. Era uma organização social discutindo políticas sociais para as religiões afro-brasileiras. Na verdade, não se falou ali em dogmas, em tradições, a questão religiosa em si não se discutiu.

Mas se discutiu políticas públicas para o Candomblé e para a Umbanda. Eu achei uma coisa muito legal. Não fui lá com expectativa nenhuma. Eu fui por conta do que eu tinha ouvido no rádio e achei importante participar.

Chegando lá o que eu encontrei foram pessoas discutindo, sim, políticas públicas em todos os ângulos: políticas públicas para educação, para saúde, para a própria organização das comunidades-terreiros, independente de nações ou de diferenciações que possam ter, ou que as pessoas imaginam que tenham tanto no Candomblé como na Umbanda e também não existia discriminação entre Umbanda e Candomblé. Foi um encontro muito legal porque dali eu conheci muitas pessoas. Conheci o Jayro nesse dia, conheci a Verinha nesse dia (...). Nesse primeiro encontro que eu fui tinham umas quinhentas pessoas! Era uma militância! E foi aí que eu resolvi investir uma parte do meu tempo para também trabalhar nisso. Além de eu ter me engajado no Tradição dos Orixás, me engajei também no Movimento Negro.”



ÒGÁN
UILIAN PORTELLA



GÉSIA DE OLIVEIRA
IN MEMORIAM

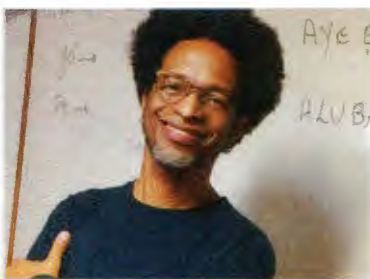
“É IMPORTANTE QUE A GENTE ESCLAREÇA as razões históricas desse processo de marginalização porque passam as religiões negras no Brasil. Nós sabemos que o negro quando chegou ao Brasil não chegou por vontade própria, chegou por meio de um processo de escravização. E esse processo de escravização levou não só a sufocar esse homem negro, esse grupo negro economicamente, mas também

politicamente e ideologicamente. Procurou sufocar seus valores espirituais, seus valores morais, seus valores religiosos. Esse processo permanece até hoje. Quando grupos de igrejas cristãs atacam, discriminam, senhorizam, perseguem as religiões dos orixás. Eles são uma face da dominação pela qual passou o grupo negro no Brasil, e que ainda não teve o seu fim. Nós estamos num ano – e essa foi uma colocação que eu ouvi de alguns *Bábálòrìshàs* – e temos que aproveitar esse momento histórico, realmente (...), em que se fala em comemorar o centenário da abolição, e no entanto o que a gente constata? O fato de nós estarmos aqui hoje lutando, debatendo essas questões é uma constatação de que esse processo de escravização na verdade não chegou ao fim. A questão da liberdade e da conquista dos direitos de cidadania do povo negro ainda está em processo, ainda está por ser concretizada... ainda está por ser efetivada. É por isso que a gente remonta a esse aspecto da religião dos Orixás, por ser uma religião negra.”⁴

4. A fala desse personagem foi extraída do registro fílmico realizado no Primeiro Encontro Regional da Tradição dos Orixás. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=sb0dlbVTEEQ>. Acessado em 02 abril 2018.

“A TRADIÇÃO YORÙBÁ NUNCA FOI PARA MIM UMA RELIGIÃO,

mas, um modo de ver e viver a vida que inclui, é claro, aspectos da religiosidade ancestral africana. Nasci imerso nessa cultura. Tudo o que aprendi inicialmente foi através da prática, da observação e da transmissão oral. Aprendi vendo, fazendo e ouvindo sobre o fazer dos antigos. Desta forma, aprendi, sem perceber, cantigas (*orin*) e rezas (*adurá*) antes mesmo de aprender a ler ou escrever em português.



CARLOS HENRIQUE ÒNA
VELOSO


Contudo, esse aprendizado, necessário e suficiente para as práticas cotidianas, não era suficiente para uma mente curiosa como a minha. Assim, busquei conhecer as causas de todo o fazer prático realizado na tradição na qual estava inserido. Busquei explicações sobre todo o meu aprendizado. Para mim, apaixonado pelo saber, querendo ser um sábio (*oḷogbṛṅ*), este conhecimento se apresentava como necessário.

Nesta busca soube, nos idos da década de 80 (século XX), de um curso de *yorùbá* que aconteceria em Mesquita, ministrado por dois nigerianos: Michael *Kayode* Owolabi e Michael *Oluyemi Oluwafemi*, organizado e coordenado por Jayro Pereira de Jesus. Eu tinha pouco mais que 20 anos e uma sede de beber oceanos em relação ao *yorùbá*.

‘*Yorùbá*: Fale um idioma africano.’ Esse era o título do curso. Reconheço que era um curso bastante introdutório. Contudo, para mim, naquele momento da vida, ávido pelo conhecimento de minha tradição, era tudo o que eu precisava.

Ter um conhecimento preliminar da língua me possibilitou avançar em meus estudos e compreender melhor a minha tradição. Hoje, compartilho o que venho aprendendo na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ministrando o curso: *Yorùbá*: cultura e língua, traduzindo e estudando os versos de Ifá e os muitos provérbios existentes no idioma *yorùbá*.

Tenho claro que muitas foram as variáveis que afetaram o meu caminho e me possibilitaram estar nessa condição de professor/pesquisador da cultura



e da língua *yorùbá*. Porém, é impossível negar que foi aquele cursinho, lá em Mesquita, organizado e coordenado pelo *Ègbón mi* (meu irmão mais velho) Jayro de Jesus, que me mostrou a direção. Ao Jayro, minha gratidão (*opé*) e meu respeito (*ijúbà*) pela ofício e caminhada.”⁵

5. Carlos Henrique *Ònà* Veloso é pós-doutorando em Filosofia (UFRJ); Doutor em Bioética, Ética aplicada e Saúde Coletiva (UFRJ, FIOCRUZ, UERJ, UFF); Mestre em Filosofia (UFRJ); Pesquisador do laboratório de Estudos Clássicos – OUSIA/UFRJ; Coordenador do Núcleo de Filosofia de Ifá – NIFÁ; Professor/pesquisador do projeto de Extensão Órgana: línguas instrumentais para filosofia (UFRJ); Professor da rede pública de educação do Estado do Rio de Janeiro.

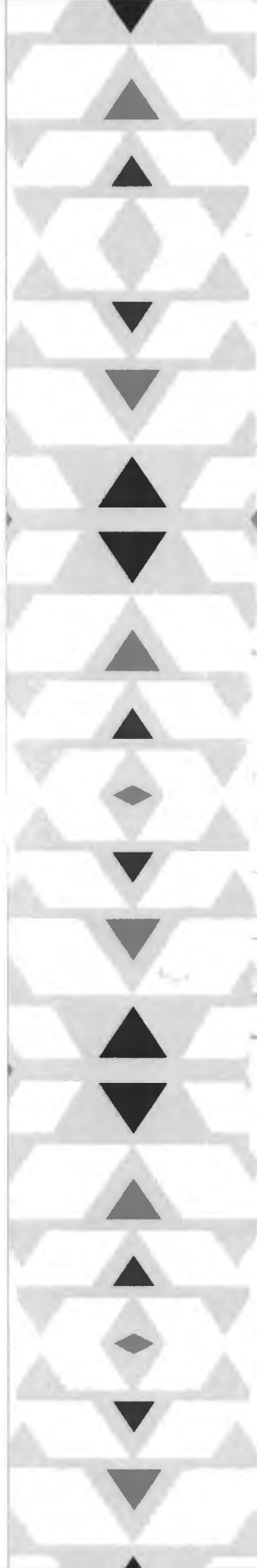
FORAM MUITOS OS COLABORADORES DIRETOS DO TRADIÇÃO DOS ORIXÁS. Abaixo reproduzimos os nomes citados (e assim como foram citados e escritos na listagem obtida) pelos entrevistados, que faleceram, retornaram à massa de origem, alguns registrados no documento “Dossiê: A Guerra Santa Fabricada”, elaborado pelo grupo, que será apresentado mais adiante:


Bàbálòriṣà Joaquim Motta
Bàbálòriṣà José Flávio Pessoa de Barros
Bàbálòriṣà Nilson d’ Ossain
Bàbálòriṣà Rubens
Ègbón mi Edilon de Xangô
Ègbón mi Hugo D’ Ogum
Ekeḍi Tânia Maria Salles Moreira
Mãe Flor (Florinda de Iyà’san)
Professora Azoilda Loretto
Professora Gézia de Oliveira
Iyà Beata de Yemonjá
Iyà Omindarewa

Dentre todos os nomes, destacamos Mãe Beata, Mãe Meninazinha e Mãe Palmira, personagens absolutamente indissociáveis de todo o processo de construção, implementação e atualização do Tradição dos Orixás.

Beatriz Moreira Costa, nascida na cidade de Cachoeira de Paraguaçu, no Recôncavo baiano, em 1931, a Mãe Beata de Yemonjá: “Sou *Iyà’san* aqui na Baixada Fluminense desde 1985, inaugurei aqui o *Omiojuaro*, que tem sido e costume dizer, um pedaço da África na Baixada Fluminense.” Deixou um legado como escritora e é referência no Brasil e no exterior. Publicou, entre outros, os livros *Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros* (2002) e *Histórias que a minha avó contava* (2004). Organizou e participou de eventos que promoveram debates sobre direitos humanos, educação, saúde, combate ao sexismo e ao racismo (Entrevista Mãe Beata de Iyemonjá, 04 out. 2010).

Mãe Meninazinha de Oxum foi a quem coube receber o Primeiro Encontro Regional promovido pelo Tradição, no Ilé Omolu Oxum, inaugurado por ela em 1968. Em 2010, recebeu a medalha Tiradentes, da Assembleia Legislativa





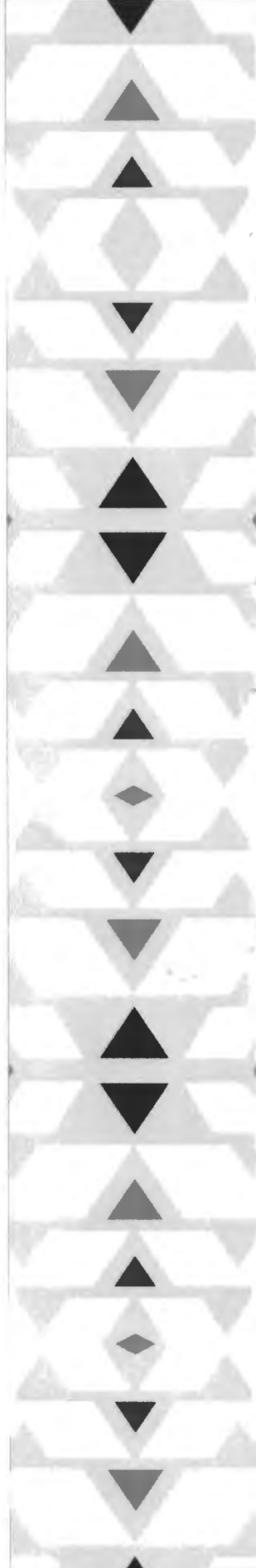
do Rio de Janeiro, maior condecoração do estado e das mais expressivas do Brasil. Na atualidade o Ilé é reconhecido por ativistas de movimentos sociais e por intelectuais como instituição de desenvolvimento de projetos sociais e socioculturais, destacando-se a criação do Memorial *lyà Davina*⁶, um centro de documentação e pesquisas sobre sociedade e cultura afro-brasileiras.

Outra mãe de santo que também despontou como liderança para além de seu próprio *Egbé* (sua comunidade de culto), o Ilé Omo Oya Leji, em Mesquita, foi Palmira Navarro, nascida em 1944 no município de Juiz de Fora, Minas Gerais. Ela protagonizou um dos episódios mais marcantes entre os enfrentamentos dos candomblecistas que passaram a reagir energicamente contra o que classificam como perseguição racista de membros de igrejas neopentecostais. No início da década de 1990 processou judicialmente a *Folha Universal*, periódico produzido pela Igreja Universal do Reino de Deus, por calúnia e difamação. O jornal foi autuado e forçado a acatar decisão favorável à indenização, pela publicação de imagens de crianças do terreiro, para ilustrar matéria ofensiva intitulada “Filhos do demônio”. Passada uma década, outra ação judicial movida pela Mãe Palmira derrotou a editora do livro *Candomblés, Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?*, de autoria de Edir Macedo, impondo, a partir da mesma fundamentação, nova indenização (GONÇALVES 2007, 233).

À época das primeiras articulações para a realização dos Encontros Regionais, era comum o grupo de ativistas se referirem a estas como mães de santo, *lyàs* ou, mesmo frequentemente, zeladoras. No decorrer dos encontros e nos intervalos entre um e outro, durante as inúmeras reuniões de preparação que ocorreram, convencionou-se nos momentos de abertura e de encerramento solicitar às “autoridades” da hierarquia dos terreiros a realização de orações, em *yorùbá*, conforme a tradição observada nos terreiros de Candomblé. O reconhecimento da autoridade da Casa era explicitado nas deferências rigorosamente prestadas até que a própria autorizasse a continuidade das atividades. Isto mais se pronunciava durante as mesas de direção dos encontros, compostas inequivocamente pela autoridade da Casa que os sediava e as demais que se fizessem presentes. Além desses, também compunham as mesas os “especialistas” da comunidade científica, convidados com o intuito da capacitação propriamente dita do conjunto dos presentes, especialmente aqueles que compunham as Comunidades do *Egbé*.

6. Freitas (2016) analisa a trajetória de criação do Memorial *lyà Davina* e sua importância como patrimônio das religiões de matriz africana.

O que vale sublinhar aqui é que, para os ativistas, o que legitimava a autoridade dos sacerdotes era *a priori* seu papel de liderança nos ritos, e também, sua representatividade que era reconhecida pelos filhos de santo e outros frequentadores. Portanto, o lidar cuidadoso dos ativistas com o expoente da Casa era o que permitia melhores garantias de que o propósito estratégico do grupo estava ali e dali para adiante assegurado. Porém, ao longo dos anos, o conceito de autoridade hierárquica foi sendo submetido a frequentes reflexões de Jayro Pereira, provocadas pelos estudos afrocentrados e a observação do que se passa efetivamente no interior dos terreiros.





CADERNO DE IMAGENS

*Registros dos encontros do grupo
O Tradição dos Orixás*

décadas de 1980 a 1990

[acervo de João Bodê]



















21



22





































LEGENDA DE IDENTIFICAÇÃO

Imagens Fotos	Identificação	Comunidade de Terreiro	Encontro e Dirigente	Localização
1	Jayro Pereira. Entrevista para emissora de Tv. Atrás, <i>Iyá</i> Meninazinha	Ilé Asé Òpó Afonja	9º Encontro <i>Bàbálòrìṣà</i> Nilson d' Ossain	Vista Alegre, São Gonçalo / RJ
2	De pé, à esquerda, Jayro Pereira atento às palavras proferidas por integrantes da mesa diretora do Encontro. À esquerda, sentado junto a uma caixa de som, com óculos, o estudante de geografia e fotógrafo João Bodê.	Ilé Asé Òpó Afonja	9º Encontro <i>Bàbálòrìṣà</i> Nilson d' Ossain	Vista Alegre, São Gonçalo / RJ
3	A professora Gésia de Oliveira faz uso da palavra. À mesa, <i>Bàbálòrìṣà</i> Nilson de <i>Òsányin</i> entado ao lado da <i>Iyálòrìṣà</i> Meninazinha d' <i>Òṣùn</i> . Em pé, entre estes Jayro Pereira. À esquerda, de boina e casaco o ativista Carlos Eduardo, o Cadu.	Ilé Asé Òpó Afonja	9º Encontro <i>Bàbálòrìṣà</i> Nilson d' Ossain	Vista Alegre, São Gonçalo / RJ
4	<i>Bàbá</i> Nilson e <i>Iyá</i> Meninazinha.	Ilé Asé Òpó Afonja	9º Encontro <i>Bàbálòrìṣà</i> Nilson d' Ossain	Vista Alegre, São Gonçalo / RJ
5	<i>Ògán</i> Uilian Portela faz inscrições para os participantes ao Encontro.	Ilé Asé Òpó Afonja	9º Encontro <i>Bàbálòrìṣà</i> Nilson d' Ossain	Vista Alegre, São Gonçalo / RJ
6	Grupo de trabalho. De frente, camisa estampada e perna cruzada, Adailton Moreira, atualmente <i>Bàbálòrìṣà</i> , herdeiro de <i>Iyá</i> Beata. Segue Julinho, o terceiro a sua esquerda ladeado do <i>Ògán</i> Uilian, e ainda na sequencia Jair Miranda. O grupo se reporta à professora Gésia de Oliveira, sentada à esquerda usando torço na cabeça.	Ilé Asé Òpó Afonja	9º Encontro <i>Bàbálòrìṣà</i> Nilson d' Ossain	Vista Alegre, São Gonçalo / RJ
7	<i>Iyálòrìṣà</i> Beata de Iemonjá, observada pela <i>Iyálòrìṣà</i> Meninazinha e demais presentes, dança na ritualização da abertura do Encontro	<i>Omiojuaro</i>	3º Encontro <i>Iyálòrìṣà</i> Beata de Yemonjá	Miguel Couto, Nova Iguaçu / RJ

8	Casa de Reinaldo um quarteirão inteiro em Itaúna. Nilson, Reinaldo, Jayro, <i>Ìyà</i> Palmira, <i>Ìyà</i> Flor e Gésia. Com a palavra o poeta Delei de Acari	Sociedade Cruz Santa – Ilé Asé Òpó Afonja	4º Encontro <i>Bàbàlòrìṣà</i> Reynaldo de Xangô	Itaúna, São Gonçalo / RJ
9	<i>Ìyà</i> Palmira assina certificados a serem distribuídos aos participantes do Encontro.	Ilé Asé Òpó Afonja	9º Encontro <i>Bàbàlòrìṣà</i> Nilson d' Ossain	Vista Alegre, São Gonçalo / RJ
10	<i>Ìyà</i> Flor porta a bandeira do Ilé. É observada por Gésia de Oliveira, à mesa, que tem ao seu lado Jayro Pereira em conversa com outra pessoa.	Ilé Fi Òró Sakapata	<i>Bàbàlòrìṣà</i> Joaquim Motta	Juscelino, Nova Iguaçu / RJ
11	Jayro Pereira em momento afetuoso com <i>Ìyà</i> Palmira, ajusta os seus fios de contas.	Ilé Asé Òpó Afonja	9º Encontro <i>Bàbàlòrìṣà</i> Nilson d' Ossain	Vista Alegre, São Gonçalo / RJ
12	À esquerda, Terezinha Augusta. Professora de história muito atuante, integrava o grupo de estudos com Jayro, Lilian, Sérgio, Vanda Ferreira e outros.	Não identificado		Vista Alegre, São Gonçalo / RJ
13	Pai Paulo d'Ogun, Ilé Asé Ògún Àlákòró	Ilé Omolu Oxum	1º Encontro <i>Ìyàlòrìṣà</i> Meninazinha de Oxum	São Mateus, São João de Meriti / RJ
14	Joaquim Motta	Ilé Asé Òpó Afonja	9º Encontro <i>Bàbàlòrìṣà</i> Nilson d' Ossain	Vista Alegre, São Gonçalo / RJ
15	Participantes.	Ilé Omolu Oxum	1º Encontro <i>Ìyàlòrìṣà</i> Meninazinha de Oxum	São Mateus, São João de Meriti / RJ
16	Participantes.	Ilé Asé Òpó Afonja	9º Encontro <i>Bàbàlòrìṣà</i> Nilson d' Ossain	Vista Alegre, São Gonçalo / RJ
17	Jayro Pereira concede entrevista. À mesa, Pai Nilson e <i>Ìyà</i> Meninazinha	Ilé Asé Òpó Afonja	9º Encontro <i>Bàbàlòrìṣà</i> Nilson d' Ossain	Vista Alegre, São Gonçalo / RJ

18	Da esquerda para a direita, Pai Paulo, Gésia de Oliveira (in memoriam), <i>Iyà</i> Deja, irmã de <i>Iyà</i> Meninazinha, <i>Ògán</i> Mado, <i>Iyà</i> Meninazinha e Jayro Pereira atentos à fala de Edilon de <i>Şàngó</i> (in memoriam).	Ilé Omolu Oxum	1º Encontro <i>Iyàlòrişà</i> Meninazinha de Oxum	São Mateus, São João de Meriti / RJ
19	Casa de Nilson. Participantes preenchem ficha de inscrição. Por trás, o <i>Ògán</i> Uilian entrega pasta do encontro a uma criança.	Ilé Asé Òpó Afonja	9º Encontro <i>Bàbálòrişà</i> Nilson d' Ossain	Vista Alegre, São Gonçalo / RJ
20	Mesa do conselho religioso. Há <i>ekedes</i> e <i>Ògáns</i> e à mesa também tem kardecistas e umbandistas. José Benistes, em pé (deixou o grupo antes de ser criado o conselho), Joaquim Motta falando, Nilson com mão no queixo. Beata ao seu lado e Meninazinha.	Ilé Fi Òró Sakapata	5º Encontro <i>Bàbálòrişà</i> Joaquim Motta	Juscelino, Nova Iguaçu / RJ
21	Meninazinha entoa cantigas acompanhada de <i>Ògáns</i> e observada por Adailton, Gésia e Beata.	<i>Omiojuaro</i>	3º Encontro <i>Iyàlòrişà</i> Beata de Yemonjá	Miguel Couto, Nova Iguaçu / RJ
22	Ao centro, <i>Bàbálòrişà</i> Reinaldo (in memoriam) observa a fala do Poeta Delei de Acari. Sentados, da esquerda para a direita Nilson, Beata, Palmira, <i>Iyà</i> Flor e Gésia. Jayro, de pé	Sociedade Cruz Santa - Ilé Asé Òpó Afonja. Casa de Reynaldo de Xangô, em Itaúna, São Gonçalo.	4º Encontro <i>Bàbálòrişà</i> Reynaldo de Xangô	Itaúna, São Gonçalo / RJ
23	Ajeun: feijoada. Ao centro a então promotora do município de Caxias, <i>ekede</i> Tania Maria. O segundo homem à esquerda é Gilmar, importante colaborador, de Piabetá, município de Magé.	Ilé Omolu Oxum	1º Encontro <i>Iyàlòrişà</i> Meninazinha de Oxum	São Mateus, São João de Meriti / RJ
24	Em pé, Vera d' <i>Òşùn</i> , de perfil, à esquerda. Sentada, também de perfil, Sueli Carneiro. Preenchimento das filhas de inscrição.	Ilé Omolu Oxum	1º Encontro <i>Iyàlòrişà</i> Meninazinha de Oxum	São Mateus, São João de Meriti / RJ
25	Casa de Joaquim Motta. Adailton sentado de pernas cruzadas, entre duas mulheres. Gésia, em pé, observa o grupo.	Ilé Fi Òró Sakapata –	5º Encontro <i>Bàbálòrişà</i> Joaquim Motta	Juscelino, Nova Iguaçu / RJ

26	Beata de Yemonjá (in memoriam) dança em ritualização no Encontro. Observam, logo atrás de <i>Iyá</i> Meninazinha, Adailton Moreira e Gésia de Oliveira	<i>Omiojuaro</i>	3º Encontro <i>Iyálòrìṣà</i> Beata de Yemonjá	Miguel Couto, Nova Iguaçu / RJ
27	Casa de Reynaldo	Sociedade Cruz Santa – Ilé Asé Òpó Afonja	<i>Bàbàlòrìṣà</i> Reynaldo de Xangô	Itaúna, São Gonçalo / RJ
28	Talvez <i>Iyá</i> Ceci, ladeada de Jayro, Meninazinha, Adailton, Gésia e Mãe Beata	<i>Omiojuaro</i>	3º Encontro <i>Iyálòrìṣà</i> Beata de Yemonja	Miguel Couto, Nova Iguaçu / RJ
29	<i>Iyá</i> Palmira sentada. Na sequência, em primeiro plano, <i>Iyá</i> Flor, Gésia, Adailton e Vanda Ferreira usando vestido longo, Vera Ferreira (Vera d'Oxum) e Julinho. Em segundo plano, atrás de Mãe Flor, Alcir, atrás de Gésia, Jutair, no meio de dois participantes, o <i>Ògán</i> Sergio.	Sociedade Cruz Santa – Ilé Asé Òpó Afonja	4º Encontro <i>Bàbàlòrìṣà</i> Reynaldo de Xangô	Itaúna, São Gonçalo / RJ
30	Casa de Joaquim Motta, Meninazinha à frente de Pai Nilson. Ao lado Mãe Beata louvando, observada por <i>Iyá</i> Palmira e Pai Joaquim Motta	Ilé Fi Òró Sakapata	5º Encontro <i>Bàbàlòrìṣà</i> Joaquim Motta	Juscelino, Nova Iguaçu / RJ
31	<i>Bàbá</i> Rubens em pé. Meninazinha, Jayro e Justo de Carvalho sentados	Ilé Omolu Oxum	1º Encontro <i>Iyálòrìṣà</i> Meninazinha de Oxum	São Mateus, São João de Meriti / RJ
32	Casa de Joaquim. Bandeira nas mãos de <i>Iyá</i> Meninazinha	Ilé Fi Òró Sakapata	5º Encontro <i>Bàbàlòrìṣà</i> Joaquim Motta	Juscelino, Nova Iguaçu / RJ
33	Casa de Joaquim Motta. À mesa, da esquerda para a direita <i>Iyá</i> Palmira, Pai Jose Benistes, <i>Iyá</i> Beata, Gésia, Vanda Ferreira, Joaquim Motta, Meninazinha, Pai Nilson d' Ossain e Jayro Pereira, em pé.	Ilé Fi Òró Sakapata	5º Encontro <i>Bàbàlòrìṣà</i> Joaquim Motta	Juscelino, Nova Iguaçu / RJ
34	Senhora de <i>Àṣẹ</i> sentada ao lado de mesa com elementos sagrados de <i>Àṣẹ</i>	Ilé Fi Òró Sakapata	5º Encontro <i>Bàbàlòrìṣà</i> Joaquim Motta	Juscelino, Nova Iguaçu / RJ

35	Casa de Reynaldo de Xangô	Sociedade Cruz Santa – Ilé Asé Òpó Afonja	4º Encontro <i>Bábálòrìṣà</i> Reynaldo de Xangô	Itaúna, São Gonçalo / RJ
36	Joaquim Motta. Gézia, Vanda e Nilson.	Sociedade Cruz Santa – Ilé Ase <i>Opo Afonja</i>	<i>Bábálòrìṣà</i> Nilson d' Ossain	Itaúna, São Gonçalo / RJ
37	Casa de Reynaldo. Nilson, Reynaldo, Jayro, <i>Ìyà</i> Palmira, <i>Ìyà</i> Flor e Gézia.	Sociedade Cruz Santa – Ilé Asé Òpó Afonja	4º Encontro <i>Bábálòrìṣà</i> Reynaldo de Xangô	Itaúna, São Gonçalo / RJ
38	Casa de Meninazinha. Ativista Justo de Carvalho, de pé. Meninazinha ao lado de Edilon.	Ilé Omolu Oxum	1º Encontro <i>Ìyàlòrìṣà</i> Meninazinha de Oxum	São Mateus, São João de Meriti / RJ
39	<i>Ògáns</i> em Casa de Nilson d' Ossain.	Ilé Asé Òpó Afonja	9º Encontro <i>Bábálòrìṣà</i> Nilson d' Ossain	Vista Alegre, São Gonçalo / RJ
40	Justo de pé. <i>Ìyà</i> Meninazinha. Edilon conversa com Mônica Miranda.	Ilé Omolu Oxum	1º Encontro <i>Ìyàlòrìṣà</i> Meninazinha de Oxum	São Mateus, São João de Meriti / RJ



“Nesta fase da minha existência, a tarefa é a de filosofar e teologizar acerca da Tradição de Matriz Africana, Brasil afora!!!”

JAYRO PEREIRA

*“Primeiro eu digo que sou um
convertido à Filosofia e Teologia
Africanas.”*

(Jayro Pereira, Entrevista, UERJ, São
Gonçalo, 08 jan. 2016)



JAYRO PEREIRA

IDENTIFICADO COMO PEÇA central do Projeto desde os anos 1980, Jayro Pereira novamente é motor da retomada e reencontro de integrantes do grupo, em 2016. No Ilé Asé Egi Omim, Ilha de Guaratiba, no Rio de Janeiro ocorreu um evento de dois dias, em 13 e 14 de março de 2016, com o objetivo de reunir, avaliar e repensar o que foi o Tradição dos Orixás e suas repercussões. Há um longo percurso até esse momento.

Nascido em 12 de maio de 1950, na Ilha de Itaparica, estado da Bahia, no povoado de Santo Amaro do Catu, atual Vila de Jiribatuba, pertencente ao município de Vera Cruz, é filho de Celina Borges Santana e Amaro Pereira de Jesus, ambos falecidos, e irmão de outros quatro homens e uma mulher. Tem dois filhos que moram em Salvador. Ao narrar sua vida evidencia a preocupação com o esfacelamento da memória e da ancestralidade provocado pela colonização e a produção do esquecimento dos antepassados. Saber apenas o primeiro nome dos avós é um efeito perverso desse processo. Sente-se muito incomodado e angustiado pelo que refere como “interrupção dessa memória”, pois na perspectiva de mundo africana recordar os antepassados é inerente à identidade, ao todo.

Lembra da igreja matriz de Santo Amaro, em Jiribatuba, construída no século XVII, onde as pessoas tinham o hábito de acompanhar o trânsito de navios no Atlântico. Em Jiribatuba, o lidar com a questão da ancestralidade e da tradição de matriz africana era corrente.


Minha família, meus pais, todos tinham uma relação visceral com a tradição de matriz africana. Eu, antes de ser batizado, passei por um processo iniciático pequeno. (...) E hoje eu compreendo que eles fizeram um prognóstico. Um prognóstico através do oráculo, que tem essa função. Não é nada de ver passado, presente e futuro. O oráculo tem essa função, é um organizador civilizatório.

Cresceu em um ambiente familiar atravessado pela identificação com diferentes campos religiosos. Os pais eram ligados ao Candomblé, mas tinha parentes cristãos filiados às igrejas Presbiteriana e Batista, que tanto frequentavam a sua casa como levavam seus irmãos e ele para os chamados “cultos infantis”.

Na época as igrejas Evangélicas faziam [cultos infantis]. Então a gente ia participar daquilo lá. Agora, tinha uma harmônica...não sei...era uma peça antiga [órgão de tubos], que tocava os hinos. Daqui a pouco parava de tocar e a gente ouvia os atabaques (...) e percebia que na cabeça dos meus parentes, mesmo de religiões diferentes, eram parentes, ninguém se arvorava em falar mal do outro. E era um negócio comum, porque mesmo no dia a dia, depois do culto, aí se encontrava com a tia, com o tio, com o parente, com o primo, que eram dessas igrejas (...) e que eram, também, do Candomblé, das religiões afro, que cultuavam os Eguns, etc.

Esse trânsito fluido entre os diferentes sistemas de crença viria a influenciar e canalizar sua inserção na Igreja Católica.

E eu, na infância, me recordo bem... E eu achava muito bonita toda aquela organização ritual das igrejas católicas. Eu achava muito bonito. Era um tempo em que os padres usavam aquela batina e usavam uma espécie de escapulário. Um negócio que eles entravam na igreja e vinham arrastando e alguém segurando aquilo como a gente vê com os bispos. Naquele tempo os padres tinham esse poder. Uma igreja antiga, antiga mesmo, do século dezessete. Toda ornada, acho que de ouro, todos os santos de madeira, seculares, também. E me apaixonei por aquilo.



Fez os primeiros estudos em uma escola primária do povoado de Jiribatuba. O ginásio (Ensino Fundamental) e o antigo científico ou antigo magistério (Normal) fez com a congregação dos padres vocacionistas, na escola Justino Mussolini, nome de um padre italiano, em Riachão do Jacuípe, localizado na Área de Expansão Metropolitana de Feira de Santana, a 180 km da capital, Salvador. Concluído o Ensino Médio, entrou para o Seminário, em uma escola de monges da Ordem dos Cistercienses, no mosteiro de Jequitibá, lá cursando Filosofia e Teologia, formação na época só reconhecida na Europa.

Ocupou-se com atividades de manutenção do mosteiro, a que mais o instigou foi trabalhar na biblioteca. O contato diário com o acervo oportunizou sua primeira reflexão sobre o racismo. Ao folhear uma das revistas a serem catalogadas leu um artigo cujo autor se referia à presença do racismo na igreja. Posteriormente, no período de férias, dos onze seminaristas que manifestaram o desejo de serem enviados à Europa, com o intuito de validar os estudos no mosteiro e avançar para o mestrado e o doutorado, apenas dois não obtiveram a premiação, ambos os únicos negros.


E, através dessa leitura dessa revista, quando vi esse artigo de discriminação racial, dizendo que várias igrejas não aceitavam padres negros e freiras e tal, é que a cabeça abriu e, meu Deus, eu vi tudo naquele momento. Saí dali, fui para o quarto do Padre Superior e disse – quero ir embora daqui hoje. Mas, como? O que é que houve? Sim. Porque vocês são racistas. Todo mundo viajou. Os brancos todos viajaram, e eu e o Clodoaldo não viajamos para onde a gente queria ir.

E aí saí dali. Só passava trem. Não passava carro, ônibus nem nada. Eu tive que pegar o trem. E aí arranquei tudo. Tirei batina, tirei as coisas todas. Vim para Salvador. E aí fiquei ainda duas semanas dormindo na rua, com medo da minha família, que era uma família pobre de negros. Ser padre ia resolver o problema econômico da minha família.

Mas o abandono do seminário não significou o fim da relação com a Igreja Católica. Com o apoio de Dom Avelar Brandão Miranda Vilela, então arcebispo de Salvador, cardeal que possuía notoriedade em razão dos trabalhos nas periferias de Salvador, foi conduzido para exercer atividades docentes em um povoado da cidade Santiago do Iguape. Trata-se de uma pequena vila de pescadores e pequenos agricultores quilombolas, fundada pelos padres jesuítas em meados do século XVII, pertencente ao município de Cachoeira, que faz divisa com Santo Amaro da Purificação.

Em Santiago do Iguape, onde exerceu por dois anos a docência na condição de missionário, a alimentação era à base de peixes, moluscos e crustáceos. E foi comendo carne de siri de mangue, também conhecido como caranguejo, que se alimenta de folhas apodrecidas e carne em decomposição, viveu uma experiência marcante para o aprendizado sobre o que classifica como “matéria biomítica”.

(...) fui comprar umas coisas que baiano não fica sem comer, que são dendê, pimenta e farinha. É a base alimentar do baiano. Aí a gente comprou e fiz o siri (...). Fiz escaldado. E à noite comemos garbosamente essa comida, esse pirão. Quando foi de madrugada tive problemas. Acordei com diarreia, vomitando. Eu fui me olhar no espelho, e a minha cara que já é grande estava enorme, cheia de calombos. Fiquei apavorado. Consegui ligar para a minha família, e aí a gente...peguei uma Kombi (...) e fomos para Salvador. Fui internado no Hospital que minha mãe tinha convênio (...). E fiquei muito mal. Eu não sei se vocês sabem, eu tomava anti-histamínico, que é para alergia e eu piorava. Minha família estava toda mobilizada e alguém disse assim: é preciso ver – o que eu chamo de prognóstico – o que os búzios disseram com relação à vida dele. E exatamente quando minha mãe foi buscar um caderninho, que as coisas estavam anotadas num caderninho, foi que descobriram que eu não podia comer crustáceos. Aí fizeram um ebó lá dentro do hospital, com a permissão da Direção, e foram à Direção e assinaram lá um negócio. Porque eles queriam me tirar do hospital (...). E me levaram para o terreiro e eu fui tratado. O processo iniciático tem uma coisa muito interessante. Você descobre (...) que é isso que eu vivo apelando, vivo apelando para as interdições biomíticas (...) porque na visão de mundo africana o ser



humano é composto de tudo. Todos os elementos do Cosmos estão na composição dele. Tem coisas que estão colocadas um pouco a mais que ele não pode comer porque isso vai provocar alergia. E foi o que aconteceu comigo. Aí eu fui tratado.

Um aspecto a ser sublinhado na trajetória de Jayro Pereira é sua inclinação à produção de conhecimento comprometida com o ativismo antirracista. Mesmo estudando em seminário católico sempre teve resistência aos teóricos ocidentais. Interessava-se por leituras fora dos currículos. As leituras pós-coloniais o instigavam. Mantinha-se desconfiado. Desconfiado e refratário ao que era estabelecido.

Um dia meu pai me levou...meu pai era de terreiro de Ogun (...) meu pai me levou a um terreiro pequeno. Isso foi antes da intoxicação. E isso ficou na minha cabeça. Ele entrou no terreiro...e quando foi saltar Èṣù, e ele chamou Èṣù de Diabo. Aquilo ficou na minha cabeça muito negativo. Eu não sabia entender, explicar. E ficou. Depois desse caso da Igreja eu ficava ainda relutando, eu pensava nessa possibilidade de adquirir conhecimento para que a gente dissesse para a sociedade o que era Èṣù, que não era o Diabo.

Depois de dar aula por dois anos no povoado em Santiago do Iguapé, foi para Salvador trabalhar com crianças em uma igreja na rua do bloco afro Ilé Aiê, no Curuzu, conhecido bairro negro. Sua intenção era criar outro tipo de escola, a partir de perspectivas distintas da vigente.

A militância antirracista conferia outro olhar sobre a vida, a academia, linhas de pensamento e conhecimento. Os cursos de Teologia e Filosofia realizados foram reconhecidos como de nível superior. No entanto, Jayro afirma que os dois certificados lhe causavam certa vergonha:

da Filosofia eu tinha vergonha de dizer que estudei esses filósofos todos equivocados. Não dizia. Omiti mesmo, por ideologia. Teologia era outro problema, também, para mim. Fiquei com medo de dizer que estudei Teologia.


Antes da validação da graduação em Filosofia fez licenciatura em Ciências da Religião, na PUC do Paraná. O curso de Filosofia só foi validado na mesma instituição em 2006. Depois foi estudar Teologia com os Luteranos na Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, onde se especializou em Ensino religioso, sendo logo encaminhado para o Mestrado.

O curso ficou inacabado, o que evidencia sua postura diante do conhecimento acadêmico institucionalizado. Não acatou mudanças sugeridas pela banca, que lhe pareceram pautadas pela perspectiva colonialista. “Me recusei terminantemente”, diz. A orientadora apontou a necessidade de rever uma questão sobre sacrifícios de animais, que não foi acolhida por ele. Sua resposta foi rascante: “Você é a anti-anthropologia. Você é tudo que a gente detesta. Porque a sua cabeça é colonialista. Foi um “pega para capar”.

Essa postura decididamente crítica ganha a primeira base teórica antes, porém, de partir para o Sul. Ainda em Salvador constrói as primeiras relações com certos intelectuais, negros ou não, como Marco Aurélio Luz, Muniz Sodré, Mestre Didi, Helena Teodoro e outros, cuja produção científica será norteadora de suas reflexões inovadoras, assentadas nas memórias do convívio diário com as relações entre catolicismo e Candomblé. Esse convívio desde criança, fora de casa, com as igrejas Batista e Presbiteriana, e em casa com toda família iniciada na tradição ancestral, parece conferir um ângulo de visão privilegiadamente dialético. Em que pese as demarcadas diferenças, diz que durante o dia, mas sobretudo à noite, porque não tinha luz no povoado naquela época, quando paravam de cantar e de tocar “o harmônico”, ouvia-se os toques dos atabaques. Ao contrário de se enfrentar, nas duas tradições, as pessoas, assim como os instrumentos litúrgicos, se comunicavam: “Ninguém criticava o outro. Não chamava o outro de Diabo”.

Nos domínios do Candomblé, a tradição fazia com que, desde pequeno, o indivíduo fosse iniciado. Uma iniciação preliminar que posteriormente era complementada em processos que no Brasil são denominadas de obrigações. “Eu fui ter outra visão disso hoje, onde você vai completando as coisas. (...) A gente era isso. Abi Aşş. (...) Aquele que nasce de um ventre iniciado, já tem uma iniciação. Depois vai ser completada”.

Agora vivendo em Salvador passa a cruzar sistematicamente o trabalho, o ativismo e a reflexão teórica. Além dos encontros com a intelectualidade, procura acompanhar as reuniões de pais e mães de santo, a partir das quais



amadureceria a criação, em 1987, do INTECAB – Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-Brasileira. Importante foi conhecer o Ilé Asé Òpó Afonja, fundado em 1910 por Eugênia Anna dos Santos, Mãe Aninha, e igualmente a Escola Obá Mirim, municipalizada desde o tombamento do Ilé pelo IPHAN em 1984, que leva o nome de sua fundadora.

Depois de cinco anos morando em Salvador, usufruindo da segurança do seminário, que garantia os recursos para suprir suas necessidades, e buscando a convivência nos *Ẽgbés*, nos anos 1980 decide tomar um ônibus e conhecer o Rio de Janeiro. Inicialmente se instala em um sítio na Zona Norte da capital, no bairro Anchieta. Não demora muito para romper com o grupo de candomblecistas que acompanhava, ao se dar conta de que compartilhava uma experiência em um terreiro, que não se coadunava com a visão em construção a partir das reflexões oferecidas pelo estudo da literatura em voga (*O Candomblé da Bahia*, livro de Roger Bastide; *Os Nagô e a morte: Pàde, Așèșè e o culto Ègun na Bahia*, livro de Juana Elbein dos Santos; *Cultura negra e ideologia do recalque*, livro de Marco Aurélio Luz, e outros).

E com a Juanita, com o Mestre Didi, com o Marco Aurélio Luz, com aquele pessoal, fui tomando consciência de uma coisa que eu digo hoje, que é a grande lacuna dentro do Candomblé (...). E a Juanita disse isso – que quando você nasce, quando está na gestação, a barriga está ligada ao Emba Otu, a cabaça universal. Quando você nasce, você se desprende. Você perde a ligação. A iniciação é isso. É um processo cosmológico de religação. Pode não ser essa palavra, mas é de se retomar a ligação com o todo. É isso (...): o terreiro é um lugar que, mais que um lugar ritual, é um lugar que entende a forma de ser desse ser humano que não é Ocidental. O terreiro é um lugar de reordenar esses elementos. E eu aprendi isso.

Hoje tenho a compreensão de que a Juanita estudou o aspecto yorùbá da diáspora (...), aquilo que depois o Marco Aurélio fala, também, e eu aprendi isso num livro chamado Cultura Banto Tradicional, que são as variáveis civilizatórias. A diáspora se reconstitui em cima disso, desse aspecto. O Candomblé, na diáspora, ele se deve a uma situação transatlântica (...), que apesar da diferença linguística, você tinha aspectos comuns existenciais. Foi isso que se deu no Candomblé quando chegou ao Brasil. E aí tem autores que

dizem isso. Então, fui justamente ali atrás desse culto do Aṣṣe Òpó Afonja, na Juana, e aí eu entendi, quer dizer, hoje eu tenho algumas coisas refeitas, mas entendi o que era ser negro. Até porque a Juana, num livro, não sei se no livro do Mundo Nàgó, mas em outros artigos que eu li dela, ela dizia que a tradição africana é uma proposta de existência para a humanidade, não só para negros. Todo mundo que leve os mesmos bens simbólicos será irmão, a despeito da origem civilizatória.

Imbuído por tal perspectiva, deixou o sítio e deslocou-se para a região da Baixada Fluminense, indo morar de aluguel no bairro de Santa Rita, à época um local destacado pelo grande número de assassinatos cometidos por “grupos de extermínio”. A violência estava presente no cotidiano: “Eu passava por ali. Várias vezes passava e chegava o corpo a arrear todo. A coragem vinha (...) Num tiroteio, me joguei na ribanceira, com medo, até passar aquilo”.

É quando conhece um ativista do movimento negro que o acompanharia por longa data, Jorge Damião, que tinha um modesto escritório no centro daquela cidade onde comercializava serviços de fotografia. É por seu intermédio que passa a frequentar as reuniões do Grupo Vinte de Novembro, realizadas naquele mesmo espaço de trabalho, como era habitual a essa militância, que lá ou em âmbito nacional quase nunca contava com espaços físicos destinados exclusivamente à organização da luta antirracista. Muitas vezes o local de trabalho ou a residência era onde tramavam-se as ações políticas. Nesse ambiente, já no Rio de Janeiro, Jayro Pereira encontra lugar para o desenvolvimento de um ativismo coletivo, estrategicamente pensado como organizador do enfrentamento do racismo e da discriminação racial.

Eu estava na estação dos ônibus, em Nova Iguaçu, isso em oitenta, quando eu conheci esse grupo. Eu vi um grupo de negros e negras, e me dirigi a eles e perguntei – Vocês são de onde? São de que grupo? (...) Eu conheci um grupo que tinha negros engenheiros... naquela época não tinha cotas, não tinha nada. Isso não me impressionava, mas isso me dava esperança de uma discussão mais qualificada (...). Os Movimentos que a gente fazia na década de oitenta, na Baixada, eram por conta disso, do grupo, que potencializava

as coisas. A gente ia para as ruas etc. e tal. Mas, o grupo Vinte me deu a certeza de que o Movimento Negro, naquele tempo, tinha dificuldade de entender os terreiros. Aí o que faço? Eu me distancio (...), passei a militar nesse grupo fazendo um discurso contrário ao Movimento Negro. O Movimento Negro marxista (...) E eu fazia o contraponto. Eu dizia – O racismo é a negação do outro na sua existência. Não é porque tem a pele preta. Eu sempre disse isso. E foi uma divergência total.

Acompanhando uma pessoa remanescente do grupo com o qual veio para o Rio de Janeiro, visitou o primeiro terreiro na Baixada Fluminense para onde canalizaria o interesse político e ideológico que marcaria sua trajetória até o presente: a Casa de *Iyá* Meninazinha, na festa de Oxum. As primeiras relações ali estabelecidas com a comunidade do *Egbé*¹ trouxeram a confirmação de fertilidade para suas ideias. Em outra ocasião, volta sozinho a este terreiro, já na expectativa de compartilhar conhecimento. Na longa permanência no Rio de Janeiro, a partir de 1984, Jayro Pereira deixaria os principais registros que configuraram sua imagem local como uma nova liderança, proponente de um novo discurso político no contexto do movimento negro contemporâneo.

No decorrer dos anos finais da década de 1980 e a partir daí, rapidamente o baiano que fixara residência na Região da Baixada Fluminense se deslocaria subsequentemente para várias cidades do Brasil², sobretudo para as regiões Sul e Sudeste, na esteira de um projeto do Centro de Articulação de Populações Marginalizadas (CEAP), que propunha apoiar e articular militantes do movimento negro nessas regiões. Passaria então a frequentar diferentes espaços de formulação de ideias no âmbito do movimento negro e em instituições de ensino superior. Igualmente, junto a governos por ele

1. Trata-se especificamente do grupo de pessoas iniciadas em um determinado terreiro. Essas, mesmo tendo sido iniciadas em períodos e cultos diferentes convivem como parentes e assumem responsabilidades na manutenção do *Ilé* e realização das “funções” relativas aos rituais praticados no Terreiro.

2. Nesse período, Jayro Pereira recebeu recursos da Ashoka, quando atuou como *fellow* desta instituição, em 1988. A Ashoka é uma agência de cooperação internacional, sediada nos Estados Unidos, que identifica, reconhece e transfere aportes técnicos e financeiros para empreendedores(as) sociais considerados baluartes da construção de novos métodos para o alcance de transformações sociais (Ver: <https://www.ashoka.org/pt-br>).

identificados como democráticos, desenvolveria projetos no campo das políticas públicas de interesse para a garantia de direitos da população negra.

Especialmente em São Paulo, capital, no mandato da prefeita e atual deputada federal pelo PSB Luiza Erundina, atuou na concepção e desenvolvimento das primeiras atividades do Centro Cultural Jabaquara - Acervo da Memória e do Viver Afro-brasileiro, criado na esfera da secretaria municipal de cultura, sob a gestão da filósofa Marilena Chauí. Essa experiência também propiciou um longo período de trabalhos nos estados do Sul.

No governo estadual do atual senador pelo MDB Roberto Requião, no Paraná, entre 2003 e 2010 atuou no Conselho Estadual Penitenciário, quando adquiriu notoriedade em razão das repercussões do curso *latu sensu* Culturas Africanas e Relações Interétnicas na Sociedade Brasileira, por ele organizado e coordenado nas Faculdades Integradas Espírita, em Curitiba. Foi então convidado para trabalhar na formação de gestores públicos nas áreas de educação e segurança, junto à Secretaria para Assuntos Estratégicos do Estado do Paraná. Viveu por dez anos neste estado, viajando frequentemente para o Rio Grande do Sul.

Na capital Porto Alegre, para onde se transferiria em definitivo duas décadas depois de acompanhar a posse do prefeito eleito pelo PT Olívio Dutra em 1989, assumiria a coordenação pedagógica do programa de formação das polícias militar e civil do Estado, no governo petista de Tasso Genro, eleito em 2009. Viveu em Porto Alegre entre 2010 e 2015, quando sofreu um AVC e foi conduzido para Florianópolis, para o *Ilé Àṣẹ* Olorunfunmi dirigido pelo *Bàbálòrìṣà* Guaraci Fagundes, um irmão de santo oriundo do Ilé OmiOjuAro, de Mãe Beata, em Nova Iguaçu.

Nessa nova dinâmica de vida social, inaugurada no Rio de Janeiro, Jayro Pereira passa também a construir inúmeros interlocutores com os quais compartilharia a grande narrativa que o projetaria como articulador de um pensamento singular que tem como eixo a concepção do papel e da função sociopolítica dos terreiros.





CADERNO DE IMAGENS

*Encontro no Ilé Asé Egi Omim,
Ilha de Guaratiba*













LEGENDA DAS IMAGENS

1. Ilé Asé Egi Omim
2. Entrada do Asé
3. Atabaque: instrumentos usados nos rituais do Candomblé
4. Gan/Agogô: utilizado nas cerimônias para marcar o ritmo do toque (batidas)
5. Ferramentas de ajustes dos atabaques
6. Jayro Pereira
7. Iyá Meninazinha de Oxum
8. Professora Vanda Ferreira
9. Iyá Palmira Navarro
10. Bábálòrìṣà Paulo D'Ogum
11. Iyá Wanda Ilé Asé Egi Omim, com seu neto Miguel D' Ogum
12. Da esquerda para a direita: Ègbón mi Vera Ferreira, Jayro Pereira, Iyá Meninazinha de Oxum, Professora Vanda Ferreira, Ekedì Lilia (Ilé Omolu Oxum)
13. Da esquerda para a direita: Iyá Meninazinha de Oxum, Professora Vanda Ferreira, Ekedì Lilia (Ilé Omolu Oxum) e João Bodé (professor do IFP/UERJ) de pé
14. Iyá Wanda e Iyá Meninazinha de Oxum
15. Iyá Wanda, Iyá Meninazinha de Oxum, Professora Vanda Ferreira
16. Ekedì Flávia do Ilé Asé Egi Omim e João Bodé
17. Da esquerda para a direita: Iyá Palmira, Iyá Meninazinha e Bábálòrìṣà Paulo D' Ogum
18. Integrantes do Ilé Asé Egi Omim
19. Almoço de confraternização
20. Prof. Otair Fernandes e Iyá Meninazinha
21. Almoço de confraternização
22. Iyá Wanda de Omolu, Vera Ferreira, Lilia Mara e Professora Vanda Ferreira



23. *Almoço de confraternização*

24. *Da esquerda para a direita: Ègbón mi Mônica Miranda, Ekedí Lília Mara e Ègbón mi Vera Ferreira*

25. *Roda de conversa: Professor / teólogo Jayro Pereira e Luís Cláudio Oliveira*

26. *Da esquerda para a direita: Ìyà Meninazinha, Ìyà Palmira e Bàbálòrìṣà Paulo D'Ogum*

27. *Da esquerda para a direita: Ekedí Lília Mara, Ègbón mi Vera Ferreira, Ìyà Wanda de Omolu, atrás Ekedí Flávia*

28. *Da esquerda para a direita: Professor / teólogo Jayro Pereira, Luís Cláudio Oliveira e Paulo Sill*


29. *Da esquerda para a direita: Ègbón mi Mônica Miranda, Bàbálòrìṣà Paulo D'Ogum, Ìyà Meninazinha, Professora Vanda Ferreira e participantes do encontro*

30. *Coletivo, da esquerda para a direita: Ègbón mi Vera Ferreira, Ìyà Wanda de Omolu, Ìyà Meninazinha, Jayro Pereira, Ìyà Palmira e Bàbálòrìṣà Paulo D'Ogum; atrás, Ègbón mi Mônica Miranda, Ekedí Flávia e Professora Vanda Ferreira, juntos com integrantes do Ilé Asé Egi Omim.*

31. *De mãos dadas, Ìyà Meninazinha e Professora Vanda Ferreira.*



“Identidade afrocentrada deve traduzir-se como um complexo civilizatório negro-africano ou afrodiaspórico!!!”



TRADIÇÃO DOS ORIXÁS: TENSÕES, DESAFIOS E ALIANÇAS

O CARÁTER PROCESSUAL DAS MUDANÇAS OCORRIDAS desde os anos 1980 conta com uma série de diálogos, muitas vezes tensos, estabelecidos pela Tradição dos Orixás com outros setores, sobretudo políticos e religiosos. É no corpo ideológico do imperativo “organizar para transformar” que grupos do movimento negro, ao buscarem estabelecer uma nova centralidade ou um novo eixo de mobilização para o discurso e a prática antirracistas, vão passar a associar o discurso religioso ao político. Do mesmo modo, a relação com movimentos provenientes do catolicismo também é significativa, como fica evidente no decorrer das narrativas sobre a constituição e repercussão das ações e reações do grupo.

À medida em que investia no estudo da literatura que descreve e analisa os fundamentos da tradição africana no contexto diaspórico, e se inseria no cotidiano dos terreiros na Baixada Fluminense, o Jayro ativista do movimento negro colecionava novas tensões com outros ativistas. Especialmente a formação política do ativismo negro embasada na visão teórica oferecida pelos estudos da teoria marxista consistia em elemento de efeito centrípeto para a construção de alianças entre esses dois vetores. Um ativista fortemente identificado com esse campo teórico de visão, Jorge ou Jorge D’Ogun, se refere a este aspecto:

A minha participação nesse movimento se deu numa busca. Eu tinha problemas de entendimento da religião. Eu vivia conflitos. Era um militante de esquerda, mas tinha essa questão, que era uma questão de família. Eu comecei a viver problemas que tinha que resolver. Problemas da minha ancestralidade; problemas da minha espiritualidade. Eu fui à busca disso. E nessa busca acabei encontrando o Jayro na Casa de Mãe Beata e aí nós trocamos ideias. Conversamos. Eu vinha de uma trajetória com o Partido dos Trabalhadores e no interior do partido me organizava numa corrente marxista revolucionária. E isso foi um desafio porque (...) abriu um

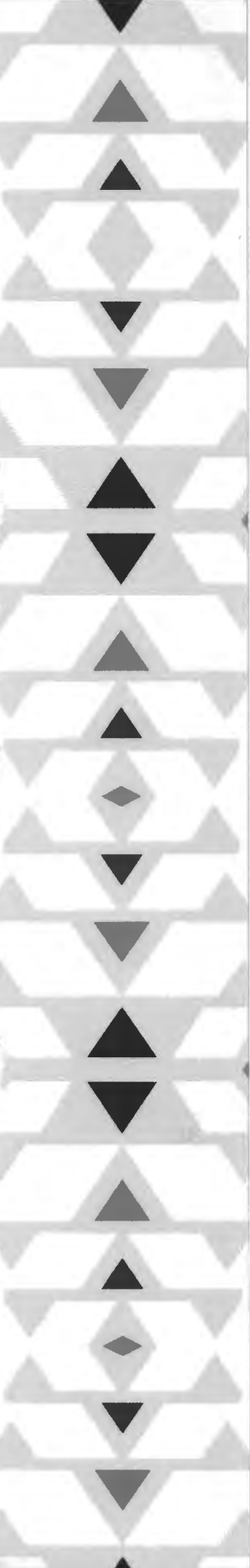
diálogo com a esquerda tradicional sobre a questão da religião, e aí religião de matriz africana. Isso foi muito interessante. Não foi fácil. Foi desafiador (Jorge D'Ogun, 29 junho 2010).

Na entrevista com Jorge d'Ogun, ele admite que seu ingresso na reflexão e militância conduziu ao processo iniciático no Candomblé, e que essa mudança promoveu um novo olhar e uma nova condição de influenciador no interior do movimento político partidário.

(...) isso fez muito bem à minha vida, em relação à minha família, aos amigos, na política. Porque isso passou a ser um valor que levei para a minha vida cotidiana (...) E isso influenciava muito na minha produção. (...) Nos textos da DS, nos textos do PT, a gente começava a falar nessas coisas: em Aṣṣ (...) Por exemplo: eu há muitos anos atrás, fiz um texto "Candomblé, exclusão e luta" para o Jornal "Em Tempo", que era um jornal com uma tendência marxista revolucionária. Foi um momento de disputa porque muitos marxistas eram contra esse artigo sair nesse jornal. (Entrevista Jorge D'Ogun, 29 jun. 2010)

Participando do I Encontro Estadual do Movimento Negro do Rio de Janeiro, realizado no Centro de Formação de Líderes, no bairro Moquetá, Nova Iguaçu, já à época como dirigente do IPELCY – Instituto de Pesquisa e Estudos das Línguas e Cultura Yorùbá, Jayro Pereira constituiu-se no principal interlocutor do debate que posicionava os terreiros como foco da luta contra o racismo, como narra:

E veio esse Encontro, em Moquetá, também com dificuldades de entender. Por exemplo, o companheiro Iedo. O Iedo, por quem tenho o maior respeito (...). Era um companheiro sério que a gente respeita e todo Movimento Negro sério tem que respeitar. Mas, ele tinha essa dificuldade (...). Ele tentava dar outras explicações que eu não concordava. Então eu disse – Iedo, a luta do Movimento Negro no Brasil é equivocada, é errada. Porque, primeiro a gente não se reconstituiu. Não pegamos os destroços do colonialismo e nos reconstituímos. A gente não fez isso. A gente se organizou em cima do que eu chamo...das brechas que o Ocidente, que essa visão ocidental e capitalista nos permitiu. A gente se adequou a ele. E criamos e nos defendemos em cima de uma perspectiva de existência e de humanidade que foi uma concessão. Não foi algo que a



gente valorizou, após a escravidão. Para mim, estava errado isso. Isso eu falava, mas também desconfiava da minha fala. Eu tinha lido, mas não disse como é que foi. (Entrevista Jayro Pereira, 08 jan. 2016)

Acentuaram-se as tensões durante os debates no Encontro, no âmbito dos grupos de trabalho, bem como na plenária, resultando na continuidade destes para além daquela data. O Grupo de Trabalhos de Religião (GTR) deliberou que se concentraria na busca por uma articulação mais direta junto aos terreiros da Baixada Fluminense, o que excluiu parte dos participantes, sobretudo aqueles afinados com o campo cristão, como ocorreu com a então liderança da Associação de Favelas do Estado do Rio de Janeiro e vereadora Benedita da Silva.

Aí eu me articulo com esse grupo extra Movimento Negro. Gente negra e também branca, mas com essa compreensão. E formamos um grupo grande. E a primeira intenção era mesmo de nocautear o Movimento Negro (...). Aí fomos visitar os terreiros. Fomos fazer uma consulta oracular com a Mãe Meninazinha (...) que tinha um diferencial do que eu estava acostumado a ver do uso do oráculo por mãe de santo. A gente chegou em grupo, e era um grupo grande, e sem avisar. Tinha comida na Casa e a gente ficou o dia todo. Mãe Naná fez um prognóstico disso que se tornou, depois, o nosso trabalho. Ela disse de forma detalhada o que estava colocado na nossa frente e o que a gente deveria fazer. Naquele mesmo dia, ela pegou um caderno...e isso foi um oráculo de quase duas horas, com a gente no chão sentado e ela sentada consultando o oráculo (...). E ela, quando acabou disse: “Agora vocês vão comer, e tomem aqui esses endereços. Vá na Casa deles (...). Procurem, imediatamente, Beata Moreira Costa.” Para nós aquilo era uma iluminação (...). E ela dizia – “Tome aqui a relação e para a Casa que vocês forem, qualquer dificuldade, liguem pra mim que a gente resolve isso.” E foi assim que aconteceu, sobretudo nos terreiros capitalizados, que não queriam conversa política, nem nada, a gente estava indo apavorado. E ela dizia: “Se tiverem dificuldades, liguem pra mim, que vou ligar para ele ou para ela e resolver essa questão.” (Entrevista Jayro Pereira, 08 jan. 2016)

A consulta ao Oráculo no Ilé Omolu Oxum, aberto em Nova Iguaçu, em 1968, e depois transferido para São de João de Meriti, é identificada como o ponto de partida do projeto Tradição dos Orixás, cuja principal finalidade estratégica traduzia-se no mapeamento dos terreiros existentes na região, com vistas a sensibilizar e agregar seus membros em torno da reação aos ataques do fundamentalismo pentecostal.

No encontro realizado em Ilha de Guaratiba, Jayro de Jesus enfatizou a importância desse momento para o grupo, como aspecto civilizatório.


Quando a gente chegou, um monte de gente, na Casa da Mãe Naná, o Ilé Omolu Oxum (...) me lembro que a Vanda, a Verinha, a Lilia (...), a gente sentou tudo no chão. Ela usou o oráculo na sua função original, antes da colonização. Eu vou dizer isso. Mãe Naná consultou de forma civilizatória. A diferença, a grande diferença de ver passado, presente e futuro. A Mãe Naná aciona o oráculo que discrimina toda uma proposta civilizatória que a gente poderia ressignificar ou reavaliar. Era isso que o Movimento Negro não entendia, que mesmo as religiões afro não entendiam. (Entrevista Jayro Pereira, 08 jan. 2016)

A orientação é que os processos desencadeados pelo grupo devam seguir a tradição e o método oracular como civilizatório, no sentido de solidificar e contribuir no combate aos determinantes do colonialismo, do Ocidente, que aprisionaram as religiões de matriz africana no Brasil. O reconhecimento dessa centralidade do oráculo é fundamental para a retomada, reflexão e revitalização da tradição. Quem respondeu naquele momento foi Şàngó, segundo Mãe Meninazinha: “Şàngó que abraçou. Şàngó que abençoou e que é o patrono desse trabalho, e continua sendo.”¹

Assim, o Ilé Omolu Oxum se configura como lugar especial nas narrativas construídas pelos integrantes do grupo, sendo lembrado por seu significado marcante na reconstrução da memória do projeto Tradição dos Orixás.

E uma coisa importante de dizer, Mãe Naná, que podem dizer o que quiserem, porque numa tradição onde a gente perdeu o rigor teórico da oralidade, as frases viraram invenções (...)

1. Fala pronunciada no Encontro do Tradição dos Orixás, em 13 de março de 2016.



Então, esse redimensionamento nacional da tradição de matriz africana é saído da senhora. É saído da compreensão, é saído do oráculo que a senhora fez. É saído do Ilé Omolu Oxum. (Jayro Pereira, 13 de março de 2016, Encontro no Ilé Asé Egi Omim, RJ)

A função ontológica do oráculo é organizar. É organizar. É dar direção. É dar rumo. É trazer à tona os elementos que eu chamo de biomicidade. O processo da cosmologização é isso. É você incorporar isso. E isso foi feito. E isso está dito. E aí, quando eu volto de novo, a questão é como a gente vai atualizar essa história da tradição, atualmente. É preciso pegar a importância da Mãe Naná, e como Mãe Naná está ligada com a ideia original de resistência, de viabilização política, de visibilidade. Então, eu queria reafirmar isso e dizer: a história da tradição de matriz africana começa com o oráculo consultado por Iyá Meninazinha. (Jayro Pereira, 13 de março de 2016)

Essa visão construída por Jayro Pereira e seus principais interlocutores acerca do papel dos terreiros, concebendo-os como espaços políticos de referência afrodiáspórica, guiados pelo oráculo, é a que o grupo de ativistas objetivava introduzir nos terreiros, inclusive aqueles refratários a essa narrativa. Acreditavam que a chave a acionar a disseminação dessa visão era a compreensão de que a ação do que se acostumou denominar igrejas eletrônicas² compunha uma ameaça à continuidade dos cultos afro. Tinham em mente que essa interpretação politizaria e potencializaria uma reação em cadeia dos terreiros. As relações então estabelecidas no próximo terreiro visitado, o Ilé OmiOjuAro, de Iyá Beata, espelha essa idealização.

Mãe Beata também nos acolheu muito bem. E depois, a gente conferiu a nossa ancestralidade, o nosso parentesco. Descobrimos ser parentes, e como esta questão para os baianos é muito comum, essa coisa de parentesco, (...) ela disse que tinha indícios de ser minha tia. (...) Eu me lembro que ela depois se filiou ao PT. A gente vinha para as ruas, para as passeatas, para as manifestações... uma vez teve um tiroteio, e eu e ela nos escondemos debaixo das cadeiras para se ver livre dos tiros. Ela foi outra mulher, também,

2. Como refere o estudo de Hugo Assmann (1986), publicado à época no Brasil.


que na época foi da maior responsabilidade, que gosto muito dela, que teve uma importância política muito grande no processo. (Entrevista Jayro Pereira, 08 jan. 2016)

Ao passo em que ganhava vulto o questionamento introduzido por Jayro Pereira, agora plenamente assimilado pelo grupo inicial do Ipelcy à visão tradicional do movimento negro com relação às religiões afro brasileiras, eram produzidas alianças mais ou menos duradouras, em razão da frequente tensão com diferentes setores da luta contra o racismo. Nomeadamente, ativistas negros e negras politicamente formados e identificados com o meio sindical, com a organicidade dos partidos políticos, com a produção acadêmica e com a doutrina cristã, seja no meio evangélico ou católico, compunham uma arena de disputas, tantas vezes insolúveis, de ideias a favor e contra as argumentações do Tradição dos Orixás.

O que decorria da busca dessas alianças para o fortalecimento do grupo é que este, cada vez mais se dava conta de que, ao distinguir-se do movimento negro tradicionalmente influenciado pelo pensamento marxista, era direcionado para o setor do movimento negro que estruturava-se a partir do catolicismo. Nesta linha estava o Frei Davi, fundador do GRUCON, Grupo de União e Consciência Negra, à época subsidiado pela CNBB, que posteriormente rompe com esta instituição. Jayro Pereira, em relação a essa proximidade, observa que:

(...) era um misto de ódio, de gostar e de procurar aliados ali. Eu tinha, politicamente, pavor do processo de inculturação, que eu achava que era um novo colonialismo da Igreja Católica (...). E me lembro das vezes, em São João [município de São João de Meriti, na região da Baixada Fluminense], que me encontrei com Frei Davi, que era expoente, que era o cara da Igreja que despertava para a questão racial, que mobilizava a própria Ordem dele para auxiliá-lo nisso. (Entrevista Jayro Pereira, 08 jan. 2016)

A relação do Tradição dos Orixás com o segmento católico do movimento negro foi sempre de muita tensão e desconfiança por parte do GTR, porque os ativistas da Pastoral Negra, organização que viria a substituir o GRUCON, participavam intensamente das reuniões nos terreiros, onde eram recepcionados até com certa deferência. Jayro Pereira enfatiza que era sabido que muita gente dentro do Candomblé alinhava-se aos preceitos do catolicismo.



O que eu entendia era que a Igreja tinha mais pé que a gente (...) E aí a gente tinha que reagir, porque isso era uma nova colonização, uma nova violência simbólica da Igreja Católica. E a gente também sabia que a maior parte das pessoas do Candomblé, dos terreiros, eles são católicos (...) Organizávamos as visitas e dizíamos assim: Você observa isso, você observa aquilo, e depois a gente se reúne (...) A gente se reunia e dizia: O que é que você observou lá na entrada? Você lembra? Quando chegava nos Encontros a gente estava armado. Era um negócio bem legal. E a gente depois voltava para avaliar. E depois de avaliar a gente voltava para ver se foi retirado, se não foi, se continuava lá. Era um monitoramento ferrenho que a gente fazia. (Entrevista Jayro Pereira, 08 jan. 2016)

Importante destacar que desde as primeiras conversas subsequentes às observações coletadas pelo grupo, já no contexto do prognóstico realizado no Ilé que sediaria o I Encontro Regional da Tradição dos Orixás, foi se evidenciando a necessidade estratégica de compor uma comissão de organização dos encontros e promoção das inúmeras reuniões e demais ações que antecediam o encontro seguinte.

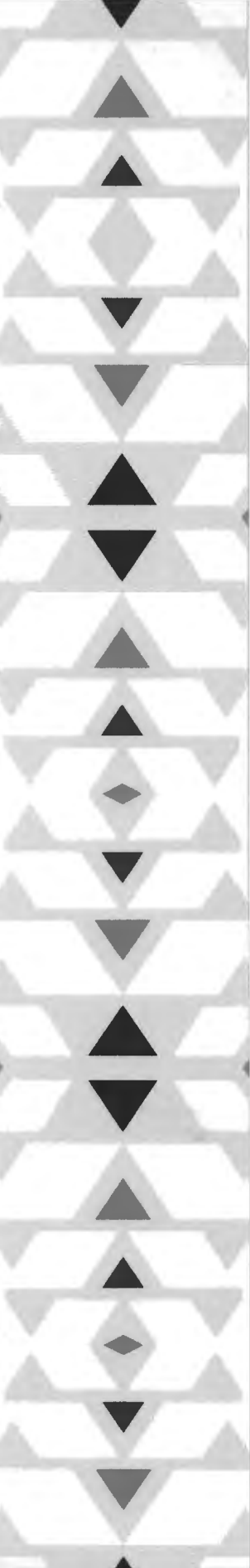
Desta forma nasceu a comissão administrativa, composta basicamente por integrantes do Tradição dos Orixás. Entretanto, esta comissão (mencionada anteriormente pelos ativistas) foi se redimensionando com o crescente ingresso de novos ativistas do movimento negro, intelectuais ligados à comunidade acadêmica, profissionais da área de comunicação e simpatizantes da causa. A heterogeneidade do ponto de vista da filiação ou não aos *Egbés* foi aos poucos apresentando as contradições entre adeptos e não adeptos e, dentre estes, ativistas do movimento negro e outros.

O grupo original então recorreu à criação de outra comissão, paralela à comissão administrativa, que passou a agregar, sobretudo, a militância. Surge a comissão religiosa, assim cunhada em deferência à sua composição, integralmente constituída por pais e mães de santo articulados ao Projeto. Essa medida visava, portanto, restabelecer as hierarquias ameaçadas pelo ingresso de quem não conhecia os códigos de conduta nos terreiros. Mas buscava também potencializar o papel representativo e consultivo dos líderes da tradição nos terreiros, bem como aguçar seu reconhecido interesse em dar visibilidade aos Ilés, de modo a ampliar o escopo das ações empreendidas.

Esta comissão principal desempenharia ainda a dupla função de chancela do Projeto para sua legitimação frente à mídia e aos poderes públicos constituídos e de atenuante, ante às desconfianças de pais e mães de santo em abrir suas casas para um grupo heterogêneo, com forte apelo na política institucional e no debate acadêmico.

Outro aspecto relevante dessa situação é o equilíbrio que o grupo consagra ao inventar duas comissões, em princípio com interesses difusos. A comissão administrativa, voltada para as ações eminentemente político-organizativas do próprio grupo, e a comissão religiosa para o controle por parte dos iniciados sobre os aspectos míticos e ritualísticos próprios dos terreiros. Fato é que paulatinamente as ações das duas passam a se chocar. Religiosos investem na adesão religiosa de novos integrantes, que tantas vezes responderam positivamente a essas exortações e tornaram-se “militantes do movimento negro iniciados”. Em ato contínuo, esses “novos” militantes do movimento negro começam a oferecer para religiosos uma literatura que passa a ser reconhecida como ferramenta de enriquecimento do conhecimento transmitido intergeracionalmente, na base oral da tradição. Contudo, antes é importante frisar, já havia interlocução com uma literatura acadêmica nos terreiros. A literatura acadêmica e a relação com a universidade são referidas como elementos fundamentais nesse processo. Ainda nos anos 1970, a leitura de Bastide, Pierre Verger, Muniz Sodré e Juana Elbein proporcionaram esclarecimento e legitimação. É essa simbiose que provavelmente explicará a aquisição e exibição de leitura de obras de autores nacionais e estrangeiros por pais e mães de santo que até então não se inseriam no campo dos estudos dirigidos.

Como já havia dito, em 1970, começa haver a mudança dentro do culto afro-brasileira. A gente começa a ter acesso à literatura. E literatura que é de respeito, eu digo de respeito, porque é substância dentro daquilo que praticávamos. Até então, era o quê? Era uma coisa muito difícil! Você tinha Roger Bastide, você tinha Nina Rodrigues, mas você não tinha acesso com facilidade. Nem só de poder aquisitivo de adquirir essas obras. Por não encontrar, e não ter conhecimento de que elas existiam. É a partir de 1970 que começa. “Orixás” de Verger... Começa a literatura de Verger a ser traduzida. E começa a se lançar dentro do meio. Um tem, empresta pro outro. Primeiro veio tudo em inglês, depois veio em português (...) Juana Elbein dos Santos, com “O Nagô e a Morte”. E de



uma determinada forma nos explica o funcionamento, como aquilo é. O que é o Àṣẹ? Até então o Àṣẹ queria dizer: amém, assim seja, graças a Deus, força. Mas, a palavra Àṣẹ é muito mais do que isso. E o que proporciona o Àṣẹ? O que fortalece o Àṣẹ? O que faz tudo isso, essa dinâmica da religiosidade? Essa dinâmica da religiosidade, essa interação do profano e do sagrado, é regida pela lei dos contrários. É necessário que se una os contrários para que exista uma terceira força que é o Àṣẹ. (Entrevista Iyà Palmira, 17 out. 2010)

A circulação de conhecimento acadêmico por meio dessa literatura no meio afro-brasileiro tornou-se “instrumento de recuperação da tradição”. O processo de busca pela autenticidade e autonomização das religiões afro-brasileiras passa por compreender o “funcionamento” de sua própria religião, o significado do “Àṣẹ” e o aprendizado da língua, enfim, a referência africana (PRANDI, 2007). Mas é possível aqui ampliar o olhar sobre as transformações na luta contra o racismo no Brasil, para os reflexos da popularização das lutas de libertação do colonialismo que varreram o continente africano a partir dos anos 1950. Para além dos processos de independência do Egito, Líbia e de outros países acima do deserto do Saara, as revoluções da Argélia e dos países da África subsaariana, especialmente das ex-colônias de Portugal, último país colonizador a dobrar-se, estimularam uma reaglutinação do movimento negro em plena ditadura militar.

Significa inferir que tais transformações no continente africano, associadas ao acesso da população negra ao ensino superior e, por conseguinte, à formação de uma nova intelectualidade negra em contato mais amigável com a literatura aqui referida, e ainda o espelhamento do movimento estético e artístico dos negro norte-americanos em ascensão social devido à conquista de políticas de ação afirmativa fornecem a base para maior autonomia do movimento negro contemporâneo (PEREIRA, 2013).


Talvez Mãe Beata de Yemonjá, autora reconhecida anos mais tarde, famosa por ter publicado o livro de contos *Caroço de Dendê – a sabedoria dos Terreiros*, leitura obrigatória para as gerações atuais interessadas na compreensão do afrocentrismo diaspórico, seja uma expoente dessa prática. Assim como, por outro lado, inúmeros ativistas históricos do movimento negro passariam a assumir publicamente sua iniciação, a ponto de ultimamente se tornarem referências da narrativa que focaliza o combate à chamada intolerância religiosa. Dois dos nossos entrevistados fizeram menção direta a esse tema.

Discordo como também sou muito crítico desse movimento contra a intolerância religiosa. (...) E há uma diferença da caminhada do Rio para a de Salvador. A de Salvador é de gente do Candomblé. A do Rio você tem um leque, que vai de uma ponta a outra de tradições religiosas (...). Eu não defendo isso. Porque nós é que somos discriminados, duramente. Não é um judeu. Não é um Hare Krishna. (...) Eu discordo da caminhada com efeitos, com show (...) eu discordo disso. Isso me afastou. E tem outra preocupação, também, que é como esse debate se torna um debate folclórico. Está se tornando cada vez mais isso (...) O uso da roupa, da indumentária, acho que você não pode banalizar isso. (...) Um fato que dou um exemplo disso: eu quando trabalhei no governo federal, a gente fez uma disputa dentro do Conselho Nacional de Segurança Alimentar, abrimos cotas, fomos vitoriosos (...). Foi histórico aquilo. Agora, o resultado foi muito aquém do que a gente esperava. Relativo a quilombolas, não. Foram rápidos, objetivos, fecharam a pauta de reivindicação deles com a plenária, enquanto o povo do Candomblé ficou muito tempo rezando e cantando. Quando foram acordar, o tempo que já tinha passado. (Entrevista Jorge d'Ogun, 29 jun. 2010)

Em uma análise a partir do interior do autodenominado movimento contra a intolerância religiosa, Jorge Damião, à época integrante do CEAP (Centro de Articulação de Populações Marginalizadas), revela sua fragmentação, as condições para um exercício de controle do poder, os interesses externos à manutenção do movimento.

Você tem um setor que acha que tinha que dar a direção, mas não teve comportamento adequado nesse sentido de estar respeitando hierarquia, e acabou se arrebatando na coordenação do movimento. E aí, esse povo saiu. E se, de certa forma, eles não fazem uma política mais contundente contra a comissão, eles também cruzam os braços. (Entrevista Jorge Damião, 12 jul. 2010)

Assinala que o problema na construção desse processo, preconizado pelo Tradição dos Orixás, uma das lideranças acabou sendo o interlocutor dessa nova etapa da luta contra a intolerância religiosa. Compara os dois momentos, aquele no qual emergiu o Tradição dos Orixás, e o atual, marcado pelo movimento de combate à intolerância religiosa.



o de hoje é muito maior. Por mais que nos esforçássemos, e o Jayro se esforçava naquele momento, a sociedade, de uma forma geral, não estava com as atenções voltadas pro problema que a religião passava. Não tinha olhares pra isso. Hoje...aí é aquela coisa da conjuntura. A conjuntura hoje é outra. E aí você tem que entender também a importância da disputa de poder a partir do fator mídia. E isso, pro movimento de hoje, eu acho que foi o que faltou lá trás. Mas por que é que se tem essa mídia toda voltada pra questão? É porque existe uma disputa, que hoje não é mais velada, é declarada, entre o sistema Globo e o sistema Record de televisão (...). Os dois grupos disputam o poder da mídia no Brasil. A Record quer assumir o poder que Globo tem. E a Globo não quer perder. Nesse sentido, qual é o papel da Globo? O melhor pra Globo? Se aliar a quem? Já que a Record é um canal que é ligado à Igreja Universal, com quem é a grande disputa da Globo. Ela vai tutelar quem, enquanto for interessante pra ela? (...) Isso também é colocado pra Comissão. E a gente tem que entender que a parceria, que o apoio deles é legal, é legal, mas é legal enquanto eles tiverem estabelecendo essa disputa. Na Globo amanhã ou depois...dá um pontapé na gente é mole. (...) Então a gente tem que aproveitar esse período pra se fortalecer cada vez mais. Por isso que digo que é diferente. A conjuntura é diferente. (...) O Movimento em si tem muito pouca grana. (...). Mas, se de uma hora pra outra...e aí é muito concentrado...se o CEAP não tá nisso, esses apoios desaparecem. (...) O grande avalista disso é o CEAP principalmente [por] sua articulação (...) O Jayro era pra ser a maior referência dessa história. Até hoje o Jayro era pra ser. O Jayro foi o pioneiro. (Jorge Damião, RJ, 12 jul 2010)

Essas narrativas pontuam a ressonância, nos dias atuais, do ativismo e organização do Tradição dos Orixás. O I Encontro Regional da Tradição dos Orixás acontece no terreiro onde a consulta ao Oráculo foi realizada, no Ilé Omolu Oxum. Ali se desenvolveria a experiência metodológica que seria ajustada e se reproduziria, com sucesso, nos demais encontros. Mas a metodologia dos encontros começa na própria abordagem aos pais e mães de santo. A principal atividade de campo da comissão administrativa passou a ser o mapeamento de terreiros da Região da Baixada Fluminense, que seguia na esteira da visitação para o convencimento e adesão ao Tradição dos Orixás


pelos líderes religiosos nos terreiros. Vera Ferreira e Sérgio Dias lembram que as estratégias que o grupo utilizava eram as mesmas observadas nas práticas de abordagem dos evangélicos. Embora não abordassem os adeptos na rua, quando identificavam uma plaquinha com uma bandeira branca e a inscrição iniciada por “Ilé”, batiam palmas ao portão. Por vezes não obtinham sucesso porque, mesmo sem os ver, os membros da Casa faziam ouvidos moucos, por desconfiarem tratar-se de evangélicos. Quando eram atendidos, a desconfiança inicial se dissipava. Estavam sempre vestidos com trajes e usando penteados e acessórios que remetiam para longe a desconfiança inicial, logo postavam-se respeitosamente diante de quem abria a porta e passavam a apresentar o assunto. Como refere *Ègbón mi* Vera Ferreira, “foi nessa que a gente conseguiu mais de 600 registros, entre terreiros de Umbanda e de Candomblé”.

Quem também recorda as andanças desse levantamento é Vanda Ferreira, que ingressou no projeto no período em que era coordenadora do projeto Zumbi dos Palmares, desenvolvido nos anos 1980 pela Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro.

Começamos a explicar a ideia e no primeiro momento, era aquele pequeno exército de Branca Leone – Vanda, Jayro, Gésia, minha irmã Vera, falecido Edinaldo, falecido Hugo, Vandinha, Mônica – íamos e batíamos. Tinha pai de santo que dizia assim: Eu não quero conversa com vocês não, (...) Não quero papo com intelectual, mas o Jayro já saía com uma listagem de três, quatro nomes (...) era amigo do amigo do amigo, do não sei da onde, do conhecido de não sei quem. Bom, dessa resistência de não querer abrir, os que abriam (...) ficavam tão seduzidos com o que era dito. (...) E aí seduzido o pai de santo, ele é que fazia a mobilização. (Entrevista Vanda Ferreira, 16 jul. 2010)

Esse é o embrião do caminho percorrido pelo movimento negro rumo aos terreiros de Candomblé, que alcançaria seu período mais vigoroso nos anos 1990, despertando inclusive o interesse de setores desse movimento incursos em partidos políticos de esquerda. Sérgio Dias vincula esse direcionamento ao encontro no Centro de Formação de Líderes, em Nova Iguaçu.

É daí a entrada de muitas pessoas do movimento negro nas casas de Candomblé, que vai gerar uma série de conflitos, de problemas, dificuldades de um lado e de outro. (...) Dificuldades de adaptação às regras do Candomblé, e das



Casas de os aceitar, exatamente de admitir essa presença que não respeitava as normas estabelecidas por aquela religiosidade... ninguém ali era antropólogo. Muito pelo contrário. Então você tem uma série de conflitos que vão ser detonados a partir daí. Conflitos que dificultam até hoje a entrada do movimento negro em casa de Candomblé. Temos dificuldades até hoje nessa relação. (Entrevista Sérgio Dias, RJ, 20 jul. 2010)

Surgiu então o Curso de Língua e Cultura *Yorùbá*, ministrado na sala de um CIEP por dois estudantes nigerianos, a convite do IPELCY. O curso atraiu algumas das pessoas que se somariam ao grupo e ajudariam a escrever a história do projeto na Baixada Fluminense. Dentre elas, Jayro Pereira destaca a professora de História Gésia de Oliveira, mencionada por outros integrantes do grupo, que era evangélica, vinculada à igreja Assembleia de Deus. Em pouco tempo, no entanto, ela se tornaria referência no grupo. Embora nunca tenha se convertido ao Candomblé, falava na primeira pessoa quando se referia aos terreiros, demonstrando estar integrada ao conjunto como nota-se na seguinte fala: “É importante ressaltar que não fazemos proselitismo religioso nem atacamos outras religiões, limitamo-nos a viver de acordo com as tradições herdadas de nossos antepassados” (jornal *Maioria Falante*, ano 3, n° 15, out/nov-1989, p.11).

Uilian Portella se surpreendeu ao encontrar Gésia, vizinha de rua em Vilar dos Teles, São João de Meriti, em um terreiro. Por ser vizinha muito próxima, observa que sua família tinha participação política nas questões do lugar. O irmão dela chegou inclusive a ser candidato a prefeito do município. Diretora de escola da rede estadual, também em bairro próximo, era amplamente conhecida por sua dedicação ao ensino e à gestão escolar.

Nós já tínhamos essa discussão lá no bairro, quando eu encontrei a Gésia nesse Encontro. Até porque essa rua que a Gésia morava, que é a rua Tibet, era a mesma rua do terreiro de Umbanda que eu frequentava (...). Eu nunca imaginei encontrá-la numa palestra ou participando de uma mesa de debate numa casa de Candomblé. (Entrevista Uilian Portella, RJ, 15 jun. 2010)

Na ocasião em que conheceu Gésia, no IV Encontro da Tradição dos Orixás, no terreiro liderado por Joaquim Motta, conheceu também Jayro Pereira, logo identificando a sintonia presente nas ações de ambos. A mulher

cuja família toda era evangélica e costumeiramente reclamava dos atabaques do Terreiro frequentado pela família de Uilian, “que ficava tocando até de madrugada...” exercia – e exerceu até seu falecimento em 1995 – o papel de liderança do Tradição dos Orixás. Estudiosa, o vínculo com o pentecostalismo não a impediu de superar as barreiras do preconceito manifestado pela família e acenar positivamente para um aprendizado no curso de *Yorùbá*, que foi para muito além dessa língua tradicional nos terreiros. Gézia foi reconhecida pelos entrevistados como importante formuladora do Tradição dos Orixás, juntamente com Jayro Pereira.


Muitos outros nomes, além da professora Gézia, compuseram o arco de colaboradores que se destacaram nos diferentes focos do projeto. Nilson d’ Ossain, Joaquim Motta, Reynaldo de Xango, Gisele Omindareuwá e Beata de Yemonjá (*Bábálòrìsàs* e *Ìyálòrìsàs* já falecidos), além da abertura de seus terreiros para sediar os encontros do projeto, contribuíram para o alcance de adeptos em todo o Brasil. Micênio Santos, Hugo Nunes e Edvaldo (os três falecidos), até então, mesmo sem vínculos construídos com o movimento negro, mostraram-se colaboradores dedicados. Os jornalistas Chico Alves, atualmente editor do Jornal *O Dia*, Carlos Nobre³, autor, entre outros livros, de *Mães de Acari: Uma História de Protagonismo Social* (2005)⁴ e *Gomeia João, a Arte de Tecer o Invisível* (2017)⁵, assim como Tim Lopes⁶ (in memoriam) abriram espaços na grande mídia e contribuíram para a disseminação, em larga escala, das ideias e práticas que caracterizaram o Tradição dos Orixás para a grande mídia.

3. Carlos Nobre, autor do prefácio deste livro, é jornalista premiado e professor do Departamento de Comunicação da PUC-RJ.

4. O primeiro título foi lançado em outubro de 2005, 15 anos decorridos do que foi notícia no Brasil e no mundo, a chacina de Acari. O livro retrata o desaparecimento em um sítio na cidade de Magé, Baixada Fluminense, de 11 jovens negros e negras pobres da favela de Acari, sequestrados por policiais, conforme as narrativas das mães de Acari, que com o apoio do movimento negro, especialmente do Centro de Articulação de Populações Marginalizadas – CEAP, e de organismos internacionais se tornariam líderes de um intenso movimento de cobrança do Estado brasileiro dos direitos de cidadania e fim da violência contra pretos e pobres. As mães de Acari somente se dissolveriam enquanto movimento reivindicatório com o assassinato de uma das integrantes e a morte respectivamente por enfarto e por câncer de outras duas. Para uma abordagem antropológica e arqueológica sobre Joãosinho da Gomeia e seu terreiro, ver PEREIRA 2015.

5. O segundo livro aborda a trajetória do baiano João Alves Torres Filho, o Joãosinho da Gomeia, considerado o maior *Bábálòrìsàs* do Brasil. Tem como um dos focos a descrição de seu protagonismo e suas habilidades na construção das relações no interior dos terreiros e das malhas necessárias à história de resistência e superação do preconceito contra a identidade homossexual e o racismo religioso e ascensão social.

6. Foi jornalista investigativo da Rede Globo, até ser torturado e assassinado por traficantes, aos 51 anos, em junho de 2002 na favela Vila Cruzeiro, no desempenho da função.



Uma produção do grupo a ser ressaltada foi o denominado DOSSIÊ “GUERRA SANTA FABRICADA” e as denúncias que este desencadeou. A então promotora de Justiça Tânia Maria Sales Moreira, responsável pelo Ministério Público, na cidade de Duque de Caxias, até o falecimento em 1998, teve papel central em sua elaboração. Este material marcou o alcance do poder político de expressão dos propósitos defendidos pela Tradição dos Orixás. Este foi o primeiro documento composto por uma análise de caráter antropológico-jurídico, baseada no levantamento de denúncias de agressão de indivíduos ou grupos identificados como evangélicos, a terreiros na Região da Baixada Fluminense, mais especialmente em Duque de Caxias. Ilustrado por uma coletânea de reportagens extraídas de periódicos de grande circulação e jornais locais, foi tomado como ferramenta de mobilização de outros terreiros em diferentes estados do Brasil. O ponto culminante daquela ação foi a provocação de uma audiência em Brasília com representantes do Ministério Público Federal, que receberam representantes da Comissão dos líderes religiosos que promoviam encontros do Tradição dos Orixás, assessorados por Jayro Pereira, com recursos oriundos da recente condição de fellow da Ashoka.

Fomos à Brasília, Vilson, que era militante do Movimento Negro Unificado, funcionário do Ministério Público Federal, articulou com a Procuradoria Geral da República para nos receber. Na época, o Procurador era Aristides Junqueira. Mas, nesse dia ele teve algum compromisso, quem nos atendeu foi o subprocurador, Claudio Lemos Fonteles. Ele nos recebeu e na hora fez o processo (...) (Jayro Pereira, Florianópolis, 03 dez. 2015)

Em 1989 o Instituto de Articulação das Religiões Afro-Brasileiras – o INARAB – entregava à Procuradoria-Geral da República o dossiê “A Guerra Santa Fabricada”. Com duzentos e cinquenta e seis páginas, entre texto escrito e anexos, o dossiê foi iniciado em 1980 e finalizado em 1988. Registrava o comportamento agressivo de membros de igrejas evangélicas pentecostais, direcionado aos terreiros e seus integrantes. O documento denunciava que:

terreiros de Umbanda e Candomblé, principalmente na Baixada Fluminense, estavam sendo alvos constantes de invasões e de depredações por uma gente enfurecida das igrejas evangélicas. O povo do terreiro, quando eles identificavam nas ruas, como continua acontecendo atualmente, devido

ao uso de roupas brancas, turbantes, fios de conta, colares e outros adereços significativos dos seus orixás, vodus e inquices, eram apedrejados, espancados, surrados com Bíblias ‘para expulsar os demônios’. Incendiavam carros estacionados em frente aos terreiros em dias de cerimônias religiosas públicas, ameaçavam...” (Entrevista Jayro Pereira, Florianópolis, 03 dez. 2015)

O intuito do dossiê era coletar informações sobre as agressões sofridas pelos adeptos dos terreiros. Informava os lugares atingidos por ações movidas pelo racismo religioso: Salvador, Maranhão e Rio de Janeiro. O processo foi iniciado ali, sendo distribuído para os devidos setores para investigação. O dossiê era acompanhado por três livros, tidos como constatação da intolerância e da “guerra santa” produzida por igrejas pentecostais: *Orixás, Caboclos e Guias*, de Edir Macedo, *Os deuses da Umbanda*, de Neuza Itioka, e *Por que crescem os pentecostais*, de Peter Wagner. O eixo dessas obras é a chamada “batalha espiritual”, cujo opositor a ser vencido é o maligno, diretamente relacionado pelos autores às religiões de matriz africana.

Essa ação recebeu muita atenção da grande imprensa, que divulgou o documento em reportagens de jornais e televisão. Em ato contínuo, as lideranças do grupo foram ao Departamento de Ecumenismo e Diálogo Religioso do CNBB, para entregar o dossiê a Dom Sinésio Bohn, figura importante da Igreja Católica. Novamente a imprensa documentou e divulgou o encontro na CNBB. O entendimento era que a Igreja Católica também estava sendo atingida pelos “ataques”, constituindo-se como aliada na reação pública e jurídica.

Era um Bispo importante, um alemão, ele dizia que não conhecia aqueles livros. (...) E ele distribuiu esse dossiê por várias regiões do Brasil. Mas, aí sempre aquela ideia, a gente sabe o que é a Igreja Católica. A gente sabe que por trás das concessões que eles dizem fazer, das parcerias, que tem uma intenção, historicamente, sabemos que eles não vão mudar. A gente sabia disso. Isso a gente sabia. Mas a gente sabe que aquele dossiê mudou a Igreja Católica, a CNBB. (Entrevista Jayro Pereira, RJ, 08 jan. 2016)

O dossiê seguia seu percurso, sendo entregue a outro representante da Igreja Católica, o cardeal primaz do Brasil arcebispo Dom Lucas Moreira Neves, ainda em setembro de 1989. Esse encontro foi noticiado em diversos

jornais pelo país, como na edição de 9 de novembro de 1989⁷, do jornal *Tribuna da Bahia*, que enfatizava o caráter político-jurídico dessa ação organizada e produzida a partir dos terreiros.

Anos depois, em 1996, o jornal *Folha de São Paulo* publica uma reportagem⁸ que indica que não houve prosseguimento do processo requerido pelo dossiê, ocorrendo a solicitação do CENARAB (antigo INARAB) para que fosse encaminhado à Procuradoria Regional de São Paulo, que investigava o caso conhecido como “Chute na Santa”, envolvendo o bispo Sérgio Von Helder, da Igreja Universal do Reino de Deus, e a imagem de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil.

Para Jayro Pereira e os demais ativistas, adentrar as dependências dos terreiros e promover o que qualificavam como reuniões de conscientização acerca dos direitos civis dos vivenciadores desta tradição consistia em ação política inadiável. O mote principal das reuniões era a mobilização do “povo do santo” em defesa do patrimônio religioso sob risco e dos direitos civis recorrentemente violados (GOMES e OLIVEIRA, 2013). Estas violações dos pentecostais também se cristalizam nas mídias radiofônicas e televisivas:

Programas e mais programas na televisão passam horas mostrando cenas de exorcismo de orixás, caboclos, pombagiras e outras entidades. Todos eles identificados pelo pentecostalismo de cura divina como formas do diabo, mostrando também esses programas longos testemunhos sobre conversos saídos das religiões afro-brasileiras, ou ainda vitoriosos testemunhos de como é possível até mesmo ficar rico quando se doa à igreja tudo que se tem, agora que o dinheiro não é mais visto como coisa do diabo. (Entrevista Jayro Pereira, RJ, 08 jan. 2016)

O grupo de ativistas passa então a frequentar progressivamente terreiros de Candomblé localizados na Região da Baixada Fluminense. O propósito era debater com a comunidade de iniciados o crescimento dos ataques dos pentecostais e estimular uma reação, calcificando o discurso que evocava a ancestralidade e o papel histórico dos terreiros na manutenção do “processo civilizatório” negro-africano na diáspora.

7. “Dom Lucas recebe dossiê dos negros”, Salvador, 09 de setembro de 1989.

8. “Entidade acusa fiéis de racismo”, São Paulo, terça-feira, 23 de janeiro de 1996.

9. Ver em Almeida (2009).


Entretanto, devido à desproporção entre o número de ativistas e o montante de terreiros projetado para aquela região e para a Região Metropolitana, além da exiguidade do tempo para construir uma resposta coletiva ágil, passou-se a pensar na convocação, terreiro a terreiro, para encontros regionais. Esta ideia ganhou força a partir da participação do grupo então institucionalizado sob a sigla IPELCY, no III Encontro do Movimento Negro do Estado do Rio de Janeiro, no município de Nilópolis, em 1987. Na ocasião foi criado o Grupo de Trabalhos de Religião, cuja principal missão consistia em ampliar os laços entre o movimento negro e os terreiros, como mencionado anteriormente.

O diálogo entre os terreiros com o objetivo de organizar uma nova resistência foi o lema que passou a comandar as ações do GTR, ou “a comissão”, como passou a ser nomeado o grupo de ativistas do movimento negro, na medida em que incorporava *Bàbálòriṣàs* e *lyàlòriṣàs*. Realizaram dez encontros regionais sucessivos nos barracões dos Terreiros, durante os anos de 1987 e 1988. Mãe Meninazinha se recorda:

(...) conhecemos outras pessoas, tudo com muito sacrifício, o primeiro encontro se deu aqui em casa (...) isso começou nos anos oitenta, com o Tradição dos Orixás (...). Era o que se dá hoje, a luta pelo conhecimento do Candomblé, pela liberdade religiosa, porque nós sempre fomos perseguidos. E era isso. O que nós fazemos hoje, já fazíamos nos anos oitenta.
(Entrevista Mãe Meninazinha d'Òṣùn, 04 out. 2010)

A perspectiva era a denúncia pública de ações preconceituosas, no espírito de união para combater o que se convencionaria chamar “o inimigo externo”. Entretanto, identificava-se que havia “inimigos internos”, que municavam os ataques, oferecendo aos algozes a confirmação dos estereótipos de que os terreiros produzem e cultivam demônios. Alude Jayro de Jesus que “(...) esses que faziam isso eram pessoas saídas das religiões afro-brasileiras, com raiva, com ódio e com essa visão do Diabo” (Entrevista Jayro Pereira, 03 dez. 2015).

Outro momento importante para a consolidação e visibilização do Tradição dos Orixás foi a realização do encontro na Universidade Federal Fluminense. No ano do Centenário da Abolição da escravidão, 1988, foi realizada o I Encontro Estadual da Tradição dos Orixás, em parceria com o Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal Fluminense e



a Reitoria desta universidade. Estavam presentes lideranças da Umbanda, Omoloko, Candomblé e as demais religiões deste campo. Nos três dias do evento participaram mais de duas mil pessoas, entre intelectuais, imprensa nacional e estrangeira, grupos artísticos, expositores, representantes de comunidades de terreiro, professores e estudantes.

As diversas ações realizadas pretendiam responder publicamente aos ataques e preconceitos que não foram inaugurados pelos neopentecostais, mas ganharam novos contornos. A adoção de práticas rituais que incluem entidades do panteão afro-brasileiro como representantes do maligno sempre subjugadas expôs interna e externamente a centralidade da batalha espiritual (MARIZ, 1999; GOMES, 2010). Vale ressaltar que a problematização sobre o risco de desaparecimento dos terreiros devido às dificuldades de transmissão é acompanhada pela memória do conflito e da resistência, diante de investidas neopentecostais.

O contexto político que se ergueu durante e após as múltiplas articulações tecidas com o propósito da organização de grandes manifestações do movimento negro na passagem do centenário da abolição da escravidão no Brasil favoreceria o planejamento e a execução de uma ação mais ousada do Tradição dos Orixás. Os ativistas do Projeto participaram de sucessivas reuniões, quase sempre no Instituto de Pesquisa das Culturas Negras – IPCN, primeira organização do movimento negro do Rio de Janeiro a conquistar uma sede, em 1977, dois anos após sua fundação¹⁰. Os debates ali suscitados impactaram o planejamento das ações das duas comissões do Tradição dos Orixás.

No dia 11 de maio de 1988, na “Marcha contra a Farsa da Abolição”, no centro do Rio de Janeiro, reunindo mais de 5 mil pessoas em protesto contra as comemorações planejadas pelo Estado, estava presente o “povo de Santo”, com faixas, cartazes, atabaques e adjás¹¹. Aquela foi a primeira ação política pública de grande amplitude social contra o racismo, que contou com a presença de pais e mães de santo em posição de destaque. Tal quadro se repetiria em várias outras ocasiões dali por diante, inclusive com a presença previamente

10. Esta, do ponto de vista da aglutinação de intelectuais e artistas negros e não negros e de militantes de diversas correntes políticas, é provavelmente a mais importante organização do movimento negro do RJ e certamente uma das mais expressivas do país (ver: <http://recuperacaodoipcn.blogspot.com.br/>).

11. Sineta de metal, confeccionada em bronze dourado ou prateado. É instrumento sagrado usual nos rituais do Candomblé.


anunciada nos meios de comunicação de um candidato à presidência da República em terreiro da Baixada Fluminense, no caso o então presidente Luís Inácio da Silva (Lula) em visita à *Iyá Nitinha de Oxum*, no *Àşę Iyá Nassô Oká Ilé Ôşùn*¹², no bairro de Miguel Couto, portanto vizinho do *Omojuaro*, em Nova Iguaçu, então sob o comando de *Iyá Beata de Iemonjá*.

Tendo em vista o acúmulo de experiências proporcionado pela realização de dez encontros regionais e a participação nos protestos de maio, o grupo liderado por Jayro Pereira tece os preparativos para a realização do encontro na Universidade Federal Fluminense. Na ocasião, um dos integrantes do grupo (um dos autores deste livro) integrava a direção do Diretório Central dos Estudantes e levou a demanda para as instâncias decisórias da universidade. Lembra que acompanhou a apresentação da proposta de sediar o encontro estadual ao Conselho Universitário, pelo primeiro presidente negro do DCE, Giovanni Harvey. A proposta foi imediatamente acolhida, mas não sem um ou outro comentário por parte dos demais conselheiros, que ensaiaram ridicularizar o pedido do DCE. O reitor à época, professor Hidilberto Cavalcante, cochichou que não seria ele a negar a realização de evento com tais características.

O I Encontro do Tradição dos Orixás, que extrapolou os limites das reuniões do grupo, reuniu um conjunto de atividades marcadas por intensos debates em todos os dias do evento. Com a presença significativa da imprensa e a participação de lideranças de outros movimentos sociais, foi uma inequívoca demonstração de que o Tradição dos Orixás postulava afirmar-se como a maior articulação política entre adeptos dos cultos afro para além do Rio de Janeiro. A presença, por exemplo, do seringueiro Chico Mendes, praticamente às vésperas do assassinato que transformaria sua história em ícone do movimento ambientalista, evidenciava o interesse pela ampliação de alianças, embora não se possa afirmar a existência de uma estratégia propriamente engendrada para este fim.

Amparado pelos aportes disponibilizados pela Reitoria (todas as instalações do teatro MPB4, transporte, cozinha e assessorios, dormitórios e equipamentos de audiovisual) e, fundamentalmente, contando com a experiência precedente de seus organizadores, o Encontro realizado na UFF

12. Descendente da Casa Branca do Engenho Velho, considerado o primeiro Terreiro de Candomblé do Brasil, tombado pelo IPHAN em 1986, foi condecorada com a Comenda da Ordem do Rio Branco pelo presidente Lula em 2007, um ano antes do seu falecimento.



foi considerado um sucesso. Essa narrativa agora estava definitivamente projetada para certos setores do movimento negro em âmbito nacional como um novo paradigma da luta contra o racismo no Brasil. Entretanto, é também esse sucesso que se configuraria, mais tarde, em indicador do declínio do projeto Tradição dos Orixás no Estado do Rio de Janeiro, pelo menos como formulado na narrativa construída sob a liderança de Jayro Pereira.

Nos cinco anos seguintes ao primeiro e último encontro estadual, mesmo com a realização de várias reuniões em alguns terreiros já articulados e outros em processo de aproximação, disputas pela condução política se acirraram no interior do Tradição dos Orixás, a tal ponto que se tornariam incontornáveis. Dois anos depois da ECO 92, a conferência mundial sobre desenvolvimento sustentável realizada na cidade do Rio de Janeiro, Jayro Pereira romperia com um subgrupo que se instalara no Tradição dos Orixás e se deslocaria para fora do estado, rumo à cidade de São Paulo.

Em meados do ano seguinte ao Encontro da UFF, o Tradição dos Orixás, que operava no espaço da Associação dos Ex-Alunos da Funabem – ASSEAF, passa a integrar a estrutura de um novo modelo de organização das lutas sociais que se espalharia pelo Brasil. O Centro de Articulação de Populações Marginalizadas – CEAP foi fundado no bojo de criação de Ong's (organizações não governamentais sem fins lucrativos), com o estímulo e apoio de intelectuais ligados, no passado, a organizações de resistência à ditadura militar, ex-internos da antiga Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor e diferentes lideranças de Comunidades Negras e do Movimento Negro do Rio de Janeiro. O CEAP teve auge nos anos 1990, quando se beneficiou do fluxo de recursos oriundos das agências de cooperação internacional e da relativa unidade política de seus fundadores. Nos anos 2000, o CEAP reorientou seus programas e projetos iniciais em razão de novas alianças, em substituição à perda dos grupos que conferiram sua projeção, alcançada em seu primeiro decênio, dentre eles o Tradição dos Orixás.

Mas a concepção política que levou à ação prática junto aos terreiros, conferindo a visibilidade desse campo mítico-religioso no Rio de Janeiro não desapareceria com a partida de seu mentor para São Paulo inicialmente, e depois para Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre, retornando a Florianópolis, cidade na qual Jayro Pereira residiu até o início de 2019 e a partir da qual, desde 2016, parte para a atualização da narrativa de defesa dos terreiros e do que ele passa a categorizar como autoridades civilizatórias.


Passadas décadas das transformações no processo estimulado pelo Tradição dos Orixás, o grupo volta a se reunir em 2016. A articulação se baseia em torno do objetivo de repensar os espaços sagrados afro-brasileiros como lócus de resistência e identidade afrocentrada. O terreiro é percebido como espaço civilizatório, não somente religioso. Os bens materiais – muitos dos quais produzidos no próprio terreiro, assim como o complexo arquitetônico (casas das divindades e o “barracão”) – são parte, e não o todo do legado a ser conservado. Para o Tradição dos Orixás, a transmissão dos saberes que conformam a cosmologia e a forma de vida dos integrantes dos terreiros é primordial. A postura a ser adotada pelas religiões afro-brasileiras seria de autocrítica e desconstrução de imposições colonizadoras. A questão a ser afirmada é o caráter civilizatório. Aqui apresenta-se uma crítica da própria adesão à ideia de religião. Os terreiros estariam pautados por valores civilizatórios africanos, que não fragmentam as esferas da vida como os valores que configuram a complexa “cultura ocidental moderna.”

Trata-se de visões de mundo opostas, de modo que mudanças de sentido devem ser empreendidas, implicando em alterações acerca da percepção do que é patrimônio. O terreiro deveria ser esse espaço de visibilidade da visão de mundo africana e não só de fazer curso para Oxossi, para não-sei-quê, para não-sei-quem (...) terreiros são espaços da cosmovisão. (Entrevista Jayro Pereira, Florianópolis, 03 dez. 2015)

Na mesma direção surgem críticas à individualização e personalização presentes nas decisões sobre os postos de hierarquia destes espaços, assim como sobre aspectos ritualísticos. Os valores afrocentrados defendidos pelo grupo são baseados na coletividade e na reciprocidade, o que se afastaria do que é praticado na maior parte dos terreiros.

Nas religiões africanas quem determina o posto de quem vai ser Iyá ou Babá é a comunidade. Porque espera dele conhecimento e ele é o mais velho daquele grupo. Não é eu chegar e dizer: “eu vou ser, eu quero ser” e começar a ser. (...) Porque as próprias lideranças religiosas têm a visão de mundo africana pela metade. O que compreendem é a religião dos orixás. É para dizer que o pai e a mãe de santo tinham que se imbuir desse complexo civilizatório africano. (Entrevista Jayro Pereira, RJ, 08 jan. 2016)





O processo de incorporação de pressupostos colonizadores seria, por sua vez, responsável pela conformação de uma identidade fragmentada e não autêntica. Pais e mães de santo estariam reproduzindo um ideário exógeno aos pressupostos civilizatórios afrocentrados, ao delinearem ações baseadas em seus próprios termos. O investimento na formação de integrantes dos terreiros (não somente das lideranças, mas também dos iniciados) consiste em caminho necessário para o rompimento com essa dinâmica de reprodução de princípios hegemônicos ocidentais.

A adesão a tais princípios tem impactos no processo de transmissão, seja dos pressupostos originais, seja dos próprios terreiros. As críticas são direcionadas também ao personalismo e à centralização do poder na figura do pai de santo ou da mãe de santo, o que comprometeria a autenticidade da tradição africana, baseada na coletividade. Tal condição repercute no fechamento de terreiros e representa risco à preservação do patrimônio afro-brasileiro. Ressalta-se que há uma prática “inventiva” de lideranças, centralizadoras e personalistas que:

adultera tudo e aquilo fica em função dele enquanto vida ele tiver. Porque se ele morrer, acabou, porque não é mais ele (...) você não tem noção da visão de mundo africana, você abre o terreiro, você pessoaliza, individualiza ele, e a casa é sua. Aí, claro, nesse contexto da intolerância: vai queimar minha casa, denuncio, falo, mas na verdade, o sentimento não é pelo patrimônio civilizatório; é porque a casa é dele. É onde ela mora, onde moram seus parentes, os filhos etc. No dia em que ele morrer, vai acabar aquilo. Claro que tem algumas casas como a Ôpó Afonja, casas na Bahia centenárias, em que isso está compreendido, ou seja, a continuidade. O Ôpó Afonja, o Gantois, pelo que eu observo, mesmo passando por parentes, é um espaço que não vai acabar; mas o resto, onde morre o pai de santo, acaba o terreiro. Isso é indubitável. (Entrevista Jayro Pereira, RJ, 08 jan. 2016)


Esta fala corrobora com a análise de Rita Amaral (1994) que reflete sobre as dificuldades de continuidade dos terreiros diante da morte de seus líderes. Aponta uma série de problemas que conduz ao desaparecimento destes espaços. A transmissão de conhecimento de rituais imprescindíveis, como o axexê (âsêsé), passou a estar centralizada nas mãos de poucos sacerdotes, produzindo o que seria um “monopólio do conhecimento religioso”. O ritual

fúnebre é descrito por Juana Elbein dos Santos (1986), no clássico *Os Nagô e a Morte*. São sete dias seguidos, nos quais ocorrem cerimônias detalhadas, somente possíveis se realizadas por quem detém o conhecimento. Amaral (1994) assinala que a complexidade dos rituais e a interrupção da transmissão destes saberes incorreu na produção de especialistas nestes serviços religiosos. Aponta a existência de uma espécie de reserva de mercado, já que tais serviços litúrgicos se tornaram lucrativos, com a concentração de atividades por algumas pessoas.

A morte da liderança gera situações desestruturantes, como a tomada de decisões sobre as cerimônias, falta de indicação do novo sacerdote e o destino dos filhos de santo. Outro fator significativo, com caráter desagregador, é o problema legal inerente à transmissão da propriedade. É corrente que seu registro seja no nome da liderança falecida, o que pode acarretar uma perda do patrimônio por diferentes motivos, como quando os herdeiros não são do Candomblé, por exemplo. As falas de nossos interlocutores indicaram que o problema da crise de transmissão, tanto dos conhecimentos (imaterial) como dos próprios terreiros (material) constitui o fator de maior risco para o patrimônio religioso das religiões afro-brasileiras, como o Candomblé.

O contraponto neste processo é o reconhecimento de terreiros tradicionais centenários, que se mantêm por seguirem princípios civilizatórios, marcados pelo investimento na transmissão e continuidade, como alude Jayro Pereira. A incorporação de valores ocidentais nos terreiros, principalmente os “individualistas”, produz um enfraquecimento do processo de transmissão da cosmologia estruturante. Neste sentido, a reinserção de valores e da cosmovisão africana nos terreiros, por estratégias de transmissão deste conhecimento torna-se uma ação central para o grupo Tradição dos Orixás.

Então a gente trabalhou isso: o que é a pessoa, o que é o ser humano na visão de mundo africana. Esse detalhamento tem que ser feito desde criança. O que compõe a organização biomítica — que eu chamo de biomítica —, essa visão do mundo que concebe o sagrado como parte do ser humano. Não algo que vem e pega você, que é o orisá, mas essa visão de mundo africana. Tem que ver formas pedagógicas de transmitir isso na primeira infância. (Entrevista Jayro Pereira, RJ, 08 jan. 2016)



Importante pesquisa de Caputo (2012) percorre um período de quase vinte anos de educação nos terreiros, tomando por base o Ilé Omo Oya Leji, em Mesquita, Baixada Fluminense, zelado pela *lyà* Palmira. Sua “hipótese-fio-de-conta”, confirmada ao final do estudo, é que a educação nos terreiros produz jovens e adultos com elevada autoestima, fincados na tradição com a qual se identificam. Para além de uma produção meramente individual da autoestima, há uma reconexão com uma memória indissociável da cosmovisão, oposta à que impôs violentamente a experiência fragmentadora da diáspora. Para Jayro Pereira: “Terreiros são espaços da cosmovisão. E, no conjunto, responsabilidade indivisível de todos os que se dizem pai e mãe de santo.” (Entrevista Jayro Pereira, Florianópolis, 03 dez. 2015)

Tal perspectiva implica reconhecer que as práticas (rituais, cerimônias, vida cotidiana) realizadas nos terreiros conduziram ou devem ter conduzido seus frequentadores a um encontro de memórias que, para serem preservadas ao longo de quase quatro séculos de violência escravista, exigiram a constituição de uma pedagogia e um espaço próprios. Esta pedagogia, com o poder de recriar determinadas práticas pelo pensamento, atualizando-as como tradição, representa um patrimônio a ser transmitido intergeracionalmente (GONÇALVES e SILVA, 2005). Entretanto, o percurso necessário à atualização desta pedagogia não se desenvolve sem tensões, determinantes para a continuidade ou não destes sujeitos na tradição iniciada. Esta perspectiva indica que não é possível considerar o Candomblé como religião, no sentido Ocidental.

O terreiro é a pequena África reinterpretada (SODRÉ, 1988). Tal concepção significa afirmar que, além destes povos africanos e de seus descendentes coproduzirem as bases que conduziram às transformações sociais e econômicas que fundaram a modernidade no Ocidente (GILROY, 2001; DUSSEL, 2005), estes recriaram simbolicamente novas comunidades nos terreiros, legando às próximas gerações o que foi possível restituir de sua tradição. Perder tal perspectiva impede que o terreiro seja um espaço de ressonância desse passado fundado na ancestralidade.

Entretanto, forjado em meio à perseguição imposta pelo sistema colonial escravagista, o terreiro se desenvolveu como comunidade clandestina, fechada e voltada para si. As relações entre os adeptos do terreiro com a cidade foram tangidas pelo alcance do que era necessário à sua reprodução social, mantendo à distância possíveis ameaças, sem necessariamente construir


uma interlocução permanente com o mundo externo (SODRÉ, 1988). Wanda Araújo atualiza essa estratégia, afirmando que

eles pensam que estão nos dando, e na verdade nós é que, a todo momento, estamos mostrando. Porque, quando nós saímos do terreiro, nós levamos tudo conosco. Tudo o que a gente aprende no terreiro, a gente leva para ao mundo. A gente mostra para a cultura do outro mundo que a gente divide. Porque são dois mundos: o nosso e o deles. Tudo aquilo que a gente recebe de bom, de fortalecimento, a nossa palavra, realmente, ela é diferenciada. E foi assim que a Mãe leu e que traduziu e que hoje nos traz aqui de volta, nos fortalecendo para uma nova batalha. Que ela está aí. Ela está aí. Hoje, mais visível, porque ela sempre existiu. (lyã Wanda, Rio de Janeiro, 29 abr. 2016)

A pedagogia aplicada aos terreiros, no entanto, não permaneceu incólume às consequências de um exercício do poder de dominação do sistema colonial desenvolvido pelo Ocidente. A visão dualista da existência, que a tudo compartimentaliza nas arenas do bem e do mal, teria sido assimilada e instrumentalizada como meio de proteção de violências físicas e psicológicas do sistema escravista. De um lado, trata-se da ignorância do proprietário de escravos, que ordenava e perseguia todas as manifestações por ele interpretadas como magia negra ou do mal. De outro lado, a percepção, pelo escravizado/a, do temor provocado pelo feitiço propicia sua ressignificação como elemento estrutural para a explicitação do sagrado, revertendo essa prática para uma poderosa estratégia de autopreservação (SOUZA, 1988).

A representação conferida pela visão colonialista, incorporada e reproduzida no século XXI atribui malignidade à ritualística dos cultos, sobretudo em relação à divindade Èṣù. A caracterização de Èṣù como diabo passa a ser disseminada também nos terreiros, por vezes com intenções associadas à mercantilização da fé. Jayro Pereira refere esta questão da seguinte maneira:

O Candomblé, também, para poderem as lideranças, na sua maioria, (...) ter poder (...), elas também se atrelam à ideia do mal através de Èṣù. Isso é poder, ainda que seja circunscrito a um grupo que está ali (...), mas é poder. Que dá poder a um Bábàlòrìṣà ou uma lyàlòrìṣà, na cabeça deles, é a ideia do mal. Ah, é porque a gente é que pode facilitar as coisas. (Entrevista Jayro Pereira, 08 jan. 2016)



Este é o ponto de inflexão que produziu um novo feixe de críticas ao racismo cultural e religioso, espiralado a partir da presença de um ativismo negro nos terreiros de Candomblé, do interior da própria tradição. Todos os terreiros que permanecem desde a participação construtiva do Tradição dos Orixás possuem representações institucionais que produzem um discurso e uma ação cujos arcabouços se voltam sobretudo contra o racismo, o sexismo e a devastação ambiental, numa evidente expressão do que foi apreendido em outros tempos. De fato, o ativismo negro, mais do que se instalar nestes espaços, passou a coproduzir uma nova ambiência, com novos quadros militantes, passando a formular e a gerir, evidentemente com a anuência das autoridades do Ilés, novos processos políticos, muitos em cooperação com agências nacionais e internacionais de fomento a iniciativas de natureza social.

Neste sentido, foram adotados mecanismos de inserção dos terreiros em fóruns públicos de debates sobre os temas que passaram a ser refletidos em seu interior, inclusive nas malhas das comunidades virtuais, religiosas ou não – o que acarretou um fortalecimento ou a criação de canais de projeção social. Contudo, tal cenário conduziu a um incremento de consumidores da fé, e não a uma reversão dos ataques sofridos pelo campo religioso opositor, dinâmica criticada por Jayro Pereira.

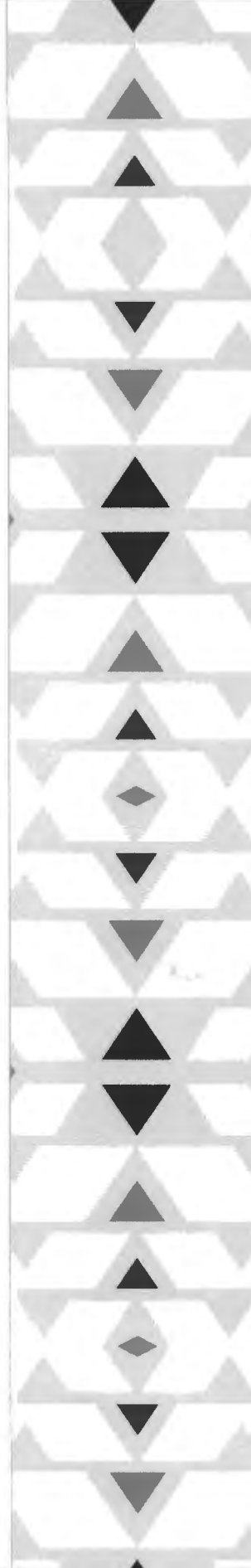
Em relação ao ativismo negro e à militância nas religiões afro-brasileiras, a junção segue seu curso, não sem tensões. Nas últimas décadas muito se tem falado sobre as práticas de intolerância religiosa e a reação dos iniciados na tradição africana às agressões provenientes, principalmente, do campo religioso evangélico neopentecostal. Este se tornou um tema obrigatório para as reflexões que se ocupam em formular ações políticas autônomas de movimentos sociais ou políticas públicas de igualdade racial. As falas dos participantes do grupo consideram a década de oitenta do século XX como período de resistência. As ações e reações que marcaram o embate entre as religiões afro-brasileiras e as igrejas neopentecostais são consideradas marcos significativos na organização do “povo de santo”. O processo é referido como norteador de novas configurações nos campos religioso e político para o campo afro, tendo como espaço irradiador os próprios terreiros. Embora a literatura sobre o tema subestime tais reações, a perspectiva interna afirma seu caráter propulsor de políticas e movimentos contra o que se tem convencido chamar de intolerância religiosa (GOMES e OLIVEIRA, 2013).

Nos horizontes dos movimentos negros brasileiros, a década de 1980 foi decisiva para a construção de um olhar pioneiro, que ineditamente preza as comunidades tradicionais de terreiro como espaços de resistência histórica aos vilipêndios da escravização e ao racismo. Esta idealização do campo religioso afro-brasileiro irá justificar a introdução deste debate nos fóruns de interesse, para a compreensão das transformações do fenômeno religioso no Brasil, que passam a eclodir a partir de meados desta década e avançam para os anos 1990.

Vale mencionar que entre os anos 1986-1987, o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs encomenda ao então Instituto de Estudos da Religião (ISER) um estudo aprofundado acerca da diversidade religiosa no Brasil. O centro das preocupações que uniam diferentes pesquisadores consistia no conhecimento das transformações do diversificado campo religioso brasileiro. O referido estudo configura uma separação entre religiões tradicionais, grupo no qual figuram as religiões de tradição africana, e as novas tradições, abarcando todas as denominadas “religiões alternativas” (LANDIM, 1990).

Já no ano seguinte à publicação, um dos artigos derivados daquele estudo propõe, entre os descritores que caracterizam as religiões de tradição africana, que “para muitos movimentos negros, [estes sistemas] constituem uma importante instância geradora de sentido para seus propósitos culturais e políticos” (ANDRADE, 1991, p. 229). Era uma evidente referência à relação estabelecida entre o ativismo negro e os terreiros.

Decorridas três décadas desde os primeiros passos da reação organizada diante de ações neopentecostais contra religiões afro-brasileiras, as transformações que se sucederam no interior dos terreiros e na sociedade abrangente não foram suficientemente eficazes. Embora ocorra um reconhecimento de que há variantes significativas no campo evangélico, de acordo com a denominação, práticas e doutrinas, inserção na política, entre outros fatores, o conflito é constantemente atualizado. As manchetes dos jornais continuam a noticiar os ataques de líderes e seguidores de determinadas denominações, mesmo quando os dispositivos de combate ao racismo e à xenofobia se multiplicam no país. O assunto parece longe de prescindir da intervenção dos grupos de ação política. É nesse contexto de acirramento de ataques a terreiros, que o Tradição dos Orixás atualiza debates e ações de enfrentamento ao racismo religioso, conforme pode-se conferir na entrevista a seguir, realizada com Jayro Pereira para finalizar este livro.



DOSSIÊ "A GUERRA SANTA FABRICADA"



“A luta política e jurídica contra o racismo religioso, dissociada da luta afroepistêmica, torna-se ineficaz!!!”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A entrevista reproduzida a seguir foi realizada com Jayro Pereira, já na conclusão deste livro, alguns dias após suas conferências no Fórum Social Mundial, realizado entre 13 e 17 de março de 2018 em Salvador, Bahia. Ela conclui o caminho percorrido e as repercussões do projeto original Tradição dos Orixás, apresentado aqui. Buscamos apresentar um documento, privilegiando narrativas de pessoas que participaram ativamente da construção do Tradição dos Orixás. Em especial, tomamos como eixo a trajetória de Jayro Pereira como âncora para descrever os acontecimentos que conjugam a construção de um pensamento social com base em uma cosmologia afrocentrada, a partir dos próprios terreiros. O filósofo e teólogo, em uma de suas frases postadas em seu facebook, usado como ferramenta para transmissão e debate sobre a perspectiva defendida pelo grupo, afirma: “Vou insistir: ou o racismo religioso será radicalmente combatido pelo viés afroepistêmico, ou essa luta prosseguirá incompleta”. É neste sentido que a base cosmológica e epistemológica dos caminhos a serem trilhados pelas religiões de matriz africana e os movimentos negros no Brasil são elaborados pelo pensador.

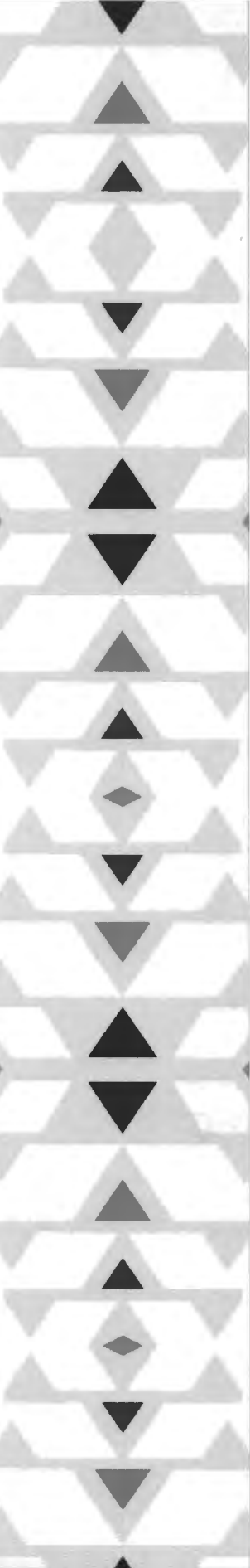
No texto de Sérgio Dias, intitulado *Pequena digressão sobre o projeto Tradição dos Orixás*, publicado em seu facebook, ao qual já recorreremos neste trabalho, a importância dos terreiros na consolidação desses caminhos é reiterada:

Para pensarmos o que vivemos hoje, devemos nos reportar ao nosso passado. Os africanos, dos quais somos descendentes, aportaram essas terras na condição de seres humanos escravizados, em um cerceamento e sepultamento de sua humanidade. Asseverar nossa centralidade civilizatória, é antes de tudo, buscar autorreconhecimento não apenas para os seres vivos, mas, sobretudo para nossos antepassados e para aqueles que ainda estão por vir. Nossos pedidos de bênção aos nossos tataravôs, nossos bisavôs, nossos avôs, nossos pais e mães, enfim à toda família ancestral.

O que está posto agora para o grupo é o compromisso com mudanças internas, capazes de criar ressonâncias para o interior e o exterior dos terreiros. O exercício cíclico motivador de manifestações programáticas em defesa da liberdade religiosa, até o presente, não foi além da personalização de novos líderes ou do rejuvenescimento de outros, com performance midiática. O que parece indicar um ativismo reinstalado é uma nova concepção de ação política, que elege a reforma do ambiente pedagógico dos terreiros como prioridade na construção de uma nova postura, diante do processo de retomada e transmissão dos saberes e experiências afrocentrados. A escolha de finalizar com a fala de Jayro Pereira significa ratificar o percurso de um coletivo forjado na resistência e na desconstrução do poder e do pensamento do colonizador.

JAYRO, EM 2016, VOCÊ SAI DE FLORIANÓPOLIS PARA A CIDADE DO RIO DE JANEIRO. É O MARCO DA RETOMADA DESSA DISCUSSÃO ATUALIZADA DAQUILO QUE SE FEZ 30 ANOS ATRÁS. QUAIS SÃO OS LUGARES AONDE VOCÊ VAI: UNIVERSIDADES, ENTIDADES DE MOVIMENTO NEGRO, TERREIROS? E O QUE VOCÊ TRASMITE NESSA NOVA FASE?

Então, vou para todos os lugares: para as universidades; para as entidades do movimento negro; para os terreiros e, sobretudo, para onde estão os jovens. A atualização da minha fala é nessa perspectiva de atingir os jovens. E aí vou falando de coisas desde os anos 80, no início do projeto Tradição dos Orixás. Já naquele tempo eu tinha questionamentos, mas desenvolvia muito o que eu achava. Depois, quando saio do Rio, me aprimoro mais, faço uma dedicação mais organizada aos estudos e à percepção das coisas. Eu tinha uma questão pessoal e individual que me incomodava. Essa consciência racial me reportou em algum momento para fazer uma pergunta existencial: o que eu fui ou o que eu era? Depois do projeto Tradição dos Orixás, passo a fazer uma pergunta mais coletiva. Eu não me via mais sozinho nessa coisa da comunidade negra, do povo negro, do afrodescendente. Então pluralizo a minha questão: quanto ao que éramos, o que fomos em África pré-colonial. Nessa demarcação, as perguntas são: o que fizeram de nós, ou no que nos tornaram no racismo colonial? E o que poderemos vir ou voltar a ser? Isso me embala a vida. Renasceu ali uma nova perspectiva com relação à vida. Naquele tempo eu tinha mesmo uma ideia de que eu não ia durar muito, de que eu iria morrer logo. E essas coisas estavam mais cristalizadas na minha cabeça: essas perguntas, essas questões. Diante da angústia existencial que suscitou



aquelas perguntas, eu entendia que tinha algumas explicações e percepções, que poderia dizer coisas que antes não dizia, e que nunca tinha ouvido o movimento negro dizer e nem ninguém que estuda isso aí. Nem mesmo nessa filosofia africana que veio à tona mais recentemente. Eu penso coisas que essa filosofia que se diz africana não diz muito. Eu encontro, claro, apoio nas coisas que tenho lido, mas para mim é mais profundo. É do grande complexo existencial, que percebo que não é só meu, que é do movimento negro, que é do povo de terreiro. Então, nessa carência desse debate na sociedade passei a ir para todos os lugares para dizer coisas e percebo que todo mundo ficava atento, escutando, procurando compreender. Aí comecei a perceber que eu dizia coisas que muita gente nunca tinha dito ou ouvido.


O QUE VOCÊ ACHA QUE ATRAI A JUVENTUDE PARA TE OUVIR, ATUALMENTE? SERÁ QUE É O MESMO DE 30 ANOS ATRÁS OU TEM UMA DINÂMICA NOVA?

Eu acho que dentro do projeto Tradição dos Orixás, a juventude que a gente chamou, conquistou, estimulou politicamente, entendia que a gente tinha outra percepção desse lugar cultural-religioso, que a gente dizia outras coisas. Quer dizer, falar como é que saímos desse lugar de oprimido, da marginalidade. Até pela formação básica que tive, eu queria dizer coisas que me tirassem desse lugar, dessa tradição amorfa, ritualística, porque nunca entendi que o que os terreiros expressam hoje é religião. Sempre suspeitei que era outra coisa e procurava buscar entender isso. Então essa suspeita já mobilizava os jovens, e a minha inquietação era contagiante naquela época. E agora a gente volta com ela mais explicitada, com melhor compreensão. A juventude vem de novo, ela vem de novo tentar buscar, entender isso.

VOCÊ ACHA QUE DE ALGUMA FORMA ESSA NARRATIVA QUE VOCÊ VEM CONSTRUINDO E ESSA APROXIMAÇÃO COM A JUVENTUDE PODE CONTRIBUIR PARA COMBATER A PRÁTICA, DENUNCIADA INCLUSIVE EM VÁRIOS ORGANISMOS INTERNACIONAIS, DE GENOCÍDIO DA JUVENTUDE NEGRA NO BRASIL?

Eu me lembro que, quando li há muito tempo o livro do Muniz Sodré *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil* (1999), tinha algumas coisas que não entendia. Mas me chamou muito a atenção, acho que é no prefácio ou na introdução, quando ele faz uma dialogia com a filosofia de Nietzsche, e fala em semiocídio. Então vou pesquisar o sentido da palavra semiocídio. E

começo dali a perseguir os escritos do Muniz Sodré. Eu lia um bocado de coisas, mas, posso assim dizer, ele foi o grande cara que foi me iluminando, que foi clarificando as coisas para mim. E vou procurar tudo que o Muniz Sodré tinha publicado e começo a responder uma coisa muito fundamental para mim: o que éramos, o que fomos, o que fizeram de nós e o que poderemos voltar a ser? Eu tinha uma desconfiança. Queria saber qual era a faixa etária aproximada dos povos negros que foram escravizados. A outra questão que levantava é que religião não é só tocar tambor, não podia ser só isso, esse lugar tão reificado pela população de tradição de terreiro. Sempre tive uma desconfiança, uma incomodação com esse negócio de Candomblé, de *òrisà*. Sempre tive para mim que é uma coisa mais complexa. Eu tinha essa percepção de desacomodar pessoas para que juntos fôssemos descobrindo saídas. Então quando vou para a filosofia estudar ontologia, e vou fazendo, muito inicialmente, essa relação do semiocídio com o sentido de existência, essa discussão sobre morte, do sentido do Outro, isso mexe comigo. Isso realmente é o que eu precisava compreender analiticamente, psicanaliticamente, porque essa não é uma questão do Jayro enquanto preto, é uma questão da população preta. Então percebi que o Estado Colonial retinha essa ideia de semiocídio, a destruição de sentido do Outro, sequestrado e escravizado, muitos jovens em processo do que chamo de cosmologização existencial, que pra mim é uma dinâmica cultural, simbólica da vida e da existência, e não de iniciação religiosa como chamam os “pais de santo” e as “mães de santo”. Estudo muito o Fanon, sobre o que ele chama de os condenados da terra e de alienação, e me dou conta de que tudo o que remete à tradição é resistência diante do semiocídio. A faixa etária dos escravizados mostra que eles vieram em processo de crescimento humano existencial, de compreensão, de entendimento da sua cultura. Então, a gente vai descobrir que o que veio foi a metade da metade da metade do complexo cultural africano. E vou entender agora o que o Muniz Sodré estava dizendo quanto ao semiocídio ontológico praticado pelos evangelizadores, que se constituiu no pressuposto do genocídio físico. Para mim isso está assim compreendido e me alimenta para continuar, apesar da minha debilidade depois do derrame. Eu saio por aí dizendo as coisas justamente para dar respostas para as pessoas que também têm perguntas e que também não encontraram respostas. Eu entendi que tenho algumas respostas para a inquietação do povo preto, especialmente da juventude preta. Então volto a dizer: é preciso que a gente se reontologize, dizendo mais explicitamente, é preciso que a gente retome e deixe para as novas gerações a nossa experiência sobre como retomar alguns valores que foram trazidos, mesmo pela metade da metade da metade, mas ficaram. Como é que a gente



potencializa isso e como, sobretudo, a gente altera nosso imaginário, nosso sentido, nossa percepção de nós mesmos, para fazer regredir essa concepção do Estado brasileiro em relação à população negra, em todos os sentidos. Essa coisa que se chama colonialidade, é a manutenção de um ideário que, por conta do semicídio, nos subtraiu a todos, tratou de nos matar do ponto de vista do sequestro, da desterritorialização, mas tem outras formas de assassinato. A ideia de matar é inaugurada no colonialismo que persiste. Então se destrói o sentido do Outro, mas não é só a destruição dos sentidos, é a destruição física do Outro. A reação a isso é quando a população preta, muito preocupada com seus jovens, com suas crianças, se preocupa em como elas retomam outro sentido do ponto de vista de absorver elementos que se traduzam em autoconceito, autoimagem e auto-estima. Para mim, essa é forma para sair desse lugar marginal do extermínio. Voltei a fazer crítica ao movimento negro. No Brasil, a população de pretos e pretas forjou o movimento de resistência, mas não se deu conta do semicídio ontológico. Não se trabalha, por exemplo, com ações pedagógicas de contraposição a esse processo do semicídio. O movimento negro brasileiro em geral até hoje não deu conta disso. Quando os pretos e pretas se voltam para os terreiros – a gente reconhece que isso ocasionou um outro olhar da população para os terreiros – para mim não é ainda o ideal, mas vem produzindo outra coisa. Por conta disso, hoje a gente tem discutido muito com os jovens. Eles estão sempre procurando entender essa história toda. Hoje mesmo alguém me mostrou uma escrita em que uma pessoa dizia: ah, mas esse Jayro faz lavagem cerebral nos jovens, então um aluno escreveu: ele faz, sim, ele tira de nossa cabeça as amarras do colonialismo.

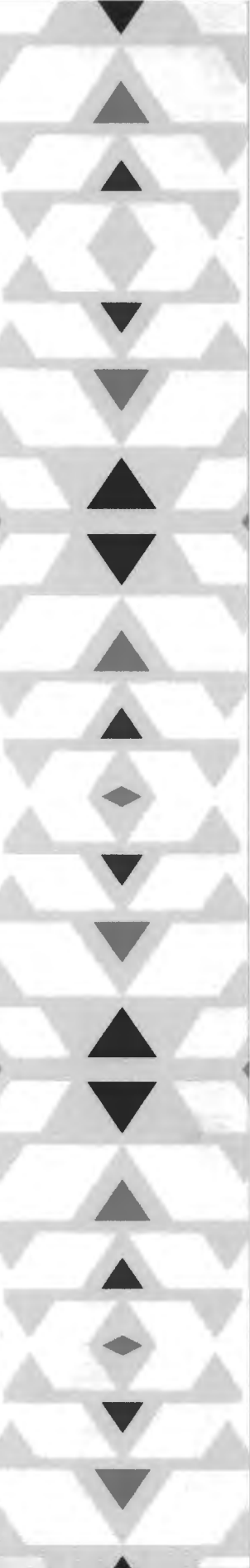
RECENTEMENTE ACONTECEU O ASSASSINATO DA MARIELLE FRANCO, NO RIO DE JANEIRO. QUAL A SUA ANÁLISE DESSE CRIME, TENDO EM VISTA O PAPEL QUE ELA EXERCIA JUNTO À JUVENTUDE NEGRA?

Acho que ela dizia coisas diferentes, mas ela insistia numa ideologia e numa ação política de dentro dos meandros do estado-nação. Isso possibilita uma saída pelos vieses dos direitos humanos. Ela tinha um papel importante nesse sentido. Por ela ser mulher e preta, o Estado e os órgãos de repressão perceberam isso: era uma voz que vinha sendo bastante ouvida e no Rio de Janeiro, sobretudo pela juventude, pela mulherada preta. O Estado cala, cala uma pessoa com o medo de que isso se idealize. Ele mata. Eu acho que o tiro saiu pela culatra: matou mas viralizou a ideologia. A ação política da Marielle

se viralizou. Ela se internalizou. Parece que só depois da morte é que se dá conta da ancestralidade. Embora ela não tivesse em conta esse complexo civilizatório mais existencial do povo preto, fica a memória que mobiliza, que altera a ação do movimento negro, do povo preto, das mulheres pretas. Acho que o processo político a levaria a compreender, porque a Marielle era essa pessoa que vinha de outra dimensão, mas com a voz muito forte denunciando todo esse massacre existencial. Ela se apega a essa alavanca dos direitos humanos porque é isso o que o Estado-Nação induz as pessoas a fazer, lutar por causas setorizadas, vamos chamar assim. Porque quem pensa as desigualdades étnico-raciais a partir do Direito pensa numa concepção balizada por esse estado-nação. Então, vai buscar saídas, não para a existência, mas por projetos que minorizem as diferenças, as desigualdades, e que não resolvem a questão da existencialidade afrodiáspórica.

JAYRO, OS TERREIROS HOJE ESTÃO MAIS PREPARADOS DO QUE ESTAVAM HÁ 30 ANOS PRA FORJAR UMA REAÇÃO COMPETENTE, NO SENTIDO DE ELIMINAR O RACISMO RELIGIOSO?

Eu acho que os terreiros estão mais alertados, porém não preparados. Eles ainda não entenderam seu papel na Diáspora. Porque o povo de terreiro ou o povo preto de modo geral se vê apenas como pretos epidérmicos. A interioridade está alicerçada numa subjetividade e numa subjetivação de sujeito ocidental, cartesiana, judaico-cristã. Esse me parece um problema sério, político e ideológico das alteridades. Os índios, um pouco diferente, ainda têm parte vivendo no estado original, vamos dizer assim, portanto tentando sobreviver ali mais conectado às suas tradições. Porém o povo negro e o povo de terreiro, sobretudo em razão do patrimônio que devia ser um lugar de renascimento civilizatório, se acomodou na alienação. O projeto Tradição dos Orixás alertou, mas os terreiros não se tornaram ou não se constituíram no papel e na função que deveriam ser, não um lugar religioso, mas um lugar cultural que deveria estar aberto a um processo de reterritorialização simbólica e material. O terreiro como lugar de religião: essa é a grande arapuca que os terreiros continuam e vão continuar por certo tempo submetidos. Eu chamo isso de armadilha e de arapuca do colonialismo. Eles estão alertados, mas hoje brigam pelo direito de serem respeitados, no seu lugar marginal de ser. Como é que o Estado me respeita nesse lugar que eu também entendo que é marginal? É diferente, o sujeito não está defendendo uma perspectiva civilizatória de vida coletiva. Ele busca ser respeitado na marginalidade da sociedade ocidental. Então, os



terreiros não estão se defendendo do racismo cultural religioso. Eles estão se defendendo da intolerância religiosa. Esse é o equívoco. Quem apoia a luta contra a intolerância apoia uma luta de superficialidades.

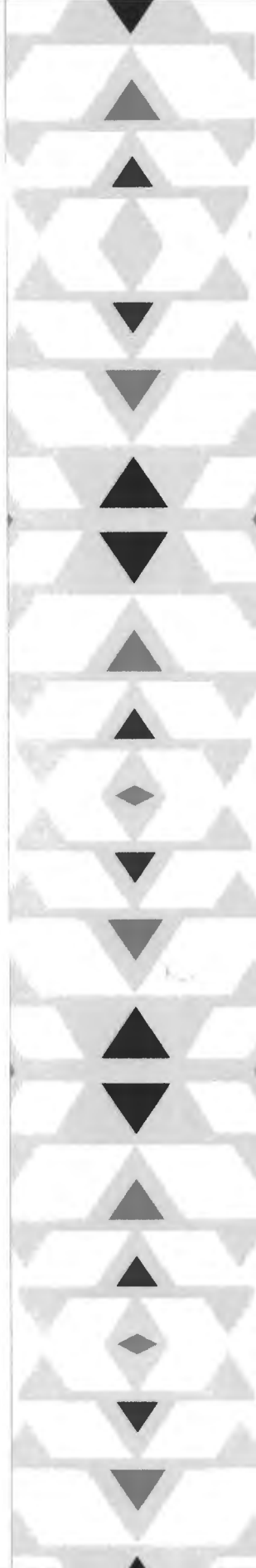
DIANTE DE TODAS ESSAS TRANSFORMAÇÕES QUE MARCARAM ESSE PERÍODO DE 30 ANOS PRA CÁ, AO FINAL DOS PRÓXIMOS 30 ANOS O QUE VAI ESTÁ ACONTECENDO COM OS TERREIROS?

Olha só, no sentido contrário do que se pode chamar de tradição, essa reificação que o movimento negro vem fazendo nos terreiros, especialmente terreiros dirigidos por mulheres, isso me parece ser uma política de acomodação. Porque supostamente estão lutando por direitos. O movimento negro e o movimento de mulheres não concebem o racismo como a negação de uma substancialidade humana e existencial. E como não percebem isso, então ele mesmo vai se afundando no que tenho chamado de promiscuidade civilizatória. Eu tenho escrito que o terreiro tem que se postular realmente com uma proposta civilizatória para a humanidade e não só para pretos. Mas o terreiro é um lugar de uma proposta de visão de mundo. No entanto, infelizmente eles estão privatizados, eles viraram patrimônio, mas na visão cartesiana do penso, logo existo. Eles têm funcionado como uma coisa mercadológica que dá dinheiro, proporciona melhoria das condições de vida para seus dirigentes, seus donos, como se os terreiros fossem propriedades individuais. É uma cosmovisão coletiva que foi privatizada por pretos e pretas que estão buscando autonomia e prestígio individualmente, com base na questão racial epidérmica e na pseudo tradição. Vejo o povo de terreiro em passeatas, me pergunto se está todo mundo junto ou é todo mundo individualmente forjando termos de unidade, criando palavras de ordem que não se traduzem na interioridade da relação cultural civilizatória. Os terreiros sobrevivem em meio a uma hipertrofia ética e moral, porque o que está dominado é a visão de mundo. Logo, se os terreiros não mudarem, não se constituírem em lugares afro-epistemológicos, de conhecimento, de estudo, de recosmologização existencial os terreiros vão virar um lugar de mercado, a exemplo das igrejas neopentecostais. No Fórum Social Mundial de 2018 fiz uma fala, num encontro de povos de terreiros, que foi bem incomodativa. Tinha pessoas lá da época do projeto Tradição dos Orixás, que não evoluíram do ponto de vista existencial. Elas não modificaram aquilo que a gente já dizia no passado: olha como é tratar crianças! Os terreiros não têm que ser

um lugar só de tocar tambor. São casas grandes nas comunidades pobres, têm que virar escolas, como é por exemplo essa escola do Reaja, em Salvador. É um contraturno, mas é outro conteúdo que está sendo ali trabalhado com as crianças.

QUEM É O JAYRO HOJE E O QUE O JAYRO VAI DEIXAR PARA AS GERAÇÕES FUTURAS?

O Jayro é uma pessoa que sempre foi inquieta, sempre se questionou, sempre se perguntou de si. Eu digo que o Jayro é um sobrevivente de uma guerra particular ou de uma guerra existencial que melhorou um pouco, porque foi se perguntando o tempo todo, cotidianamente. Isso é a grande incomodação, a grande inquietação que ainda me altera. Sempre foi assim e continua sendo assim. Sou uma pessoa inquieta, buscando compreender coisas que supostamente não tenho respostas. Ora acho que encontro, mas nunca acho que encontrei o caminho ou a verdade absoluta, para mim, inclusive. Hoje posso repensar, amanhã vou repensar. Não o desfazer, mas complexificar. Isso é a tônica e o que orientou a minha vida. Eu acho que se um dia eu não puder fazer mais, dizer mais coisas ou voltar à massa de origem, a memória dessa inquietação vai ficar. Eu acho que vai ficar uma referência de uma inquietação de busca de sentido para a vida, para as vidas.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, R. "Antropologia e patrimônio: revitalizando o diálogo". In: ABREU, R.; CHAGAS, M. de S.; SANTOS, M. S. dos (Orgs.). *Museus, coleções e patrimônio: narrativas polifônicas*. Rio de Janeiro: Garamond, p. 114-125, 2007.

ALMEIDA, R. *A Igreja Universal e seus demônios*. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.

AMARAL, R. de C. "A morte do pai-de-santo: implicações e dificuldades para a continuidade do terreiro de Candomblé". Florianópolis: *Boletim da ABA*, n. 22, 1994.

ANDRADE, P. F. C. "Sinais dos Tempos. Igreja e Seitas no Brasil". Belo Horizonte: *Perspectiva Teológica*, 23: 223-240, 1991.

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BASTIDE, R. *O Candomblé da Bahia: rito nagô* (Tradução de Le Candomblé de Bahia, 1958, 3ª ed. São Paulo: Nacional, 1978). São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BENISTE, José. *Dicionário yorubá/português*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2014.

BENJAMIN, W. "A Obra de Arte na Era da sua Reprodutibilidade Técnica". *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*. Lisboa: Relógio d'Água, p. 93-113, 1992.

CAPUTO, S. G. *Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de Candomblé*. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

CASTRO-GÓMEZ, S. "Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da invenção do outro". In: LANDER, E. (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Perspectivas latinoamericanas. Collection Sur Sur. Buenos Aires: Clacso, p. 87-95, set. 2005.

DE YEMONJÁ, Mãe Beata. *Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros*. 2º ed. Rio de Janeiro: Pallas, [1997] 2002.

DE YEMONJÁ, Mãe Beata. *Histórias que a minha avó contava*. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

DIAS, S. *Pequena digressão sobre o Projeto Tradição dos Orixás*. Grupo Culturas Negras e Valores Civilizatórios. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/119065391805553/files/>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

DUSSEL, E. "Europa, modernidade e eurocentrismo". In: LANDER, E. (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Perspectivas latinoamericanas. Collection Sur Sur. Buenos Aires: Clacso, p. 25-34, set. 2005.

FANON, F. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FREITAS, R. O. de. "Memorial Ìyà Davina: reflexões sobre o primeiro 'museu do candomblé' no Rio de Janeiro". In: Edlaine de Campos Gomes; Paola Lins de Oliveira. (Org.). *Olhares sobre o patrimônio religioso Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Mar de Ideias Navegação Cultural, 2016, v. 05, p. 182-212.

GILROY, P. *O Atlântico Negro: Modernidade e dupla consciência*. São Paulo, Rio de Janeiro: Editora 34/Centro de Estudos Afro-Asiáticos – UCAM, 2001.

GOMES, E. C. *A era das catedrais: a autenticidade em exibição – uma etnografia*. Rio de Janeiro: Garamond/Faperj, 2011.

GOMES, E. C. “Dinâmica Religiosa e Trajetória das Políticas de Patrimonialização: reflexões sobre ações e reações das religiões afro-brasileiras”. *Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares (UERJ)*, 12: 131-158, 2010.

GOMES, E. C.; OLIVEIRA, L. C. “Narrativas compartilhadas: cultura e conflito entre afro-brasileiros e neopentecostais”. In: SEPÚLVEDA, M. et al (Org.). *Cultura, Memória e Poder: diálogos interdisciplinares*. Rio de Janeiro: EDUERJ/Faperj, 2013.

_____. “O terreiro e os valores civilizatórios: Tradição dos Orixás e patrimônio afro-brasileiro”. In: Edlaine de Campos Gomes e Paola Lins de Oliveira. (Org.). *Olhares sobre o patrimônio religioso – Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2016, p. 418-451.

GONÇALVES, J. R. dos S. *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/IPHAN, 1996.

_____. “Mercado, resonancia, subjetividad: los limites de los patrimonios culturales”. In: CARCAMANO-HUECHANTE, L. E.; BRAVO, A. F.; LAERA, A. (Orgs.). *El valor de la cultura: arte, literatura y mercado en América latina*. Buenos Aires: Beatriz Viterbo Editora, p. 239-254, 2007.

GONÇALVES, L. A. O.; SILVA, P. B. G. *O Jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GONÇALVES, V. “A questão do segredo no Candomblé”. *Revista de História*, 2011. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/a-questao-do-segredo-no-candomble>> . Acesso em: 10 set. 2016.

LANDIM, L. (Org.). *Sinais dos tempos, diversidade religiosa no Brasil*. Rio de Janeiro: ISER, 1990.


LUZ, Marco Aurélio. *Cultura Negra e Ideologia do Recalque*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

MARIZ, C. “A teologia da batalha espiritual: Uma revisão da bibliografia”. Rio de Janeiro: *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais – BIB*, 47: 33-48, 1º sem. 1999.

MENDES, A. “A marcha que mudou o movimento negro”. *Mamaterra*, 2014. Disponível em: <<https://mamapress.wordpress.com/category/marcha-da-abolicao-1988/>> . Acesso em: 05 set. 2016.

PEREIRA, Amílcar Araujo. *O mundo negro: relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

PEREIRA, R. “Sucessão e liminaridade: o caso do Terreiro da Gomeia”. *Pelotas: Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia*, 3 (1): 372-402, jan./jun. 2015.



PIERUCCI, A. F.; PRANDI, R. *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo: Hucitec, 1996.

PRANDI, Reginaldo. As Religiões afro-brasileiras nas ciências sociais: uma conferência, uma bibliografia. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*. BIB - ANPOCS, São Paulo, n° 63, 1° semestre de 2007, 7-30.

SANTOS, J. E. dos. *Os Nagô e a morte: Pàde, Asèsè, e o culto Égun na Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1986.

SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

SILVA, T. T. da; MOREIRA, A. F. B. *Currículo, cultura e sociedade*. 2ª ed. rev. São Paulo: Cortez, 1995.

SODRÉ, Muniz. *O Terreiro e a Cidade: a formação social negro brasileira*. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

SODRÉ, M. *Claros e escuros: povo e mídia no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

SOUZA, L. de M. e. "Feitiços e bruxarias no Brasil colonial". *Revista Ciência Hoje*, 7 (40), mar. 1988.

TOWA, M. *A Ideia de uma filosofia negro africana*. Trad. Roberto Jardim da Silva. Belo Horizonte: Nandyala; Curitiba: Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros - UFPR, 2015.

VELHO, G. "Patrimônio, negociação e conflito". *Mana*, Rio de Janeiro, 12 (1): 237-248, 2006.

GLOSSÁRIO

Axexê: na escrita yorùbá - *Àṣẹṣẹ* - significa ritual fúnebre.

Axé: na escrita yorùbá - *Àṣẹ* - significa força, poder.

Babá: na escrita yorùbá - *Bábá* - significa pai, autoridade.

Babalorixá: na escrita yorùbá - *Bàbàlòrìṣà* - significa sacerdote.

Ebomi: na escrita yorùbá - *Ègbón mi* - significa Pessoa experiente, que já cumpriu o período de 7 anos de iniciação.

Ejé: na escrita yorùbá - *Èjẹ* - significa sangue.

Egbé: na escrita yorùbá - *Ègbé* - Terreiro, Casa, Ilé.

Ekeidi (Equeide): na escrita yorùbá - *Èkẹdi* - Zeladora de *Òrìṣà*

Iaô/Yaô: na escrita yorùbá - *Ìyàwó* - Pessoa iniciada no Candomblé.

Ilé: na escrita yorùbá - *Ilé* - significa Terreiro/Casa/Ilé/Ègbé.

Iyá: na escrita yorùbá - *Ìyà* - significa Mãe, autoridade.

Kelê/Quele: na escrita yorùbá - *Kélé* - Colar de contas usado pelo iniciado.

Nagô: na escrita yorùbá - *Nàgò* - significa nomeação conferida ao povo yorùbá.

Ogã ou ogan: na escrita yorùbá - *Ògá* - significa mestre, chefe, pessoa que se distingue em uma sociedade.

Omorixás: na escrita yorùbá - *Òmọ'riṣà* - Filho de *Òrìṣà*.

Orixá: na escrita yorùbá - *Òrìṣà* - Divindades do Candomblé.

Yalorixá (Ialorixá): na escrita yorùbá - *Ìyàlòrìṣà* - significa Sacerdotisa .

Yorubá (Iorubá): na escrita yorùbá - *Yorùbá* - significa idioma falado milenarmente pelos povos Nagô, na atualidade é usual na Nigéria.

ÒRÌṢÀS (ORIXÁS) MENCIONADOS NA ESCRITA YORÙBÁ:

Exú: *Èṣù*

Ogum: *Ògún*

Omulu: *Omulu*

Ossain: *Òsányìn*

Oxum: *Òṣùn*

Oxossi: *Òṣòṣí*

Oxossi: *Òṣòṣí*

Xangô: *Ṣàngó*

Yansã (Iansã, Oya): *Ìyà'san*

TERREIROS E AUTORIDADES CIVILIZATÓRIAS:


Ilé Asé Egi Omim: Wanda Araújo

Ilé Asé Ògún Àlákòró: Paulo José dos Reis

Ilé OmiOjuAro: (Beata de Yemonjá) Adailton Moreira

Ilé Omo Oya Leji: Palmira Navarro

Ilé Omolu Oxum: Meninazinha de Oxum

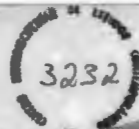


CADERNO DE REGISTROS

*Acervo do
PACC – Programa Avançado
de Cultura Contemporânea – UFRJ.*

*Alguns documentos apresentados estão incompletos, mas decidimos mantê-los por
conta da importância do registro documental.*

653



1º ENCONTRO ESTADUAL DA TRADIÇÃO DOS ORIXÁS DO RIO DE JANEIRO

ENCONTRO DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS E SEUS ADEPTOS

UMBANDA, OMOLOKO E AS VÁRIAS NAÇÕES DE CANDOMBLÉ ETC...

17 a 20 de novembro de 1988

LOCAL:

Universidade Federal Fluminense (UFF)
Diretório Central dos Estudantes
Fernando Sta. Cruz (DCE)
Av. Rio Branco, 625 - Centro
Terminal Sul - Niterói

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

Niterói:
DCE/UFF
Tel: (021) 717-8080; ramal: 208

Rio:

Secretaria Geral da Comissão Executiva
do Projeto "Tradição dos
Orixás/Associação dos Ex-Alunos da
Funabem (ASSEAF)
Rua 24 de Maio, 43 - São Francisco
Xavier
Cep 20951 - Rio de Janeiro - RJ
(021) 201-5890 e 281-0560

REALIZAÇÃO:

Conselho Religioso Provisorio e
Comissão Executiva do Projeto
"Tradição dos Orixás"; Instituto de
Pesquisas e Estudo da Língua e
Cultura Yorubá (IPELCV); Grupo de
Trabalho de Religião Afro-Brasileira
(GTRAB); Associação dos Ex-Alunos
da Funabem (ASSEAF) e Diretório
Central dos Estudantes Fernando Sta.
Cruz - DCE/UFF

EIXO:

A unidade política dos adeptos das religiões
afro-brasileiras para fazer frente do processo comum
de marginalização na sociedade brasileira.

ENTRADA FRANCA



ATO SHOW

4672
R. 493

No Largo da Carioca

Dia 28
de setembro

a partir das
16:00 hs.



“Crianças
estão sendo
assassinadas”

PROMOÇÃO:

- **ASSEAF** Associação dos ex-alunos da Funabem
COMISSÃO HERZER
- **IPELCY** Instituto de pesquisas e estudos das línguas e culturas yorubá
- **ABADÁ - AYÁ**
- **GRUPO ANÔNIMO DE TEATRO**
- **NEPI** Núcleo de estudos e pesquisas sobre a infância

1871-1988

ORGANIZAR PARA TRANSFORMAR

DA LEI DO VENTRE LIVRE

AO MENOR ABANDONADO

A CAUSA NÃO É MINHA NEM SUA É *noSSa!*

LIBERDADE NÃO É ABANDONO

VALUBI P

Apoio:

Pastoral do Instituto
Metodista Benett



Os participantes do I Encontro da Tradição dos Orixás acham que o poder cultural está nas mãos de uma elite

Pais-de-santos repudiam os ataques à sua religião

Adeptos da Umbanda e Candomblé, reunidos no I Encontro Regional da Tradição dos Orixás, no terreiro Ylé-Omulu-Oxum, em São Mateus, São João de Meriti, discutiram durante a tarde de ontem a criação de

Embora a atual Constituição garanta liberdade religiosa, Jairo alega que os cultos afro-brasileiros são discriminados, enquanto as seitas evangélicas aliciam multidões usando poderosos meios de comunicação de

Moreira, existe outra questão na polêmica com os evangélicos. Segundo ela, a religião africana, resultante de um processo sincrético das centenas de religiões trazidas pelos escravos, "impressionou com força e energia to-

Religião afro pode ajudar libertação



Jairo abrindo novos caminhos da religião afro-brasileira

— Há algum tempo o MAIORIA FALANTE pensava em ouvir o que pensam os militantes religiosos da cultura afro-brasileira. A ocasião se apresentou e pudemos ouvir Jairo Pereira de Jesus, 38, filósofo e pesquisador das culturas e Religiões Afro-brasileiras — Presidente do Instituto de Pesquisas e Estudos de Língua e Cultura Yorubá (IPELCY).

O tema e a abordagem de atuação do IPELCY — unindo a religiosidade como fator de identificação cultural para a transformação da sociedade — mostra um outro lado da luta do Mov. Negro e aponta para o amadurecimento político que o "folclorismo" dos aparelhos ideológicos do Estado, não conseguem corromper.

Roleou durante a entrevista tanta informação que resolvemos publicar nesta edição e na próxima, as denúncias e propostas do IPELCY. Querem ver?

MF — O que é o IPELCY?

! — É uma Instituição de Cultura Afro-Brasileira com a preocupação básica de desenvolver junto às comunidades — Terreiros — Casas da Candomblé e de Umbanda, um trabalho de formulação política com os adeptos trazendo-os para a luta geral da sociedade no que diz respeito à transformação desta sociedade.

MF — Quando foi fundado?

! — Em 1984.

"ESSA ONDA DE IGREJAS ELETRÔNICAS QUE ASSOLA O PAÍS, DESENVOLVEM TODA UMA PERSEGUIÇÃO, AGRESSÃO E ATAQUES ÀS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS. EM NENHUM MOMENTO, ENTIDADES OU PESSOAS DO MOVIMENTO NEGRO TOMARAM UMA POSIÇÃO, SE ISSO NÃO ESTIVESSE ACIRRANDO CADA VEZ MAIS A DISCRIMINAÇÃO RACIAL."

MF — Qual o objetivo do IPELCY?

! — Divulgar os conceitos estruturais das visões de mundo, contidas nas Religiões de origem Africana e seus desdobramentos, enquanto elementos definidores da identidade étnica dos descendentes de Africanos no Brasil,

contribuindo para desmistificar preconceitos e a folclorização das Culturas Afro-brasileiras.

MF — Você realizaram alguns encontros, quais os resultados alcançados?

! — Os resultados foram positivos, porque hoje conseguimos reunir um público de adeptos das Religiões Afro e sobretudo dos seus representantes, para discutir interesses comuns, das Comunidades de Terreiro mas também das relações destas com a sociedade abrangente.

"GRUPOS OU PESSOAS QUE NUNCA TIVERAM A MENOR PREOCUPAÇÃO COM AS RELIGIÕES AFRO, AGORA ESTÃO TENDO, O QUE ATRAPALHA O NOSSO TRABALHO."

MF — É qual o nº de participantes?

! — É em média, de 300 pessoas, feito inédito em se falando de Brasil.

MF — Com o governo e a Igreja jogando força no Centenário, que benefícios poderão ser extraídos para as Religiões Afro?

! — Existe uma febre passageira Nacional com relação ao Centenário da Abolição e isso a bem da verdade tem sido um elemento de mobilização da Comunidade Religiosa Afro-brasileira e que

a gente vem se aproveitando, criando bases desse trabalho, pois o mesmo terá continuidade ao longo dos anos.

MF — Qual a integração entre as Religiões Afro e o Mov. Negro, politicamente?

! — Cilha o Mov. Negro, embora composto por militantes tanto de esquerda como de direita, no geral, em nenhuma das posições vê ou tem clareza da importância do fator Cultural e Religioso de origem Africana. No geral negam e exemplo da esquerda marxista inconsequente desse país. Como outros setores, não há no Mov. Negro uma reflexão profunda sobre a importância de tal integração.

"ESSE ANO POR SER 100 ANOS DA ABOLIÇÃO E POR SER TAMBÉM UM ANO ELEITORAL, É MUITO PERIGOSO PARA QUALQUER MOVIMENTO DE PROPOSTA CONSEQUENTE."

Somos pessoas preocupadas em teorizar uma política de fato consequente capaz de transformar este país. O Mov. Negro brasileiro se formulou social e politicamente em bases ocidentais, desconhecendo as estruturas sociais e políticas das sociedades Africanas. Se eu fosse falar no MAIORIA FALANTE tudo que penso, o Jornal seria só sobre esta questão. Paramos aqui.

VASP - 1933-1983. Os primeiros 50 anos passaram voando

INTERDISCIPLINAR DE ESTUDO
1185
CONTINUAÇÃO

Ev. 2330

Grupo protegerá cultos afro contra deturpações

Carlos Nobre

Oju Obá é uma expressão da língua africana yorubá que significa Justiça e pode ter ainda as seguintes traduções: "os olhos do rei da justiça" ou "os olhos que a tudo e a todos vêem". Por isso, Oju Obá é o nome da comissão de religiosos afro que vão lutar na Justiça contra as deturpações que os cultos da Umbanda ou Candomblé vêm sofrendo.

Da comissão, que se reuniu pela primeira vez na semana passada, fazem parte 12 pessoas, que já contrataram o escritório do advogado Nilo Batista, ex-Secretário de Polícia Civil. Nilo vai interpor judicialmente entidades ou pessoas que deturpem os conceitos e visões de mundo das religiões africanas. Sexta-feira, a Oju Obá entregou-lhe um dossiê sobre as agressões que os terreiros e comunidades vêm sofrendo por parte dos membros das igrejas evangélicas e eletrônicas.

Ogá e Ekedé

Para organizar a comissão Oju Obá, os pais e mães-de-santo do Estado do Rio conseguiram o apoio de alguns filhos-de-santo que, na vida profissional, atuam na área judicial. Quem está puxando a comissão é Tânia Maria Sales Moreira, promotora de Justiça e ekede (no candomblé, responsável pelas roupas dos santos e pelo bom andamento do ritual) auxiliada por Dulcéia Alves da Silva, advogada e mãe-de-santo; Waldir Falbo, advogado e ogá (tocador de atabaques e puxador dos cantos) e Luzia da Silva, advogada e ekede. Eles se apóiam em mais oito pessoas - historiadores, escritores e antropólogos.

- Vamos processar judicialmente todos os agressores das religiões afro-brasileiras, com base no capi-

tulo sobre os Direitos e Garantias Individuais da Constituição, que assegura a todos os cidadãos a liberdade de religião. Queremos ver se alguém prova que as religiões afro são coisa do diabo - afirma Jairo Pereira de Jesus, presidente do Instituto de Pesquisas e Cultura da Língua Yorubá, de Meriti.

Direitos humanos

As religiões afro estão-se organizando com maior desenvoltura, o que mostra que seus praticantes são pessoas honestas, liberais e capacitadas intelectualmente - diz o antropólogo Micênio Santos. Para mim, pode ser uma nova frente na luta pelos Direitos Humanos.

O presidente da Associação dos Ex-alunos da Funabem, Ivanir dos Santos, concorda com Micênio e vai ceder uma sala da associação para a comissão instalar-se.

A comissão Oju Obá reúne-se todas as sextas, das 18 horas às 20 horas, na Associação dos Ex-alunos da Funabem, Rua 24 de Maio, 43, em São Francisco Xavier (telefone 281-0560), para receber, avaliar e encaminhar as denúncias de discriminação contra os cultos afro. Para facilitar o recolhimento das denúncias, em cada terreiro/comunidade, a partir desta quinzena, serão instaladas as coordenações regionais, que receberão queixas a serem depois registradas nas delegacias. Uma vez lavrada a ocorrência, uma cópia do boletim será encaminhada ao advogado Nilo Batista, que dará o encaminhamento jurídico apropriado.

Segundo os integrantes da Oju Obá, a comissão vai pronunciar-se contra toda forma de discriminação nos meios de comunicação de massa, livros didáticos e publicações em geral. O alvo principal, porém, são as igrejas evangélicas que, segundo Jairo Pereira, da comissão, vêm agredindo sistematicamente os pra-

ticantes das religiões afro e seus terreiros.

- Duas filhas-de-santo que freqüentam o meu terreiro foram perseguidas por evangélicos quando voltavam da minha casa para a delas. Dentro do ônibus, que seguia para Caxias, evangélicos as cercaram dizendo que elas freqüentavam coisa do demônio, e tentaram botar as bíblias na cabeça delas. Quando elas desceram, eles também desceram e foram atrás, tentando agredilas - conta a mãe-de-santo Mãe Beata, do terreiro Ylê Omí Oju, em Miguel Couto, Nova Iguaçu.

Segundo Jairo Pereira, o depoimento de Mãe Beata será um dos primeiros a serem analisados pelo escritório de Nilo Batista, juntamente com o de Mãe Meninazinha, do terreiro Ilê Omulúm Oxum, de São Mateus, em Meriti. O terreiro sofreu uma tentativa de invasão, há 2 meses, por membros de uma igreja evangélica.

A organização da comissão, porém, ganhou força com a novela Carmem, de Glória Perez, em que a entidade pomba gira, segundo os pais-de-santo, sofria uma série de deturpações em sua concepção filosófica. Os pais-de-santo, numa das conferências da tradição dos orixás, formaram grupos de debate sobre a influência perniciososa que a personagem interpretada por Lucélia Santos provocava no público.

Agora, explicam eles, as personagens de novelas que usam entidades do candomblé ou da umbanda, caso persistam em atribuir ao demônio as manifestações dos orixás, serão processadas judicialmente. "Estamos exigindo respeito aos nossos valores religiosos e filosóficos. Vamos criar uma unidade política entre todos os adeptos e mudar as visões racistas e colonialistas que os cultos afro vêm sofrendo no Brasil", alerta o presidente do Ipely.

VASP. Tudo para ter você a bordo.

Uma guerra santa no Rio

124
1444 EN 2323

Os seguidores das igrejas pentecostais espalhadas pelo Estado Fluminense e subúrbios do Rio começaram, há alguns meses, a intensificar sua luta contra o ódio. Com isso, o diabo passa a ser escutado também em alguns dos mais de três mil centros, igrejas e comunidades/terreiros de religiões afro-brasileiras existentes nestas regiões. Segundo a campanha Oja-Ojá — formada para desapejar a bruxaria aos atores pelas cruzadas evangélicas — as táticas utilizadas contra o "povo" estratégia de exorcismo social variam do cárcere privado às invasões de terreiros. A comissão diz também que há tentativas públicas de constrangimento e de até imposições forçadas da bíblia. Tudo contra Satã, que, segundo os crentes, não está só nos tempos, mas também em todos os que viveram os rituais.

Perseguidas pelas forças policiais até depois da abolição dos escravos e da proclamação da República, membros de religiões afro-brasileiras querem agora inverter este processo e afirmam que recorrem à lei para garantir o direito à liberdade de culto. De acordo com o artigo 506 do código penal, uma cerimônia religiosa não pode ser impedida ou perturbada e os objetos de culto não podem ser vilipendiados, afirma o advogado Nils Batista, secretário da Polícia Civil ao governo Leonel Brizola. Ele foi controlado pela comissão Oja-Ojá (a expressão, em nãg, significa "vimos no rei") para examinar as ações na polícia e na justiça.

Jayro Pereira, membro da Oja-Ojá e secretário geral do Instituto de Pesquisas e Estudos da Língua e Cultura Yorubá (Ipeley) afirma que ter recebido mais de 50 denúncias contra a ação dos pentecostais. Destas, apenas duas haviam sido formalizadas até a sexta-feira, fato que Pereira atribui ao medo de retaliações que ainda existe entre membros das religiões afro-brasileiras. "Não se deve ter medo de denunciar aquilo a que se ama", afirma, e responsável pela denúncia de um dos dois casos registrados pela Oja-Ojá, Beatriz Moreira Costa. Beatriz também é conhecida por mãe Beata de Iemanjá. Ela é batina de Cachoeira do Paranaíba, ritos de santo do Ogi de Alaqueio e ialorixá da comunidade/terreiro Vix Omi Oja Aré, em Miguel Costa, em Nova Iguaçu.

Há cerca de um ano, mãe Beata foi obrigada a conviver com um evangelho que, de uma casa localizada em frente ao seu terreiro, ouma das muitas ruínas sem calçamento da Estrada, passava os dias gritando que ali morava Satã. Já em 1985, outro rapaz tentou entrar em seu terreiro dizendo ser repórter da Agência Falda. O mais grave, segundo ela, ocorreu há duas semanas, quando uma de suas lavas — mulheres recém-iniciadas — foi perseguida por um grupo que obrigava a bater com a bíblia em sua cabeça, na esperança de que assim ela "acessasse Jesus" e abandonasse o demônio. "Quando Olurun criou o universo deu oportunidade para cada um viver como quiser. Não são egípcios rituais. Não temo nada contra eles, só peço respeito com a nossa religião".

Para os pentecostais, o pedido de mãe Beata aos ritos em apoio de respeito ao diabo. O conselheiro "Macumba, nos cantos" é um dos principais pilares destas igrejas que têm, entre seus fiéis, uma parcela majoritária de ex-pratican-

tes de umbanda ou candomblé. "Foi por desmanchada toda a obra de macumba", prometia, na manhã de sexta-feira, o locutor de um dos programas que a Casa da Bênção transmite pela rádio Metropolitana do Rio — além desta, outras três rádios e um estação de televisão vendem espaços para igrejas pentecostais.

Curiosamente, os pentecostais — que se baseiam na presença do Espírito Santo — não contestam a capacidade dos anacurteiros em promover manifestações de entidades sobrenaturais. Só que, para eles, todas essas entidades atendem pelo nome de satã. "De fato existe esta manifestação de poder, esta incorporação, mas seu caráter não é bom. O espírito que se diz de luz não é. É apenas uma manifestação demoníaca". O diagnóstico é do deputado federal Roberto Augusto Lopes (PTB), eleito em 14 mil 322 votos, a maioria vindo de igrejas da Igreja Universal do Reino de Deus, da qual foi bispo até dezembro.

Ex-covinha da igreja católica e ex-frequenteiro de umbanda, Roberto Augusto Lopes disse não acreditar que igrejas evangélicas estejam procurando curar o culto de religiões afro-brasileiras. "As igrejas evangélicas pregam a palavra. Não forçam a conversão", disse.

Quem não ficaria convencido com as palavras do conselheiro seria Maria Fátima Chagas, líder de Iajá da comunidade/terreiro Vix Omi e Omi, em São João de Meriti. No começo de abril, ela e outra irmã, vestidas de branco, acabavam de sair do terreiro, quando ouviram os gritos de "vixe os demônios!" das irmãs dos homens. Em seguida, os dois largaram o portão do terreiro enquanto tentavam entrar em um impasse para levar de Omi, outra recém-iniciada.

O caso mais grave foi há dois meses e a vítima foi Sônia, uma irmã de Tenda Espírita Antônio de Angola, que fica no subúrbio de Irajá. Segundo a história da tenda Eulália Bastos Dafny, Sônia aceitou um convite feito por alguns pentecostais para combater sua igreja no Duque de Caxias. Lá, porém, foi mantida em cárcere privado por dois dias, obrigada a ouvir apenas para que "acessasse Jesus". Três dias depois, ainda de acordo com Eulália, a tenda foi invadida por um rapaz que quebrou três imagens de santos católicos.

A quebra ou queima de imagens e de outros objetos e roupas das umbandas, candomblés e messas da igreja católica é outra prática dos pentecostais que tem sido praticada em alguns pontos do Rio. Em maio deste ano, a Igreja Universal do Reino de Deus — que promove rituais em 38 locais diferentes em 10 estados e no Distrito Federal — apresentou, em seu programa de televisão, um ex-batalista que, convertido, quebrou, diante da câmera, todos os objetos de seu terreiro. Esta igreja já tem uma filial nos Estados Unidos e outra na Espanha. Com as semelhanças foram apresentadas na novela "Carnal", onde Verônica, personagem da atriz Darlene Oliveira, uma das mais conhecidas líderes pentecostais do Rio — quebrou imagens para marcar sua conversão. Darlene, que voltou a usar seu nome de registro, Helena Brandão, também está atenuada de processo pelo Oja-Ojá por suas insistências em quebrou a umbanda no demônio.



Mãe Beata de Iemanjá em seu terreiro



Culto na Igreja Universal do Reino de Deus

Para antropóloga, semelhança gera ódio

A necessidade dos pentecostais — em sua maioria ex-praticantes de umbanda ou candomblé — de negar seu próprio passado é considerada pela antropóloga Sônia Gricomini, do Instituto de Estudos da Religião (Isaer), do Rio, como um dos principais fatores geradores do ódio contra as religiões afro-brasileiras. Integrante do programa Religião e Negritude Brasileira do Isar, Sônia Gricomini afirma que esta intolerância está baseada principalmente em aproximações do Rio existentes entre os adoradores do Espírito Santo e os cultuadores dos orixás. "O

ritual de sacramento dos pentecostais é muito próximo do ritual do candomblé", disse.

Na mesma perspectiva, outro antropólogo, Moisés Santos, também do programa Religião e Negritude do Isar, afirmou que, por exemplo, a Igreja Universal do Reino de Deus, com cultos para o amor, para a saúde, para o casamento, para o trabalho. "No candomblé e na umbanda são feitos trabalhos para se arrumar emprego, para cortar o mal-olhado. São duas formas de responder às aflições do povo brasileiro", disse.

Cruzadas

Os pentecostais curiosos estão em pé de guerra, casando (batizando) e, se não casar a batizada, levando-a a terreiros de umbanda, associando os rituais a Laila, o Rio do Inferno.

Estão errados: Satã, e Perseu, o filho de Júpiter, oferecendo em busca das almas perdidas. E, se

querem encontrá-lo em poses, procuram no lugar errado — aliás, no Estado errado. Não vão até ao Rio. E já faz mais de um ano despaça aqui em São Paulo. Quando trabalhava, é claro.

Teófilo Martins

No Rio, "crentes" brigam com candomblé

FERNANDO MOLICA
Do Serviço de Rio

Os seguidores das igrejas pentecostais espalhadas pela favelada Fluminense e subúrbios do Rio começaram, há alguns meses, a intensificar sua luta contra o diabo, que, com isso, além de ser perseguido no altar, passou a ser castigado no varco de alguns dos mais de treze mil centros, tendas e terreiros de religiões afro-brasileiras existentes nessa região. Segundo o comissão Oju-Obá — formada para dar assistência jurídica aos atingidos pelas cruzadas evangélicas — as táticas utilizadas nessa grande estratégia de reconquista social visavam ao cárcere privado às invações de terreiros, passando por tentativas públicas de constrangimento e até imposições forçadas da Bíblia.

Assim contra Salomão, que, segundo os "verdes", não está presente apenas nos templos, mas também em todos os que vivem na oração.

Perseguidos pelas forças policiais até mesmo depois da Abolição da escravidão e da proclamação da República, membros das religiões afro-brasileiras queriam agora inverter esse processo e afirmar que recorrerão à lei para garantir o direito à liberdade de culto.

De acordo com o artigo 208 do Código Penal, uma cerimônia religiosa não pode ser impedida ou perturbada, e os objetos de culto não podem ser vilipendiados", afirma o advogado Nilo Batista, secretário de Polícia Civil no governo Leonel Brizola e contratado pela comissão Oju-Obá. A expressão, em língua africana nagô, significa "olhos no rei" para encaminhar as ações na polícia e na Justiça.

Jayro Pereira, 35, membro da Oju-Obá e secretário geral do Instituto de Pesquisas e Estudos da Língua e Cultura Yorubá (Ipeley), afirmou já em reunião mais de 30 denúncias contra o apelo dos pentecostais. Dessas, apenas duas haviam sido formalizadas até sexta-feira passado, fato que Pereira atribui ao medo de retaliações que ainda subsiste entre os fiéis das religiões afro-brasileiras. "Não se deve ter medo de defender aquilo a que se ama", afirma a responsável pela denúncia de um dos dois casos registrados pela Oju-Obá, Beatriz Moreira Costa, 57, a mãe Beata de Iemanjá, baiana de Cachoeira do Paraguaçu, filha-de-santo de Olga de Albuquerque e irmã da comunidade/terreiro Ylé Omi Oju Ari, em Miguel Couto, em Nova Iguaçu (30 km ao norte do Rio).

Há cerca de um ano, mãe Beata foi obrigada a conviver com um evangelho que, de uma casa localizada em frente ao seu terreiro, narra das muitas raças sem calcamento da Babilônia, passava os dias gritando que vil morava Salomão. O mais grave, segundo ela, ocorreu há duas semanas, quando uma de suas lavas — mulheres recém-nôcas — foi perseguida por um grupo que chegou a bater com a Bíblia em sua cabeça, na esperança de que saísse ela "acrisstasse Jesus" e abandonasse o diabo. "Não tenho nada contra eles, só peço respeito para a nossa religião".

Para os pentecostais, o pedido de mãe Beata soa como um apelo de respeito ao diabo. O combate à "macumba, aos encantos" é um dos principais pilares dessas igrejas, que têm entre seus fiéis uma parcela majoritária de ex-praticantes de umbanda ou

candomblé. "Hoje será desmanchada toda a obra de macumba", promete, na manhã de sexta-feira, o locutor de um dos programas que a Casa da Bênção transmite pelas ondas arrendadas da rádio Metropolitana do Rio. Além desta, outras três rádios e uma estação de televisão vendem espaço para igrejas pentecostais.

Manifestações

Curiosamente, os pentecostais — que se basiam na crença em situações práticas do Espírito Santo — não contestam a "capacidade dos "macumbeiros" em promover manifestações de entidades sobrenaturais. Só que, para eles, todas essas entidades atendem pelo nome de Salomão. "De fato existe essa manifestação de poder, essa incorporação, mas seu caráter não é bom. O espírito que se diz 'de luz' não é. É apenas uma manifestação demônica". O diagnóstico é do deputado federal Roberto Augusto Lopes (PTB-RJ), 57, eleito com 54.332 votos, a maioria vinda de fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus, da qual foi bispo até dezembro do ano passado.

Ex-carolista da igreja católica e ex-freguesiano de umbanda, Roberto Augusto Lopes diz não acreditar que igrejas evangélicas estejam procurando exorcizar o culto de religiões afro-brasileiras.

Quem não ficaria convencido com as palavras do constituinte seria Maria Fidélio Chagas, lavá de Iansã da comunidade/terreiro Ylé Omiolu e Oxum, em São João de Meriti, a 30 km centro do Rio. No começo de abril, ela e outra lavá, vestidas de branco, acalavam de sair do terreiro localizada na rua General Olímpio da Fonseca — uma ladeira escuracada e sem calcamento — quando ouviram os gritos de "sãba os demônios!", dados por dois homens.

Cárcere privado

O caso mais grave foi há dois meses, e a vítima foi Sônia, uma lavá da Tenda Espírita Antônio de Angola, que fica no subúrbio de Irajá, zona norte do Rio. Segundo a laborista da tenda, Eulka Bastos Dofny, Sônia acorreu um convite feito por alguns pentecostais para combater sua igreja em Dupas de Casim, a 20 km do centro do Rio. Lá, porém, foi mantida em cárcere privado por dois dias, obrigada a ouvir apelos para que "acrisstasse Jesus".

A quebra ou queima de imagens e de outros objetos e roupas de umbanda, candomblé e mesmo da igreja católica é outra prática dos pentecostais que revolta os integrantes do Oju-Obá. Ainda este ano, a Igreja Universal do Reino de Deus — que promove reuniões em 22 locais diferentes em 16 Estados e no Distrito Federal — apresentou em seu programa de televisão um ex-batalista que, convertido, quebrou diante da câmera todos os objetos de seu terreiro. Esta igreja já tem uma filial nos Estados Unidos e outra na Espanha. Cenas semelhantes foram apresentadas na novela "Carmem", onde "Verônica", personagem da atriz Darlene Glória (uma das mais conhecidas líderes pentecostais do Rio) quebrou imagens para marcar sua conversão. Darlene, que voltou a usar seu nome de registro — Helena Brizolão — está acompanhada de processo pelo Oju-Obá devido a sua insistência em associar a umbanda ao demônio.



Maria Fidélio Chagas —do terreiro de Mãe Meuninha— Oxum, em São João de Meriti (Batalista batizada) —que diz ter sido agredida por fiéis pentecostais—



Sessão de culto na penitencial Igreja Universal do Reino de Deus, em Nova Iguaçu, Rio

Antropólogos analisam guerra entre religiões

A necessidade dos pentecostais — em sua maioria ex-praticantes de umbanda ou candomblé — de negar seu próprio passado é considerada pela antropóloga Sônia Giacomini, do Instituto de Estudos da Religião (Isur), do Rio, como um dos principais fatores geradores do conflito entre as religiões afro-brasileiras. Integrante do programa Religião e Negritude Brasileira, do Isur, Sônia afirma que essa intimidade está baseada na proximidade com a proximidade dos ritos existentes entre os adoradores do Espírito Santo e os cultuadores dos orixás. "O ritual de exorcismo dos pentecostais é bem próximo de rituais do candomblé", disse.

Na mesma perspectiva, outro antropólogo, Micélio Santos, 35, também do programa Religião e Negritude, cita como exemplo a Igreja Universal do Reino de Deus, que tem cultos para o amor, para a saúde, para o casamento, para o trabalho. "No candomblé e as umbandas são feitos trabalhos para se atrair o emprego, para cortar o mau-olhado. São duas formas de responder às aflições do povo brasileiro", disse.

Candomblé e anti-racismo

A abordagem de questão da cultura religiosa afro-brasileira e seu envolvimento direto com a sociedade, tem sido um dos temas de maior preocupação não só para os adeptos dessas culturas, como também para o público de modo geral. O MAIORIA FALANTE, dando ênfase ao interesse dos leitores, prossegue com a segunda e última parte da entrevista realizada com o presidente do Instituto de Pesquisas e Estudos da Língua e Cultura Yorubá (IPELCY), o filósofo e pesquisador Jairo Pereira de Jesus, de 38 anos, o qual, nessa segunda parte, continua, de maneira específica, informando e analisando as diversas realidades existentes na cultura de origem africana no Brasil. O IPELCY é um órgão ligado ao combate ao racismo em nossa sociedade e, sobretudo, nas religiões afro-brasileiras. Para sabermos mais sobre isso, melhor nos atermos agora a entrevista concedida por Jairo.

J. MAIORIA FALANTE — A língua Yorubana tem apenas uma função cultural e religiosa ou se preocupa com o processo produtivo, na medida em que a própria Nigéria vê o inglês como idioma oficial?

IPELCY — A língua Yorubá, como qualquer outra, atende às necessidades culturais, religiosas, enfim, a todo o processo de comunicação do povo que a criou porque é viva, dinâmica. O rompimento deste processo deveu-se à brutalidade do colonizador, violentando as estruturas sociais tradicionais e impondo uma língua estrangeira de atuação quase universal em função do expansionismo Anglo-Americano.



Jairo, filósofo com muita garra e religiosidade.

“Para os adeptos das Religiões Afro-Brasileiras chega a informação de que o Movimento Negro desenvolve uma luta segregacionista, querendo afastar os brancos das religiões afro”.

MF — As religiões Yorubanas são fundamentalmente o Candomblé?

IPELCY — Não. Como sabemos, foram trazidos para o Brasil e para as Américas em geral vários grupos étnicos africanos, com filosofias diferenciadas em alguns fatores, mas com uma grande e preponderante identificação específica nas suas concepções de “visão do mundo”. Juane Elbein dos Santos, em *Os Nagô e a Morte*, diz que não existe sincretismo nas Religiões Tradicionais africanas que continuam no Brasil, com a religião Católica Apostólica Romana nas sim, entre as próprias religiões africanas e isso tem um pouco de verdade. A religião Nagô ou Yorubá não é o Candomblé. O termo Candomblé nos dicionários de língua portuguesa, significa, genericamente, as religiões afro-brasileiras na Bahia, principalmente, a exemplo de macumba no Rio e Xangô em Pernambuco. Origina-se do étimo Banto “Ká-n-dóm-íd-á” ou “Ká-n-dóm-íd-á”, ou mais frequentemente, “Ká-n-dóm-íd-á”, ação de rezar, de

orar, derivado nominal da verbal de “Kulomba/Kudomba”, louvar, rezar, invocar, analisável do protobanto “Ká-dóm-íd-á”, pedir pela intercessão dos Deuses. Portanto, Candomblé é igual a Culto, Louvar, Rezar, Invocar, ou local de Culto.

MF — Como fica a questão racial no Candomblé?

IPELCY — Para os adeptos das Religiões afro-brasileiras chega uma informação de que o Movimento Negro desenvolve uma luta segregacionista, querendo afastar os brancos das Religiões Afro, o que tem causado sérios problemas ao nosso trabalho. Mas, é evidente: os Babelorixás, Iyalorixás, Tatetos, Mamentos, Humbono e Humbondo que vêm trabalhando conosco, todos têm consciência racial, entendendo muito bem a situação de miséria e opressão que a população negra sofre nesse país, e têm até uma visão de transformação social até mais coerente do que a traçada equivocadamente pelo Movimento Negro, que ao invés de juntar, espalha os que querem se integrar na luta. A questão racial, em suma, é muito melhor tratada pelos adeptos das Religiões Afro, sobretudo pelas suas hierarquias.

MF — Existe fraude de alguns religiosos? Qual a sua posição quanto a isso?

IPELCY — As fraudes são uma constante em algumas religiões,

fruto de uma sociedade centrada no Capitalismo. Com respeito às Religiões Afro, não vamos ser ingenuos e dizer que também não existe as fraudes e os aproveitadores, mas essa postura é fruto de assimilação das mazelas do Capitalismo e do próprio massacre histórico sofrido pelas culturas africanas.

MF — A filosofia Yorubana é bastante teórica, como você vê sua utilização?

IPELCY — De acordo com a “visão do mundo” Yorubá, o homem está intimamente relacionado às forças da natureza e sagradas e é de sua interação com estas, que recebe e reforça o seu axé ou força vital. Entretanto, não podemos cair no

“De acordo com a “visão de mundo” Yorubá, o homem está intimamente relacionado às forças da natureza e é através delas que ele recebe e reforça o seu axé e a sua força vital”.

mantimento de renegar veículos de comunicação como a televisão, por exemplo, mas sem utilizar a religião como espetáculo, ou para folclorizá-la ou ainda, para exibir procedimentos internos das religiões. É inteiramente contrária à filosofia religiosa afro-brasileira, a montagem de espetáculos com os promovidos pelas multinacio-

nais da fé, até porque as Religiões Afro não fazem proselitismo. Na verdade, não sei como

“As hierarquias têm consciência racial, entendendo a situação de miséria e opressão que a população negra sofre no país”.

responder essa pergunta tomando uma posição contra ou a favor. Fico preocupado porque a transmissão do conhecimento se dá através da oralidade.

MF — Que outras abordagens ou esclarecimentos você gostaria de passar, ao público do MAIORIA FALANTE?

IPELCY — Gostaria de usar o amplo espaço desse jornal para mandar um recado ao Movimento Negro, que é o seguinte: precisamos, urgentemente, ver a política voltada para o coletivo, evitando-se a política até aqui desenvolvida de projeção pura e tão somente pessoal. O emperramento de uma luta mais consequente tem sido causado pelas próprias Entidades do movimento e seus militantes. Que tracemos uma política de transformação mais ampla!

Desafio após ‘Marcha’ é lutar mais

Por Luis Antônio dos Santos

Fazer do festival de violência em que a Polícia Militar e o Exército transformaram a passada do dia 13 de maio, contra a festa da Lei Aurea, pode parecer um assunto já muito velho. Muito atual porém continua sendo a questão das relações raciais no País.

Os fatos mostrados pelos grandes jornais não precisam ser aqui repetidos, embora não queira informar sobre alguns que não foram mencionados, tais como o fato de que quase trinta pessoas que transitavam pela Central do Brasil terem sido presas pela Polícia do Exército e, levados para a cela de segurança de Rede Ferroviária Federal — se fossem levados para o Quartel General do Comando Leste, deixaria ainda mais evidente a intenção de reprimir, e mais exposta a falácia de democracia racial.

Cabe lembrar que a “necessidade” de defender o patrimônio foi um pretexto desmistificado pela própria nota oficial do Comando Leste que, antes mesmo de citar o monumento a Caxias já dizia que a marcha tratava-se de manifestação de grupos interessados em atingir personagens de história (a oficial) e também desafiando como tentativa de criar focos de tensão.

Ora, os focos de tensão estavam aí (e continuam presentes) desde antes da marcha, basta lembrar que no último fim de ano, grupelhos de evadidos saíram a fazer provocações em Copacabana, na noite de 31 de dezembro para o dia seguinte, contra a espiritualidade afro-brasileira. E este “foco de tensão” vem se acentuando depois do 13 de maio. Ao movimento Negro e às perseguições anti-racistas da sociedade brasileira cabe enfrentar essa situação de frente.

Deplórios que chegaram ao MAIORIA FALANTE bem demonstram que as relações raciais no Brasil formam um penorama desolador e que continuam a exigir a luta de todos até que estejam extintos o racismo e a discriminação.

Abílio Ferreira, de São Paulo, lamenta o caso de Diane Cordeiro do Nascimento, uma menina negra de seis anos de idade, que andava triste até que sua mãe conseguiu fazê-la falar para saber que a filha não era beijada pelos professores e também proprietária da Escola de Educação Infantil Fofinha, na Zona Norte de São Paulo, na qual 90% dos alunos são brancos. Isto ocorreu cinco dias após os 100 anos de “Abolição”.

Dora Lúcia de Lima Bertúlio, de Guibá (MT), chama de “farsa jurídica” a Lei da Abolição. Afirma que o Direito e os juristas, no decorrer da história da humanidade, têm-se preservado dos acontecimentos de forma a induzir uma aparente neutralidade, que na verdade seria uma postura “falsamente quanto às suas relações de sociedade”.

Acrecenta Dora Lúcia que o movimento abolicionista das elites de então não se preocupou com a condição dos africanos ou dos negros brasileiros na sociedade, “senão romanticamente”, incluindo nesse rol Castro Alves e Joaquim Nabuco. “Estet — prossegue — lutaram, sim, contra a violência física, contra a sujeira de escravidão, contra o atraso de tal sistema”. A maioria do movimento, porém, tinha uma meta definitiva, que não incluía a discussão das relações raciais ou condições de vida humana. “O projeto, desencana Dora Lúcia, visava “o desenvolvimento do capitalismo internacional”.

Já o Presidente de Legião da Boa Vontade, José de Paiva Neto põe no mesmo patamar histórico Zumbi dos Palmares, Castro Alves e Joaquim Nabuco, e acredita que pela “fraternidade”, tudo se resolverá. Talvez por isso considere o 13 de maio (Lei Aurea) uma data cujo significado teria a mesma dimensão que o 20 de novembro (morte de Zumbi dos Palmares).

Comunicamos às pessoas citadas no texto acima que foi feito um contato, com base nos textos remetidos, como forma de aproveitá-los.

VASP - 1933-1983. Os primeiros 50 anos passaram voando

INTERDUCAO
COMISSAO

10.1.1983

Artigo



Fernanda Mayrink

Madame Cossard confessa que "o santo pegou" em 1959 e se queixa igrejas eletrônicas

Je vous salue, Iemanjá

Uma mãe-de-santo francesa manda no terreiro de Caxias

Tim Lopes

A mãe-de-santo *Omindareua* (água linda na língua yorubá, que é falada na Nigéria e parte de Benin, na África Ocidental), tem mais de 80 filhos e não atrairia curiosidade alguma se não se tratasse de uma francesa de 75 anos que escolheu Caxias, na Baixada Fluminense, para reinar no candomblé. *Omindareua* é a madame Gisele Cossard, que rodou o mundo e vasculhou a África de ponta a ponta até descobrir o Brasil em 1959, onde pensou que só houvesse índio. "Aqui encontrei a África", diz ela, toda de branco e turbante na cabeça, na sede do terreiro de mais de 6 mil metros quadrados que comanda em Santa Cruz da Serra, num dos recantos mais bonitos da Baixada.

Agô (dá licença), pede o rapaz Ricardo, de 17 anos, todo de branco, colar no pescoço, que na hierarquia do candomblé é o *ablam* (principiante). Gisele responde: *Agô nilê* (licença da casa). O rapaz serve cafézinho e água para os visitantes do terreiro onde pontifica há mais de dez anos a mãe *Omindareua*, que tem como guia *Yemanjá*. Gisele chegou no Brasil na quarta-feira de Cinzas de 1959 e no dia 5 de dezembro, depois de conhecer

Salvador e visitar vários terreiros no Rio, se sentiu à vontade ao conhecer Joãozinho da *Gomêia*, que morreu em 19 de março de 1971 e foi considerado o maior pai-de-santo que o Rio já teve. "Aí, o santo pegou. Fiquei apaixonada pelo Joãozinho", diz Gisele que se tornou mãe-de-santo depois dos sete anos de iniciação no candomblé.

Estudos — "Contribuição ao estudo do candomblé no Brasil" foi a tese que Gisele apresentou na Sorbonne, em 1963, e que foi aprovada por uma bancada de sociólogos tendo como destaque o antropólogo francês Roger Bastide, que morreu em 1974 e é considerado um dos maiores especialistas da cultura e da religião afro-brasileira. "Não consegui publicá-la na época, agora não adianta porque teria que escrever um livro com mais informações e não tenho tempo", se queixa.

Mas essa não é a maior queixa de Gisele. Ela tem reclamado da pressão e da provocação das chamadas igrejas eletrônicas, os crentes, que nos dias de sessão tentam abafar o som dos atabaques aumentando consideravelmente o som dos alto-falantes. "Ninguém tem a verdade total, todos nós temos o direito de escolher a nossa. Não podemos é regredir, guerrear", diz ela que conta com o apoio de Jairo Pereira de Jesus, presidente do Instituto de Pesquisa da Cultura e da Língua Yorubá, que tem, catalogados, mais de 3 mil terreiros dos 40 mil que existem aproximada-

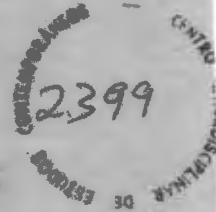
mente em todo o Estado. "Não podemos ficar quietos, temos que reagir, mostrar também a nossa força", diz Jairo.

Respeito — "Ela tem alma, é uma boa pessoa e não vejo diferença por ser tratar de uma estrangeira", diz Diana, que é *isô* (denominação dos iniciados no candomblé) e que precisa completar sete anos para se tornar mãe-de-santo. "Ela sabe muito mais que nós brasileiros. É ótima", elogia Albanita *Yabassé* (que faz a comida para as obrigações). Luís Carlos, é o braço-direito de Gisele, é o substituto dela. "Como pai-de-santo, me sinto muito orgulhoso em estar aqui na casa de mãe *Omindareua*," diz ele.

Em volta de seus filhos, Gisele, que dorme uma média de cinco horas por dia, dá ordens a aproximadamente 15 pessoas dentro do terreiro. Antes de se despedir, ela não esquece de mencionar o seu pai-de-santo que é o baiano Balbino Daniel de Paula, um *babarolixá* conceituado de Salvador, Bahia. Ela o conheceu através do antropólogo francês Pierre Vergé. "Foi com ele que eu tirei a mão da cabeça e me tornei filha-de-santo de Balbino", disse Gisele. No candomblé, quando o pai-de-santo de alguém morre, *filho* (ou *filha*) procura um outro, porque não pode permanecer com a mão de alguém que já morreu na cabeça. E *Omindareua* veio *baixar* no Rio.

VASP - 1933-1983. Os primeiros 50 anos passaram voando

Ed. 1546



Encontro de Tradição de orixás

Data: 18 de setembro de 1988 — domingo

Local: Comunidade-Terreiro Axé Opo Afonja — Ilé de Osanyin — Babalorixá: Nilson Feitosa (Nilson D'Osanyin)
Endereço: Rua Cidade de Lisboa, 16/17 — Vista Alegre
Loteamento Apolo I — Alcântara — São Gonçalo — RJ.
Horário: Das 8 às 12 horas.

Pela 9.^a vez no Estado do Rio de Janeiro, se realiza um encontro regional da Tradição dos Orixás/Encontro das Religiões Afro-Brasileiras e seus adeptos numa comunidade-terreiro (casa de candomblé ou de umbanda), fato inédito na história das religiões afro-brasileiras.

Pela 9.^a vez, adeptos de todas as religiões afro-brasileiras, e princípio no Estado do Rio de Janeiro, se reúnem para discutir a situação de marginalização de suas religiões e de seus vivenciadores sem competição e rivalidade entre si — fatores determinados pelo sistema colonial de dominação e escravização, o que persistem até hoje, em busca da unidade política, respeitando a diversidade cultural e religiosa de origem africana no Brasil e as particularidades de cada culto, para que unidos e organizados política e legitimamente — com a representação de todo o universo dos adeptos das religiões afro-brasileiras possam fazer frente aos ataques ostensivos e sistemáticos das igrejas eletrônicas, bem como aos preconceitos da sociedade em geral e ao processo de descaracterização de que vêm sendo vítimas há séculos as culturas de origem africana no Brasil, as quais contêm a forma do homem se relacionar com o sagrado.

1 — OBJETIVOS:

Promover a confraternização, a troca de experiências e a articulação política entre babalorixás, iyalorixás (pais e mães-de-santo), ogans, ekedes (cargos hierárquicos com responsabilidades administrativas existentes nas comunidades-terreiro de candomblé e umbanda), omo-orixás (filhos e filhas de santo) e demais funções hierárquicas das comunidades-terreiro das várias religiões afro-brasileiras, visando o estabelecimento da unidade política (união dos adeptos) para fazer frente ao processo comum de marginalização, discriminação, preconceitos e estereótipos difundidos na sociedade, e sobretudo fazer frente às agressões, ataques e humilhações das igrejas eletrônicas. Essas igrejas antes apenas atacavam os cultos afro e seus adeptos verbalmente, agora, estão partindo para ataques físicos, materializando suas agressões através de tentativas e invasão de terreiros, apedrejamento e ameaças de incêndios de carros que estacionam em frente aos terreiros, agressões de adeptos nas ruas ao serem identificados por seus turbantes, colares e roupas brancas, bem como responsabilizando através de panfletos distribuídos nas ruas em grande escala, as religiões afro-brasileiras e seus adeptos por toda a crise que o país atravessa.

Discutir a convivência do governo e das autoridades brasileiras com as agressões e ataques das igrejas eletrônicas e seus adeptos aos cultos afro-brasileiros e seus adeptos, estabelecendo um verdadeiro clima de terror em todo o país, sobretudo nas capitais e cidades onde as religiões de origem africana têm presença marcante, gerando a desordem pública.

Discutir a proposta das coordenações regionais das religiões afro-brasileiras e suas instalações nas comunidades-terreiro, especialmente nas comunidades que sediam um dos oito encontros até aqui realizados.

Discutir o plano de trabalho da comissão de organização dos encontros regionais da tradição dos orixás, dimensionados em oito etapas que abrangem: mobilização, articulação e organização política dos adeptos das religiões afro-brasileiras para fazer frente aos ataques das igrejas eletrônicas e demais credos cristãos, e aos preconceitos da sociedade global, cujo título da proposta de organização política é, organizar para transformar.

VASP - 1933-1983. Os primeiros 50 anos passaram voando

CENTRO
NACIONAL DE ESTUDOS
CONTINGENTES
3158

Ev. 1546

Orixás debatem violência sobre religiosos

Uma análise crítica do estado policial brasileiro e suas contradições é o tema central do 9º Encontro Regional da Tradição dos Orixás, a partir das 08:00 horas na comunidade Terreiro Axé Opó Afonja, Ilé do Osanyin, Rua Cidade de Lisboa, 16/17, Vista Alegre, loteamento Apolo I, Alcântara, São Gonçalo.

O debate sobre o papel repressivo do estado reúne mais de 500 adeptos do Candomblé e Umbanda que esperam levantar propostas políticas em defesa de suas religiões. Para os adeptos do Candomblé ainda persistem as perseguições policiais aos terreiros da periferia do Rio de Janeiro e entendem isso como uma forma de discriminação racial e religiosa.

Para os praticantes das religiões Afro o estado brasileiro vem permitindo o avanço das chamadas Igrejas eletrônicas ou multinacionais da fé, numa tentativa de desestabilizar os cultos Afro da larga tradição e aceitação pelo povo brasileiro. O ataque sistemático que os evangélicos fazem aos cultos Afro, numa clara violação à liberdade religiosa pregada pela Constituição, é estimulada por um estado relapsamente discriminador e elitista.

Durante o 9º Encontro os pais e mães do santo assistirão palestras das antropólogas Catarina Damasceno (Instituto de Estudos da Religião - ISEER) e Ivone Maggie (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais - IFCSS/UFRJ). Também farão o promotor Tânia Salles, o curador do meio am-

biente João Batista Peterson e o advogado Nilo Batista. Todos vão debater as questões jurídicas da liberdade religiosa e os mecanismos de defesa das religiões Afro.

Depois, em mesas-redondas, grupos de estudos e plenárias, os adeptos das religiões Afro vão amarrar as propostas dos estudiosos e escolher melhor forma de estimular uma grande articulação política em todo o Rio de Janeiro entre os praticantes do Candomblé e Umbanda para defender os cultos e as tradições da cultura religiosa africana.

Segundo o presidente do IPELCY (Instituto de Pesquisas e Estudos da Língua e Cultura Yoruba), Jayro Pereira um dos articuladores do encontro, o Rio de Janeiro tem 40 mil terreiros de Candomblé e Umbanda. Quinze mil deles estão instalados na Baixada Fluminense, com uma frequência de 200 pessoas cada.

Segundo Jayro Pereira os encontros das tradições dos Orixás servem para estimular uma unidade política entre os pais de santo e adeptos do Candomblé e Umbanda. Quando muitos dos terreiros ficam em periferias e seus dirigentes quando atacados pela polícia e evangélicos não encontram uma forma de defesa articulada. Por isso, os coordenadores do encontro criaram a comissão Oju Obá integrada por promotores e advogados que processa judicialmente aqueles que agredem sem provas, as religiões Afro.

VASP - 1933-1983. Os primeiros 50 anos passaram voando

ex: 1546

INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS
CONTEMPORÂNEOS
CENTRO
3157

● Vista Alegre

Dia 18 de setembro será organizado o 9º Encontro Regional da Tradição dos Orixás, em Vista Alegre, Rua Cidade de Lisboa nºs 16 e 17. Serão discutidos três temas: O Estado e a política de relações das religiões brasileiras, A Igreja católica e suas relações com as religiões afro-brasileiras, Código Penal e os crimes contra as religiões. O Ipeley, Instituto de Pesquisa e Estudo da Língua de Cultura Yorubá, conseguiu um ônibus para levar os participantes do encontro, saindo às 7 horas 30m da Praça da Liberdade, em Nova Iguaçu, passando pelo Sesc de São João de Meriti às 8 horas 30m, e por baixo do viaduto de Madureira às 9 horas.

INTERDISCIPLINAR DE SOCIOLOGIA - 1933-1983. Os primeiros 50 anos passaram voando

3159

1546

Encontro analisa tradições negras

Uma análise crítica do estado policial brasileiro e suas contradições é o tema central do 9º Encontro Regional da Tradição dos Orixás, neste domingo, dia 18, a partir das oito horas, no terreiro/comunidade Axé Opô Afonja-ile de Ossain, Rua Cidade de Lisboa, 16/17, Vista Alegre, loteamento Apolo I, Alcântara, São Gonçalo.

O debate sobre o papel repressivo do Estado reunirá mais de 500 adeptos do candomblé e umbanda que esperam levantar propostas políticas em defesa de suas religiões. Para os adeptos do candomblé, ainda persistem as perseguições policiais aos terreiros da periferia do Rio de Janeiro e entendem isso como uma forma de discriminação racial e religiosa.

Para os praticantes das religiões afro, "o Estado brasileiro vem permitindo o avanço das chamadas igrejas eletrônicas ou multinacionais da fé, numa tentativa de desestabilizar os cultos afro, da larga tradição e aceitação pelo povo brasileiro". O ataque sistemático que os evangélicos fazem aos cultos afro, numa clara violação à liberdade religiosa pregada pela Constituição, é, para os participantes dos cultos, estimulada por um estado relapso, discriminador e elitista.

Durante o 9º Encontro, os pais e mães de santos assistirão a palestras das antropólogas Caetana Damasceno (Instituto de Estudos da Religião-ISER) e

Ivonie Maggie (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais — IFCS-UFRJ). Também falarão a promotora Tania Salles, o curador do meio ambiente João Batista Peterson e o advogado Nilo Batista.

Segundo o presidente do Ipelcy (Instituto de Pesquisas e Estudo da Língua e Cultura Yorubá), Jayro Pereira, um dos articuladores do encontro, o Rio de Janeiro tem 40 mil terreiros de candomblé e umbanda. Quinze mil deles estão instalados na baixada fluminense. Cada um tem uma frequência de 200 a 300 pessoas por casa, somados o público visitante e o fixo. Segundo ainda Jayro Pereira, os encontros das tradições dos orixás servem para estimular uma unidade política entre os pais de santo e adeptos do candomblé e umbanda. Grande parte dos terreiros fica em periferias e seus dirigentes, quando atacados pela polícia e evangélicos, não encontram uma forma de defesa articulada. Por isso, os coordenadores do encontro, criaram a comissão oju obá, integrada por promotores e advogados, que processa judicialmente aos que agredem, sem provas, às religiões afro.

Quem quiser obter mais informações pode se dirigir à rua 24 de Maio, 43 — Rocha, onde fica a secretaria-geral do projeto da tradição dos orixás, ou pelos telefones 201-5890 e 281-0560.

VASP - 1933-1983. Os primeiros 50 anos passaram voando

CENTRO
DE ESTUDOS
CONTINGENCIAIS
3164

W. 1546

Candomblé inicia luta por unidade

Carlos Nobre

Os participantes do 9º Encontro Regional da Tradição dos Orixás, realizado ontem no terreiro/comunidade Axé Apo Afonjá-Ile de Osanyin, em Alcântara, São Gonçalo, decidiram lutar pela unidade política dos cultos afro-brasileiros como forma de se defender das agressões das igrejas evangélicas e das perseguições policiais.

Marcado pela discussão da marginalidade política dos cultos afro, os participantes (adeptos, pais, mães e filhos de santo) ouviram palestras sobre como usar as leis brasileiras em defesa da liberdade religiosa. As palestras foram feitas por Caetana Damasceno (antropóloga), Ivone Maggie (antropóloga), Stênio Lutigades (advogado), João Batista Petersen (curador do Meio Ambien-

te), Yedo Ferreira (professor de Nilson Feitosa (historiador do al-de-santo).

Unidade

Para Mãe Menininha, do terreiro/comunidade Ile de Omolu Oxum, em Meriti, os ataques das igrejas evangélicas mostram que só com a "união de todos poderemos acabar com a discriminação. Os evangélicos falam em diabo quando se referem a gente, mas em nossa cultura não existe essa representação do diabo", explica ela.

— Independente das nações, seja ela Keto, Gege, Angola ou da Umbanda, precisamos nesse momento reforçar nossa estratégia de defesa. Agora se trata de um problema de irmandade entre nós. Precisamos nos articular para pôr em prática nosso direito de desenvolver os cul-

tos afro — disse o historiador e pai-de-santo Nilson Feitosa, que sediou o 9º Encontro em seu terreiro.

Mãe Palmira de Iansã, mãe de santo do terreiro/comunidade Ile Omo Legi, em Mesquita, Nova Iguaçu, disse que os adeptos do candomblé devem fazer um trabalho político nas comunidades onde os terreiros estão montados. "Pouca gente sabe, mas nos terreiros existe um trabalho social no qual devemos investir mais forte", acentuou ela.

— A cultura africana é dádiosa com os outros. Crítica-se muito os rituais de candomblé com o sacrifício de animais. Mas a carne do carneiro ou cabrito e, depois, distribuída à comunidade onde o terreiro está montado. Nos terreiros, ninguém cobra comida. Ao contrário das igrejas evangélicas, onde seus adeptos pagam um dízimo — lembrou Mãe Palmira de Iansã.

Centro guardará memória da vovó

O quarto onde Tia Carmem, baiana, irmã de santo e seguidora de Tia Ciata, na Praça Onze (que morreu em 11 de maio passado aos 109 anos) cultuava a religião de seus antepassados, vai virar um centro de memórias para perpetuar sua presença na história da Cidade. Também os descendentes carnavalescos, em 27 de setembro, dia de São Cosme e Damião, darão continuidade a distribuição de doces e baias, atividade que Tia Carmem de Oxum cumpriu durante 80 anos.



Vovó Carmem

Os descendentes de Carmem Teixeira da Conceição (seu nome de batismo) estão alegres com o provável tombamento da casa 9 de uma vila na Rua Professor Clementino Fraga, 63, Praça Onze, local onde Tia Carmem viveu mais da metade de sua vida. Sua neta, Carmem Maria Raimundo, 23, modelo e assistente social, também articula a fundação de um orfanato com o nome da velha baiana.

Manguense docente, conhecedora das religiões afro e personalidade marcante na imensa família (deixou 124 descendentes), Tia Carmem de Oxum chegou menina ao Rio, e na Praça Onze, juntamente com Tia Ciata, organizou as primeiras rodas de batuque, de onde surgiu o samba urbano. Após a morte de Tia Ciata ela continuou a dar em sua casa festas e com famosos pagodeiros do início do século, como Hilário Jovianiano, Pixinguinha, Donga, Sinhó e João da Baiana.

— Minha avó foi uma mulher marcante no Rio. Quantas pessoas famosas ou não vinham aqui na Vila ver minha avó: Roberto Dinamite, Grande Otelo, Carmem Costa e muitos outros buscavam sempre seus conselhos. Por isso queremos cultivar essa memória marcante da Vovó Carmem — explica Janisio Teixeira de Castro, neto, um dos que se dedi-

Professora relata perseguições

A antropóloga Ivone Maggie, professora do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da UFRJ, apresentou ontem, em primeiros trechos, sua tese de Doutorado Me-de do Feitiço (relações entre magia e poder no Brasil).



Ivone Maggie

que será apresentada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Museu Nacional.

Ivone estudou centenas de processos contra terreiros ou adeptos das religiões afro e descobriu que de 1890 a 1940, no Brasil, houve uma grande repressão contra as religiões afro. Isso aconteceu, explicou, porque, com a instalação da República, em 1889, as elites brasileiras acha-

vam que as religiões afro eram atrasadas e perigosas.

— Ao mesmo tempo, o Estado estimulava os conflitos entre as setas como forma de dividi-las e depois reprimi-las. As pessoas eram condenadas por prática ilegal da Medicina, curandeirismo ou prática de magia. Mas a contradição é que a Constituição permitia a liberdade religiosa — frisou a antropóloga.

VASP - 1933-1983. Os primeiros 50 anos passaram voando

CENTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS

Umbanda e candomblé denunciam Átila Nunes



A Ialorixá Palmira e seu grupo denunciaram o oportunismo do deputado

Um grupo de representantes das religiões afro-brasileiras - Umbanda e Candomblé - denunciou ontem à imprensa o que considera uma atitude oportunista e eleitoreira do deputado estadual Átila Nunes (PMDB) que, segundo eles, está tomando para si uma luta que já vem de anos, contra as agressões que vêm sofrendo das Igrejas Evangélicas. A Ialorixá Palmira afirmou que o deputado não tem nenhuma representatividade junto à comunidade umbandista, com a qual "só estabelece algum vínculo no intuito de pedir votos".

Jairo Pereira, integrante da comissão executiva do projeto "Tradição dos Orixás", disse que Átila Nunes só conseguiu se eleger todos esses anos graças à forte atuação de seu pai, que era escritor, compositor e muito querido entre os religiosos. Segundo ele, Átila está participando de uma farsa ao dizer que está liderando o movimento que levou à abertura

de inquérito na Polícia Federal contra a Igreja Universal do Reino de Deus.

Jairo informou que, desde 1983, quando foi constatado um aumento muito grande de agressões por parte, das "igrejas eletrônicas", foi criado o Ipelcy - Instituto de Pesquisas e Estudos da Língua e Cultura Yorubá, que tem a finalidade de lutar contra os preconceitos e discriminações difundidos na sociedade brasileira.

A Ialorixá Palmira, que também faz parte do conselho religioso no projeto, advertiu que muitas dessas discriminações eram defendidas em artigos de Átila Nunes, nos quais pregava a purificação das religiões afro-brasileiras. Palmira ressaltou o trabalho beneficente realizado nas comunidades de terreiro, onde diz que várias pessoas que têm desvio na sociedade são acolhidas e mantidas através de seu próprio trabalho, com o jogo de búzios.

VASP 1933-1983. Os primeiros 50 anos passaram voando

INTERDISCIPLINAR
DOC 2196
653
CENTRO DE ESTUDOS
CONTEMPORÂNEOS

Umbanda comemora hoje 80 anos

O Encontro Tradição dos Orixás quer organizar os cultos negros contra as agressões dos evangélicos

134
A Universidade Federal Fluminense (UFF) promove de hoje a 20 de novembro o 1º Encontro Estadual da Tradição dos Orixás no Diretório Central da Universidade (DCE). O Encontro tem como objetivos discutir os rumos e a unidade política das religiões de origem africana no Brasil, bem como reagir de forma organizada aos ataques ostensivos das "Igrejas Protestantes" e aos preconceitos e estereótipos disseminados na sociedade.

Hoje, a Umbanda está completando 80 anos de sua fundação, por Zélio Fernandino de Moraes, aqui em Niterói e o en-

contro pretende começar com uma cerimônia religiosa em comemoração à data.

Após a cerimônia de abertura, às 18 horas, será instalada a mesa oficial do Encontro, com a presença de representantes tradicionais do Candomblé de Umbanda e de outras religiões, visando à articulação política com outros credos religiosos a fim de transformar a realidade política e social da sociedade brasileira. Ainda hoje, haverá o lançamento dos livros "A história de um Terreiro Nagô", do Mestre Didi e "O Terreiro da Cidade" e "Santungri", de Muniz Sodré.

Faz parte do Encontro também a realização de mesas-redondas e palestras, entre elas, a da promotora de Justiça do Estado do Rio, Tânia Maria Salles, que apresentará a primeira parte do dossiê sobre as agressões das "Igrejas Eletrônicas", enfocando os crimes que elas cometem a agredir os cultos Afro. As inscrições para o Encontro podem ser feitas gratuitamente na Rua 24 de Maio, 43, São Francisco Xavier, RJ, ou pelos tels. 201-5809 e 281-0560. O DCE da UFF fica situado à Avenida Rio Branco 625, Centro, Terminal Sul, Niterói.

VASP - 1933-1983. Os primeiros 50 anos passaram voando



Gilberto Gil pede respeito e Dona Ivone Lara lembra que negro também é cidadão



Elza Soares e Ruth de Souza não gostaram das festas do Centenário da Abolição

DIA DE ZUMBI AVIVA CONSCIÊNCIA NEGRA

SALETE LISBOA

Hoje, mais uma vez, os negros vão repensar seu papel na sociedade brasileira. E que, apesar de aparentemente esgotadas no dia 13 de maio, quando se comemorou o Centenário da Abolição da Escravatura, as festas que os negros reservaram para contar sua libertação acontecem é no dia 20 de novembro, data da morte de Zumbi dos Palmares, escolhido como Dia Nacional da Consciência Negra.

Se no início do ano houve muito barulho em torno da situação do negro brasileiro, terminados os festejos previstos no calendário oficial pouca coisa alterou-se na relação entre brancos e pretos no Brasil. Por isso, fica a pergunta: O que deve estar na consciência dos negros neste 20 de novembro?

Para a deputada federal Benedita da Silva, do PT, o negro deve aproveitar este dia para se conscientizar de sua força, embora esteja marginalizado, e deve se organizar politicamente para poder lutar contra isto. "Nós devemos nos espelhar nos Quilombos, em Zumbi dos Palmares e defendermos todos os nossos direitos, não apenas no plano social, mas também no cultural", afirma. E ela mesma lamenta

que depois deste ano do Centenário da Abolição não se tenha respostas para a questão da falta de projeto político para o negro brasileiro.

A atriz Ruth de Souza acha que tanto o negro quanto o branco devem estar conscientizados é da necessidade de lutar por dias melhores. Para ela, as comemorações deste ano também decepcionaram: "Eu esperava mais. Na verdade, os japoneses que vieram há 80 anos comemoraram tiveram festa mais bonita do que os negros que nasceram aqui".

MISCEGENAÇÃO

Gilberto Gil, cantor e compositor, diz que a questão da consciência negra não deve estar presa a uma data. "Se dermos ao dia 20 de novembro uma conotação religiosa, devemos meditar. Usar esta data para cultivar nossos ancestrais e todos os símbolos da resistência negra no Brasil", ele afirma. Outro ponto importante destacado por Gil é que se deve considerar com mais atenção a miscigenação como lado positivo, porque, assim, estará havendo, na verdade, um enriquecimento da humanidade.

Ao lado de exigir respeito e mais espaço na sociedade, conforme disse Gilberto Gil, os negros brasileiros devem ter consciência a importância de se soli-



A Deputada Benedita da Silva não vê projeto político

darizarem com os oprimidos de modo geral, pois eles se confundem com a comunidade negra. Para mim, neste ano do Centenário da Abolição falou a presença celebrativa do negro. Mesmo que se quisesse enfatizar o lado negativo do fato, isto é, a não abolição, a raça deveria estar mais presente.

VALORES CULTURAIS

Jairo Pereira, presidente do Instituto de Pesquisa e Estudo de Língua e cultura Yorubá (IPELCY), diz que o negro deve se conscientizar de que a ideologia racial do Brasil não é em clima de cor da pele. "Tem um contexto mais amplo, sobretudo de valores culturais, implícito na relação do negro com a sociedade. Para mim, o fato mais importante deste ano centenário foi a marcha de 11 de maio, no Rio, quando toda sociedade brasileira teve oportunidade de constatar, através da repressão militar, a presença do racismo em nosso País", ele lembra.

Segundo Nei Lopes, pesquisador e compositor, o negro deve estar atento à irrealidade da democracia racial brasileira. "O racismo no Brasil existe e a classe dominante quer fazer um País branco". Ele acrescenta que se deve ter consciência histórica da importância dos nossos ancestrais em todo processo político cultural e ainda do "genocídio negro, o mais violento que qualquer outro da história. Nestes 400 anos a África perdeu cerca de 70 milhões de pessoas," afirma.

"Num País como o nosso negro deve saber sua condição de igualdade em relação às outras raças." A afirmação é da cantora Elza Soares. "O negro é maioria" - continua ela - "Tem uma bela história. Deste ano centenário, nada sobrou. Foi uma festa enquanto durou..."

DATA DOS OPRIMIDOS

Para Júlia César de Sousa Tavares, diretor cultural e presidente interino do Instituto de Pesquisa de Cultura Negra (IPCN), o dia 20 de novembro deveria ser visto como data de todos os oprimidos e lembrada à população que tentou reagir de forma revolucionária no Século XVII. Uma data nacional não só do negro. Deve-se repensar o cotidiano. Um dia em que é importante a conciliação e a orgulho no encontro com a ancestralidade que morreu lutando contra a opressão, na luta para a libertação de indivíduos, concluiu.

A compositora Dona Ivone Lara afirma que o negro deve ter conhecimento do seu valor. "Nada deve nos inibir. Devemos ter certeza de que somos cidadãos, sem nos julgar inferiores a ninguém. Sobre tudo conhecendo e garantindo os nossos direitos", concluiu.

VASP - 1933-1983. Os primeiros 50 anos passaram voando

INTERDISCIPLINAR 2/67
FU 5-83
CENTRO DE PRESERVAÇÃO

As religiões afro-brasileiras

Jayro Pereira

EM 16 de novembro de 1983, foi fundado, em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, o Instituto de Pesquisas e Estudo da Língua e Cultura Yoruba (Ipelcy) com o objetivo de desenvolver um ensino sistematizado da língua Yoruba e difundir na sociedade os conceitos estruturais das religiões afro-brasileiras.

A intenção era investir ideologicamente contra os preconceitos, discriminações e estereótipos introjetados nas mentes da população brasileira. Isso estamos fazendo à custa de muitos sacrifícios, trabalho este que, inclusive, vem sendo usado por políticos partidários de prática a mais reacionária, que sempre trataram os adeptos dos cultos afros como massa de manobra e currel eleitoral.

Em função desses fatos percebidos pelos fundadores do Ipelcy, nesse mesmo ano começamos a documentar todo o processo de massacre e perseguições às religiões afros desde o período colonial até nossos dias. O trabalho consiste em comparar e registrar as perseguições e discriminações sofridas pelos cultos afros. Nesse mesmo momento começávamos a perceber os ataques das Igrejas Evangélicas do ramo Pentecostal ou Igrejas Eletrônicas. Inicialmente compilamos um parco material editado por alguns jornais.

Esse material compilado foi distribuído e analisado nas Comunidades-Terreiro da Baixada Fluminense, e depois o organizamos com o nome de Subsídios para o Estudo do Recalque da Religião Afro-Brasileira pela Ideologia Cristã. Essas visitas às Comunidades-Terreiro se constituíram no primeiro passo para o surgimento do projeto Tradição dos Orixás, que culminou com a mobilização e articulação política de 3 mil adeptos das Religiões Afro-Brasileiras com a realização do primeiro ciclo de Encontros Regionais da Tradição dos Orixás, ocorrido de 11 de outubro de 1987 a 18 de setembro de 1988 em várias regiões do Estado, em especial na Baixada Fluminense, por abrigar um maior número de Comunidades-Terreiro.

Num dos pré-encontros regionais, realizado no Ciep Lima Barreto, em Vilar dos Teles, no início de 1987, uma das decisões importantes tomadas pelos adeptos foi a necessidade de mostrar à opinião pública como se dá e os motivos dos ataques das Igrejas eletrônicas, como também informar ao público a riqueza e complexidade das religiões de origem africana. Na medida em que mostramos as diferenças entre as duas religiões, mostramos também que os Evangélicos investem contra todas as formas cotidianas de organização da sociedade civil, na medida em que joga pesado na alienação dos menos favorecidos e assim dificultando o exercício da real cidadania dos oprimidos, corroborando desta forma para a não melhoria da qualidade de vida da população marginalizada, sendo em tudo e até por interesses pessoais coniventes com os poderosos e com esse Estado que aí está investindo na miséria absoluta que campela este País.

Como não temos nenhum interesse eleitoral e vimos lutando contra todas as formas de oportunismo de que sempre foram vítimas os adeptos das religiões afro, não tivemos pressa para divulgar o dossiê elaborado pela Comissão Oju Obá. Isto porque queríamos fazer - como aliás foi feito - um documento bem-elaborado, teorizado social, política e juridicamente. O dossiê, que recebeu o nome de Uma Guerra Santa Fabricada, não conta apenas de recortes de jornais, mas de amplas e precisas apreciações técnicas em relação à violação do direito da liberdade de religião.

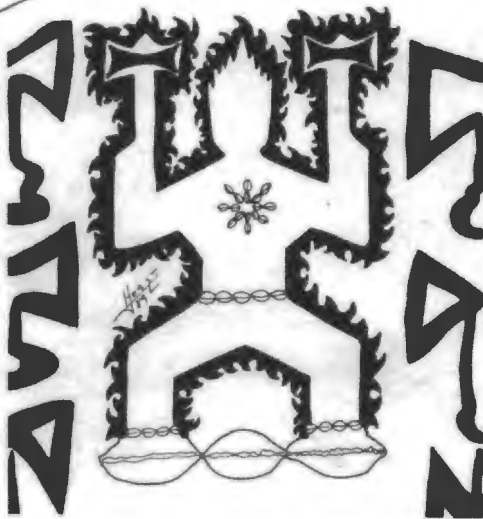
Em 89, pretendemos aprofundar o trabalho do Projeto Tradição dos Orixás e continuar lutando para que os cultos afros não sejam vistos como uma religião sem uma visão social e política. As religiões afro-brasileiras guardam em si uma visão de mundo que dá conta da trajetória existencial do ser humano e, por não possuírem no seu contexto o maniqueísmo, deixam claro que o homem é capaz e que só ele pode transformar a realidade social e política da realidade onde vive.

JAYRO PEREIRA é secretário-executivo do Projeto "Tradição dos Orixás" e presidente do Instituto de Pesquisas e Estudo da Língua e Cultura Yoruba.

**MAIORIA
COMUNIDADE**

Tradição dos Orixás em Recife

Jayro Pereira



Aconteceu no período de 4 a 6 de agosto, o I Encontro Estadual da Tradição dos Orixás de Pernambuco, no Centro de Convenções, situado no Complexo de Salgadinho em Olinda. A realização do Encontro foi do

Centro de Cultura Afro-Brasileira (CCAB) e coordenado pelo seu vice-Presidente Jorge de Moraes — ogô do Ase Apo Afonja e membro do Conselho Religioso do INTECAB (Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-

Brasileira). Ao I Encontro Estadual da Tradição dos Orixás estiveram presentes hierarquias religiosas dos vários segmentos afro-brasileiros como: Nagô, Xambá, Ketu, Jêje, Angola, Umbanda, Jurema e Catimbó. Os temas de discussão foram os seguintes: Cultos Africanos em Pernambuco; Sincretismo Religioso Afro-indígena e influências Europeias; Liturgia e Práticas Divinatórias; Continuidade da Tradição; A Tradição dos Orixás e os Meios de Comunicação; A Tradição dos Orixás e a Educação; Significado e Função do Sacrifício, Obi e Orobo — O Jogo de Búzios e Opele-Ifé; Formação Sacerdotal, Transmissão dos Conhecimentos e Hierarquia; e O Ensino Religioso nas Escolas, Discriminação e Liberdade de Culto. No último dia — domingo a tarde, houve apresentação de comunicações livres e depoimentos e encerrando o Encontro para apresentação de música e dança onde se apresentou o Grupo de Dança da Escola Maria da Conceição coordenada pela Prof.^a Lúcia dos Prazeres do Morro da Conceição, sendo o Grupo o mais aplaudido por ser composto por crianças e possui uma qualidade profissional excelente.

Cabo Frio: Capital dos Negros no Interior

por Daniel Ferreira

O "VIII Encontro de Entidades do Movimento Negro do Interior" acontecerá em Cabo Frio, na 1.^a quinzena de setembro sob a Coordenação do Movimento Cabofriense de Pesquisas da Cultura Negra e apoio do CENIERJ- Conselho de Entidades do Movimento Negro do Interior.

A cada encontro o interesse dos negros do interior vem crescendo por este evento, já tendo se tomado um fato marcante em cada município em que se realiza.

Já houve época em que alguns dirigentes das entidades do Movimento Negro quiseram contestar a objetividade do mesmo, entretanto, o próprio tempo tem demonstrado a sua eficácia com as

lideranças emergentes nas Entidades do Interior e a participação efetiva da Juventude Negra, portanto o caminho é este.

Hoje a mensagem de luta e conscientização vem crescendo dentro das escolas de 1.^o e 2.^o graus, onde os estudantes negros conscientizados, além dos professores, atuam e vivenciam a mensagem de luta contra a discriminação racial.

Durante três dias debatem-se vários assuntos de interesse das Entidades, e propostas extraídas em cada comunidade dentro de suas carências. Outro detalhe de importância é o aspecto da conscientização dos negros do interior em procurar se preparar para uma participação político-

partidária efetiva, no intuito de candidatar-se plenamente votados e identificados com o próprio Movimento Negro, assim de que se eleitos, possam votar e ajudar a construir novas leis que reflitam os anseios sócio-político e econômico da comunidade.

Enfim, sendo Cabo Frio uma cidade do interior eminentemente turística e de melhores condições em termos de alojamentos vai o VIII Encontro do Interior para lá com o mesmo espírito que nasceu, cresceu e caminhou em outros municípios, ou seja, conscientizar, organizar e lutar, por todos os espaços existentes dentro do mesmo contexto de igualdade neste país.

Encontro de Negros em Sergipe

Com o tema central "Organizar para transformar", realizou-se de 11 a 13 de agosto o 2.^o Encontro Estadual de Negro de Sergipe, no Centro de Estudos Jackson de Figueredo, situado no centro da cidade de Aracaju e contou com a participação de todas as Entidades Negras do Estado. O Encontro

foi organizado pela UNA (União dos Negros de Aracaju), Grupo Santos Nação e pelo Movimento Negro Independente, contando com o apoio da CESE (Coordenadoria Econômica de Serviços) e do CESEPE (Centro Sergipano de Educação Popular).

Como palestrantes, foram

convidados Prof.^o Ivanir dos Santos que abordou "Organizar para Transformar"; Jayro Pereira — Cultura negra versus Poliorização e Lúcia dos Prazeres que falou sobre Movimento Negro e a Educação Popular.

Igreja Universal Ataca em Salvador

"Igreja Universal do Reino de Deus sai em protesto contra crianças infelizes que são sacrificadas pelos terreiros de Candomblé". "Crianças servem de sacrifício na macumba! Queremos justiça". "Protesto contra a matança de crianças nos centros de macumba". Estas eram algumas das frases escritas nas faixas carregadas por fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus, de Itinga — um bairro de Salvador, durante uma passeata que contou com a participação de mais de cinco mil pessoas no final da tarde do dia 14/08/89, do Campo Grande à Praça Municipal. O motivo da manifestação, conforme os fiéis, é a suposta matança de crianças dentro dos rituais das Religiões Afro-Brasileiras. A passeata saiu de Campo Grande por volta das 17h30, acompanhada do trio elétrico "Skulaxo", de onde um conjunto ligado à Igreja tocava músicas religiosas alertando as pessoas do perigo das tentações do demônio e exaltava a figura de Cristo. O curioso é que as composições dançantes eram em ritmo de lambada e reggae.

MOVIMENTO NEGRO PROTESTA

Dezenas de pessoas que circulavam por Campo Grande protestavam, bem como diver-

sos membros de entidades do Movimento Negro haviam considerado a passeata um desrespeito às Religiões Afro e também à própria Constituição, no artigo que concede ao cidadão o direito de praticar qualquer religião. O Movimento Negro moveu uma ação judicial contra a Igreja Universal, por ferir a liberdade religiosa e solicitou uma audiência com o diretor do Dentel para exigir que os programas religiosos das várias igrejas evangélicas não façam comentários depreciativos contra as religiões afro-brasileiras, como vem ocorrendo há longo tempo. Em função disso foi criado o Comitê em Defesa das Religiões Afro-Brasileiras integradas pelas seguintes entidades: Movimento Negro Unificado (MNU), Casa de Oxumaré, Ase Opo Afonjá, Grupo Jingga, Casa do Bogum (Terreiro) Tanuri Juçara (Terreiro), Grupo Palmares de Novo, Olodum, Projeto Cultural Cantina da Lua, UNEGRO (União de Negros pela igualdade), MCN (Movimento de Consciência Negra), Juventude Negra, FABES (Federação de Associação de Bairros de Salvador), Associação de Moradores do Engenho Velho da Federação e pelo CECUP (Centro de Educação e Cultura Popular) sediada no Pelourinho, onde acontece as reuniões do Comitê. (J.P.)

LIGUE NA TAMOIO-AM
CHEGANDO NO PEDACÃO
 2ª à 6ª: 8 às 9:30.
 Sábado: 7 às 9:45.

BELEZA NEGRA



— Beleza Negra foto Sérgio Reis

Na quadra da Escola de Samba Salgueiro, Vila Isabel (RJ), aconteceu a 8.^a Noite da Beleza Negra.

O evento que mobilizou muita gente serviu para eleger Pedro Paulo e Marco Antonio da Silva e Rogéria Soares de Oliveira e a vice-Márcia Cecília Marques Bicalho, reis e rainha da festa negra.

O que ficou sem explicação foi se os organizadores tinham bala na agulha para trazer Sandra Sá e o Olodum, ou se foi mero jogo promocional.

Briga entre religiões chega à Procuradoria

JAMIL BITTAR

O Instituto de Articulação das Religiões Afro-Brasileiras — Inarab — vai entregar hoje um dossiê ao subprocurador da República, Cláudio Lemos Fonteles, onde mostra as várias agressões que as religiões de origem africana vêm sofrendo das Igrejas Pentecostais nos últimos anos. O Instituto espera que o Ministério Público interceda em defesa de sua causa, e cita a Constituição brasileira, que prevê a total liberdade religiosa, para justificar sua reivindicação. Além da base legal, o documento também cita diversos casos de conflitos entre praticantes das duas linhas religiosas.

Segundo explicou Jayro Pereira de Jesus, secretário executivo do Inarab, as agressões vindas dos pentecostais fariam parte de uma estratégia de expansão na América Latina. "As religiões afro têm um forte cunho popular", disse Jayro. E a campanha que vem sendo desencadeada contra elas seria uma maneira de atrair seus adeptos para a linha pentecostal. "Além das agressões verbais, há inúmeros casos de espancamentos e invasões de casas e terreiros", conta o secretário. Jayro está em Brasília acompanhado das ialorixás Mãe Meninazinha de Oxum e Mãe Beata de Iemanjá para pedir providências ao Ministério Público.

Com o acirramento da disputa por seguidores, as igrejas pentecostais "mudaram seu canhão", disse Jayro. Além das armas tradicionais de pregação, os pentecostais utilizam um amplo sistema de comunicação de massa,



Jayro se respalda na Constituição e pede liberdade religiosa

formado principalmente durante o regime militar, que inclui rádios, televisões e publicações. E através deles vem acusando as religiões afro-brasileiras de adorarem o diabo e as "forças do mal", culpando-as por todas as calamidades — inclusive econômicas — que assolam o País. Ao mesmo tempo, utilizam os veículos de comunicação para formar "currais eleitorais", como diz Jayro.

Para tentar enfrentar os pentecostais no mesmo nível, o Inarab organizou um projeto de articulação política. Segundo o secretário-executivo do Instituto, o objetivo é também ganhar espaço político para defender os direitos dos praticantes das religiões afro-brasileiras. Para discutir este conflito com os pentecostais, o Inarab organizou um debate, hoje à noite, às 19 horas, no Sindicato dos Professores.

A TARDE 09-09-1989

Afros pedem ao cardeal apoio contra igrejas

Um grupo de representantes de entidades negras brasileiras entregou, ontem, ao arcebispo primaz do Brasil, dom Lucas Neves, um dossiê intitulado "A Guerra Santa Fabricada", que contém injúrias, difamações e ofensas realizadas pelas igrejas evangélicas pentecostais contra os cultos afros e seus praticantes. Eles foram pedir o apoio do arcebispo na luta que desencadearam em todo o Brasil em defesa dos direitos individuais e da liberdade de culto.

O arcebispo, que tem defendido uma postura antropológica com relação às religiões, mostrando-se contra o sincretismo e a favor de um fortalecimento dos aspectos conceituais de cada culto, prometeu analisar o documento e chamar novamente os integrantes do movimento negro para conversar sobre o assunto.

Conforme o secretário do Instituto de Articulação das Religiões Afro-Brasileiras Inab —, Jairo Pereira, o dossiê está servindo como um elemento de mobilização da articulação nacional desenvolvida pelas entidades negras em defesa dos cultos afros e das liberdades.

Ele explica que o dossiê faz, inicialmente, uma análise de três livros de autoria de integrantes de igrejas protestantes, concluindo que a chamada "Guerra Santa" é uma estratégia política de expansão destas igrejas no Terceiro Mundo, sendo, portanto, um conflito intencionalmente *fabricado*. Os livros analisados são: "Orixás, Caboclos e Guias — Deuses ou Demônios", do bispo Edir Macedo Bezerra, das igrejas evangélicas do Reino de Deus; "Os Deuses da Umbanda — O baixo espiritismo: implicações teológicas e pastorais", de Neusa Itioka; e "Por que Crescem os Pentecostais", de Peter Wagner.

Dom Lucas recebe dossiê dos negros

Um dossiê intitulado "Guerra santa fabricada" foi entregue ontem ao cardeal Primaz do Brasil, arcebispo dom Lucas Moreira Neves, pelo secretário executivo do Instituto de Articulação das Religiões Afro-Brasileiras, Jairo Simões. O documento denuncia ações agressivas das igrejas Pentecostais através de matérias publicadas nos jornais sobre a questão, além de panfletos, folhetos e periódicos dessas igrejas. Constam ainda do dossiê, análise dos livros "Orixás, Caboclos e Guias", do bispo da Igreja Pentecoste, Edir Macedo Bezerra; "Os deuses da Umbanda", de Neuza Itioka, e "Porque crescem os Pentecostes", de Peter Wagner, que analisa a expansão da Igreja Pentecostal na América Latina.

Segundo Jairo Simões, o dossiê começou a ser preparado em 1980 e foi concluído em novembro do ano passado. Com 256 páginas, o documento passou a ser divulgado no Rio de Janeiro, partindo para os demais Estados. Para o secretário, o objetivo do Instituto de Articulação das Religiões Afro-Brasileiras é a formulação de uma frente nacional para ir de encontro às Igrejas Pentecostais, que estão intensificando as agressões aos militantes do Candomblé. Durante a entrega do dossiê a dom Lucas, inclusive, estavam presentes representantes de Pernambuco, Ceará e Bahia.

A mobilização dos grupos afro-brasileiro, na opinião de Jairo Simões, se faz necessária diante da sucessividade de agressões, muitas delas físicas como ocorreu no Rio de

Janeiro, quando militantes foram espancados com Bíblias. Lembrando o caso recente das agressões da Igreja Universal do Reino de Deus ao Candomblé, em Salvador, ele declarou que se os militantes das religiões afro-brasileiras não se mobilizarem, estarão sendo coniventes com o que vem acontecendo.

PROJETO POLÍTICO

A intenção do Instituto de Articulação das Religiões Afro-Brasileiras é de formação de um projeto político, dando oportunidade aos terreiros de Candomblé de mostrarem o que acontece durante os seus cultos. Nesse projeto, sobretudo, seriam denunciadas as agressões sofridas. Ele terá início com a organização de um encontro, no Rio de Janeiro, onde participarão a Ordem dos Advogados do Brasil, associação de Moradores e de Classes.

A partir daí prevê Jairo Simões, será organizado um encontro nacional com todos os movimentos sociais iniciados na Religião Afro-Brasileira, com o objetivo de adoção de uma postura contra o projeto de alienação das Igrejas Pentecostais. Para o grupo que está liderando esse movimento de conscientização e divulgação das perseguições que o Candomblé vem sofrendo, é possível que a Igreja Católica, tendo em mãos o dossiê "Guerra Santa Fabricada", adote também um posição contra as agressões, principalmente porque vem perdendo muitos dos seus fiéis para o grupo dos Pentecostes.

Candomblé sugere aliança com católicos

Salvador (AJB) — Uma aliança entre a Igreja Católica e os terreiros de Candomblé para combater o radicalismo com que as Igrejas Pentecostais — particularmente a Universal do Reino de Deus e a Assembleia de Deus — vêm agindo em relação às religiões católicas e afro-brasileiras, foi proposta por dirigentes de entidades do movimento negro ao arcebispo primaz do Brasil, dom Lucas Moreira Neves, num encontro realizado ontem nesta capital. O arcebispo prometeu analisar um dossiê entregue a ele pelos militantes do movimento negro, como prova de racismo das Igrejas Pentecostais para em seguida, se posicionar publicamente sobre a proposta da aliança.

No dossiê, de 256 páginas, as entidades do movimento negro apresentam recortes de jornais e textos de livros impressos por Igrejas Pentecostais, onde, entre outras afirmações, acusam "os católicos, a cultura indígena e os cultos diabólicos trazidos da África", como sendo os responsáveis pela crise econômica e social do país, além de doenças como o câncer e a AIDS. Dom Lucas Neves recebeu com interesse as denúncias e informou aos representantes do movimento negro que, há algum tempo, está preocupado com o crescimento e o radicalismo dessas religiões, tendo inclusive solicitado um estudo à Universidade Católica de Salvador sobre a questão.

O arcebispo condenou ações extremistas realizadas por algumas Igrejas Pentecostais, como a Universal do Reino de Deus, que recentemente promoveu uma passeata no centro de Salvador, acusando os terreiros de Candomblé de fazerem rituais com sacrifícios de crianças, "não sou intelocutor das religiões afros, mas como cidadão brasileiro estou interessado na democracia e por conseguinte, na liberdade de expressão religiosa", disse dom Lucas Neves aos representantes do movimento negro.

A ideia das entidades do movimento negro é promover uma frente nacional contra as Igrejas Pentecostais, incluindo, além da Igreja Católica, outras entidades da sociedade civil. O diretor do Instituto de Articulação das Religiões Afro-Brasileiras, Jairo Pereira, e a diretora do Movimento Nacional Unificado, Nadir Nóbrega, que participaram do encontro com dom Lucas Neves, já estiveram com dirigentes da Ordem dos Advogados do Brasil e com o subprocurador-geral da República, Cláudio Lemos Fontelli, que na época estava no

exercício do cargo de procurador.

No encontro com o subprocurador-geral da República, os representantes do movimento negro também lhe entregaram o dossiê e relataram alguns mecanismos de propaganda utilizados por essas Igrejas, através de emissoras de rádio e TV (cujas concessões são cedidas pelo governo), para atrair fiéis; "Eles chegam a afirmar que não adianta ir para hospital em busca de tratamento para AIDS, porque somente as suas religiões podem curar quem esteja contaminado por essa doença", acusou Jairo Pereira.

Segundo ele, o subprocurador, a exemplo de dom Lucas, se comprometeu a estudar o dossiê e apresentar um parecer até o próximo dia 15. Se considerar as acusações procedentes, o subprocurador vai solicitar à Polícia Federal e ao Denel, uma investigação sobre a programação das emissoras em poder dessas Igrejas, além de requerer também um levantamento dos bens dos seus pastores.

Encontro de negros

Salvador (AJB) — a criação de um partido socialista, com prioridade na sua plataforma política para a luta contra o racismo, é uma das propostas que será apresentada hoje por várias entidades do movimento negro, durante o 9º Encontro de Negros do Norte e Nordeste, que está sendo realizado nesta capital. A proposta não conta com a unanimidade das correntes do movimento e está sendo considerada como uma das mais polémicas do encontro.

Embora oficialmente de âmbito regional, o Encontro de Negros do Norte e Nordeste foi ampliado para a participação de representantes de todo o país. Com isso, acabou se transformando no principal evento do movimento negro neste ano eleitoral. Seu tema central ("O Negro e as Relações de Poder; Estados e Partidos Políticos") propiciou para que alguns representantes pudessem apresentar hoje, no painel "Os Partidos Políticos do Brasil e a Comunidade Negra", a proposta da criação do "Partido Anti-Racismo".

Seminário: Impasse

Lagoa Seca (PES) (AJB) — O presidente da CNBB, dom Luciano Mendes vai a Roma para, em nome dos bispos nordestinos, pedir ao papa João Paulo II que suspenda a ordem de fechamento do Seminário Regional do Nordeste (Serene) e do Instituto de Teologia do Recife (ITER), informou ontem o professor do ITER, Luiz Carlos Araújo, que atuou como porta-

voz do Instituto no II Encontro Regional de Religiosos Inscrições nos Meios Populares, que reúne mais de 100 representantes de Alagoas, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Paraíba na cidade de Lagoa Seca, que fica distante 123 quilômetros da capital.

Já o bispo de Campina Grande, dom Luiz Fernandes informou que foi formado grupo de trabalho espontâneo, para tentar recolher ideias e alternativas para o fechamento do Serene e do ITER. Ele disse que ainda este mês deverá ser realizado um encontro regional para discussão da decisão da Santa Sé, que deverá analisar o documento em elaboração.

Segundo dom Luiz Fernandes, o papel desse grupo é propor caminhos para o impasse surgido com a decisão do papa. "A questão que colocamos é o que fazer com os alunos desses institutos?", disse ele, comentando que três bispos estão engajados nesse projeto, entre eles dom José Maria Pires, arcebispo de Paraíba, que ontem esteve em Juazeiro e que durante a próxima semana deverá fazer outras visitas aos bispos do Nordeste, para discutir a questão.

Dom Luiz Fernandes evitou falar sobre o agravamento das relações dos bispos do Regional Nordeste II com o arcebispo de Recife e Olinda, dom José Cardoso Sobrinho, que é apontado como um dos responsáveis pelo fechamento do Serene e do ITER. "Não há guerra nem perseguições. Essas palavras são muito fortes", afirmou o bispo de Campina Grande, para quem o que existe não só na Igreja do Nordeste mas em toda a Igreja Católica, em âmbito internacional, é um desencontro de modelos eclesiais e pastorais. "É preciso uma articulação a nível superior para pôr um fim a isso", defende ele.

Já o porta-voz do ITER não teve dúvidas ao responsabilizar dom José Cardoso Sobrinho pelo fechamento das duas instituições: "O Vaticano encontrou agora o respaldo local para realizar esse fechamento, há muito pretendido, não pelas intenções nem pelas palavras mas pelas atitudes. Nós chegamos à conclusão que dom José Cardoso e seu bispo auxiliar, dom Terra, vieram aqui para desestabilizar a Igreja dos pobres. Isso fica muito claro nas duas últimas atitudes", acusou, lembrando a expulsão de vários padres da arquidiocese e a proibição de dom Hélder falar sobre a decisão de fechamento do seminário.

• **Religiões Afro** - A Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, através da Divisão de Cultura Afro-brasileira, realiza, amanhã e domingo o 10.º Encontro Regional das Religiões Afro-brasileiras. O encontro tem como objetivo defender as religiões de origem africana e seus desdobramentos contra os ataques verbais e físicos das igrejas Evangelicas Pentecostais, os preconceitos, os estigmas, os estereótipos, descais das autoridades etc.

Negros não querem cultura afro entre católicos

CARTER ANDERSON
Da Sucursal do Rio

A decisão do Vaticano de estudar a adoção de elementos da cultura afro-brasileira em cerimônias católicas gerou polêmica no movimento negro. Ao saber da decisão, organizações negras como o Instituto de Articulação das Religiões Afro-brasileiras (Inarab) passaram a denunciar a iniciativa como "mais um golpe da Igreja Católica" e uma tentativa de descaracterizar a cultura trazida pelos escravos.

Padres e bispos negros discordam — muitos deles já celebram, há 12 anos, casamentos, missas e outras cerimônias com cânticos religiosos em línguas africanas, como o iorubá. Um desses religiosos é o frei David Raimundo dos Santos, 38, da igreja matriz de São João Batista, no município de São João de Meriti (40 km do Rio). Nos últimos oito anos, desde que foi ordenado, ele celebrou cerimônias com influências afro-brasileiras em nove Estados e nos municípios de São João de Meriti e Nova Iguaçu.

Após todos esses anos, ele disse ter concluído que essas cultas reforçam a cultura negra. Muitos negros católicos, segundo ele, perderam preconceitos, assumiram sua identidade e foram capazes, por exemplo, de ir a um terreiro de candomblé, o que antes não faziam. Santos também citou os cursos sobre religiões afro-brasileiras dados em São João de Meriti que, segundo ele, tiveram 90% dos participantes a perderem preconceitos ou temores contra essas manifestações.

Não é o que pensam integrantes do Inarab e do Centro de Articulação de Populações Marginalizadas (Coap), como Jayro Pereira, 39, coordenador do projeto Trabalho dos Orixás, que pretende

revitalizar os terreiros de candomblé e promover atividades para conscientização do negro. "As visões de mundo da religião etnóica e das religiões afro-brasileiras são incompatíveis", disse.

Segundo Pereira, a Igreja usa elementos da cultura negra fora do seu contexto, o que serve apenas para descaracterizá-los. Essa "apropriação" por parte da Igreja, diz Pereira, serve ainda para dificultar o resgate da identidade negra, "massacrada" durante anos de repressão. Todas essas preocupações constam de um documento que o Inarab e o Coap divulgaram em municípios espalhados por 15 Estados.

Santos afirma que os opositores à iniciativa do Vaticano confundem "sincretismo" com o processo de "inculturação" realizado pela Igreja. Segundo o assessor de Liturgia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Alberto Beckhuaser, a "inculturação" visa incorporar manifestações de culturas locais para expressar a fé. Como exemplo, ele cita a tradução da liturgia, antes celebrada em latim, para os idiomas locais.

Nas cerimônias que celebra em ocasiões especiais, Santos usa, em lugar do paramento romano, uma roupa vinda do Zaire, e reza o Pai Nosso em iorubá. Canta-se, dança-se e cumprimenta-se à maneira africana. No ofertório, pão e vinho são acompanhados de cusuz e bolo de fubá. Segundo Santos, 45 padres negros celebram cerimônias semelhantes no Brasil.

A polêmica deverá aumentar entre os próximos dias 23 e 27, quando se realiza em São Paulo o 2º Encontro de Padres e Bispos Negros, que deverá ser aberto com uma missa com influências afro.



Frei Davi (à dir.), com paramento zairense, reza missa em iorubá ao som do atabaque, em S. J. do Meriti

Igreja pode criar 'rito negro brasileiro'

Da Sucursal do Rio

Somente em quatro ou cinco anos o Vaticano decidirá se aprovava a incorporação de elementos afro-brasileiros nas cerimônias católicas. Esse é o tempo previsto pelo assessor de Liturgia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), frei Alberto Beckhuaser, para que se processem todas as etapas até a possível adoção de um "rito negro brasileiro".

Beckhuaser diz que o primeiro passo foi dado pela CNBB, que atendeu às reivindicações de manifestações de consciência negra e pediu uma orientação à Congregação para o Culto Divino e à Disciplina dos Sacramentos. A resposta, segundo ele, veio em setembro do ano passado: uma

autorização para que se iniciem os estudos. Agora, a CNBB está preparando um organograma de especialistas encarregados de estudar a questão. O grupo deverá estar formado ainda este ano.

A CNBB, segundo Beckhuaser, utilizará nessa comissão integrantes da Pastoral Negra — muitos dos quais já celebram cerimônias religiosas com influência da cultura afro-brasileira. O próximo passo, diz o assessor de Liturgia, é o envio do estudo para o Vaticano, que dará então uma licença para que se realizem "experiências locais". Dependendo do resultado, o papa dará a autorização final.

Beckhuaser diz que até o término de todo esse processo não é

permite a criação de um "rito católico", apesar de a Igreja considerar e permitir as incorporações de cultura afro já existentes. Ao falar sobre as cerimônias católicas com utilização de elementos afro-brasileiros, comuns em algumas dioceses desde a década de 70, ele diz que a CNBB permite a "criatividade" dentro dos rituais tradicionais. Cabe aos bispos das dioceses, responsáveis pela "expressão litúrgica" em suas áreas de atuação, definir os limites dessa "criatividade", diz Beckhuaser.

Com a decisão de consultar o Vaticano sobre a adoção do novo rito, a CNBB quis, segundo Beckhuaser, evitar que se criem "indisposições" com os segmentos da Igreja que, cada vez mais, utilizam símbolos afros em missas, casamentos e batizados. (CA)

Teólogo teme a adoção de um "rito profano"

Da Sucursal do Rio

Teólogos ouvindo pela Folha oscilam entre a cautela e a aprovação ao comentar a possível adoção de um rito católico com influência da cultura negra. O teólogo "progressista" Leonardo Boff é simpático à idéia e critica os movimentos negros contrários à iniciativa. O diretor da Faculdade Eclesiástica de Filosofia João Paulo 2º (subordinada à Arquidiocese do Rio), d. Estevão Bittencourt, aprova o estudo. Alerta, porém, contra o "perigo" de se "fazer prevalecer o rito profano, não-negro, ao mesmo lembrando o Carnaval".

A incorporação de símbolos e elementos afro-brasileiros pelo representa uma novidade para Boff, para quem a Igreja Católica é "fruto do sincretismo" de costumes judaicos, gregos e romanos, entre outros.

Os que contestam esse processo tratam a cultura como um "fossil" e não como uma visão "moderna" e "dinâmica", afirma o autor do livro "Igreja, Carisma e Poder" — que lhe valeu a condenação pelo Vaticano a um ano de silêncio obsequioso, por defender a Teologia da Libertação.

Para Bittencourt, a Igreja sempre procurou "revestir a fé com os moldes de diversas culturas, uma vez que a fé é expressão não só ocidental".

Essa é a definição dada por ele ao processo de "inculturação". Sua preocupação é com que, nesse processo, sejam absorvidos apenas os aspectos "sadios" das diversas culturas. (CA)



Segundo Uillian (E) e Jayro, a ecologia é parte da cultura negra

Movimento negro faz vídeo sobre ecologia

O Instituto de Articulação das Religiões Afro-Brasileiras (Inarab) está produzindo um videotape, denominado *Pá ewe pá orixá (Matou a folha, matou o orixá)*. Dirigido pelo cineasta Eduardo Coutinho, o videotape é uma reação à posição do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis), que tem solicitado às suas regionais em todo o Brasil estudos para delimitação de áreas reservadas aos cultos religiosos afro-brasileiros.

A partir de junho, será feita uma campanha nacional, com *buttons*, camisetas e cartazes, que culminará com o 2º Encontro Estadual da Tradição dos Orixás, cujo tema será a visão ecológica na cultura negra. O encontro, do qual participarão os professores Muniz Sodré e José Flávio Pessoa de Barros e o compositor e pesquisador Nei Lopes, será realizado no terreiro da ialorixá Omidareuá (a francesa Gisele Cossard Binon), em Santa Cruz da Serra, Duque de Caxias (Baixada Fluminense).

O videotape, que está sendo produzido junto com *Izer* (Instituto de Estudos da Religião), pretende difundir em todas as escolas, comunidades de terreiro e instituições do movimento social em geral a visão ecológica na cultura negra.

“Na cultura negra, a visão ecológica é de totalidade. Tudo é uma interação,

que gera equilíbrio, formando assim uma cadeia de força cósmica. A quebra de um desses elos altera todo o conjunto, a própria vida humana”, explica Uillian Portella, coordenador do videotape. O objetivo do trabalho é mostrar à população que é possível ter um comportamento em relação à natureza diferente do ocidental, “que é antiterritorial, antiecológico, regido pela lógica da quantidade e da rentabilidade das economias de escala. Afinal, na cultura negra, a natureza é parceira do homem”, acrescenta Jayro Pereira, um dos idealizadores do projeto.

“Essa postura do Ibama é uma manifestação racista e segregacionista. Nós entendemos como mais uma tentativa de discriminar as culturas de ascendência africana”, disse Uillian. A reação do Inarab é consequência também de medidas tomadas pela secretaria de Indústria, Comércio, Tecnologia e Meio Ambiente e Nova Iguaçu (Baixada Fluminense). Segundo Uillian, os praticantes das religiões afro-brasileiras naquele município estão sendo impedidos, até por força policial, de reverenciar seus orixás, que é a própria natureza. Isso, disse Uillian, tem ocorrido com frequência na Reserva Ecológica de Tingá, onde são comuns atividades ilegais, como a caça, o corte de madeira e a retirada de areia dos rios.



Maioria na Alemanha

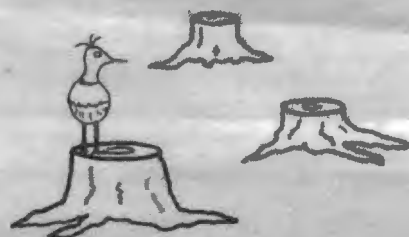
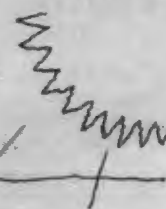
O Jornal Maioria Falante foi convidado pela Rádio 100 de Berlim para uma entrevista com pessoas e entidades, com vistas a uma visão da questão negra no Brasil.

O Jornal convocou e compareceram em massa as expressões de vários segmentos de nossa militância: IPCN, na pessoa de Januário Garcia, seu presidente; Ana Lenor de Carvalho da TV alternativa de Nova Iguaçu, Maxabomba; Evamar, presidente da Associação de Moradores de Ramos; Jurema Werneck, coordenadora da campanha de esterilização da mulher; Arléusa, presidente da Associação de Moradores do Centro Comunitário do Morro do Alemão; Antonio Martins, Presidente do bloco afro Lemi Ayó; integrantes

do CEAP com seus diversificados programas, nós do Maioria Falante, presentes todas as suas editorias; José Rodrigues, radialista angolano que fez gravação simultânea para divulgar em Angola; Nicole, que ajudou sua colega de estudos a fazer o programa; e uma aluna de um CIEP, Renata Oliveira, 10 anos que expôs a sua já grande consciência negra em tão pequena cabecinha.

Cláudia expõe como é seu programa na Rádio 100, em Berlim, dizendo que do rádio estatal passou à privatização e os assuntos são mulher, ecologia e Terceiro Mundo. Ela faz dois programas por semana. Um de cultura e outro político.

DEVASTAÇÃO



Dois milhões de quilômetros quadrados de florestas cortadas, durante as últimas três décadas — a superfície do México —, é uma cidade criada anualmente, na periferia das suas próprias capitais, pelos habitantes de Lima, Buenos Aires, São Paulo e México, com características diferentes da América Latina.

Essa dupla situação, de seqüelas dramáticas, resulta de um "desenvolvimento não sustentado", isto é, um desenvolvimento que rompeu com o equilíbrio da natureza, mediante uma exploração excessiva e uma subutilização dos recursos da região, segundo os especialistas.

Para analisar, uma vez mais, esse tágide diagnóstico e procurar formas de cooperação ecológica, os ministros e vice-ministros dos setores de 33 países da América Latina e Caribe reuniram-se em 22 e 23 de outubro, em Porto Espanha, Trinidad e Tobago.

O encontro, convocado pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), tem, também como objetivo ir afinando posições comuns da região com vista à Conferência Mundial da ONU para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, prevista para junho de 1992, no Brasil. (ÁFRICA/IPSS)

INVENTANDO DESERTOS

Na América Latina e Caribe concentram-se 40 por cento das espécies florestais e animais das florestas tropicais do mundo. Segundo se calcula, no ano 2000 perder-se-ão 10 por cento. Isto é, entre 30.000 e 100.000 espécies, muitas delas ainda desconhecidas.

Das 250.000 espécies de plantas superiores, 90.000 encontram-se na América Latina tropical, 10 por cento são medicinais, outros 10 têm utilizações industriais e 15 por cento são comestíveis. (ÁFRICA/IPSS)

LIXO PESADÃO

Diariamente a indústria da América Latina verte aos mares, rios e lagoas 41.000 toneladas de resíduos perigosos. A população urbana produz por dia 190

milhões de toneladas de resíduos sólidos e a rural outros 50 milhões. (ÁFRICA/IPSS)

2º ENCONTRO ESTADUAL DA TRADIÇÃO DOS ORIXÁS

Será realizado de 01 a 03 de março de 1991, o 2º Encontro Estadual da Tradição dos Orixás (*) Encontro das Religiões Afro-Brasileiras do Programa Racial do CEAP (Centro de Articulação de Populações Marginalizadas) e do Instituto de Articulação das Religiões Afro-Brasileiras (INARAB). O Encontro da Tradição dos Orixás (*) acontecerá na Comunidade Terreiro Sociedade Cruz Santa de Itana do Ilé Axé (*) Opo Afonjá, situado na rua Eugênio Simões, 107 — Itana — São Gonçalo — RJ. Nesse Encontro os objetivos são: a rearticulação dos adeptos das Religiões Afro do Estado

do Rio de Janeiro, avaliar o desempenho do projeto no decorrer de 1989 e 90, discussão dos rumos e perspectivas do projeto entre outros assuntos. Nesse encontro também será apresentado para discussão e aprovação da plenária, o planejamento do projeto relativo a 1991.

Para maiores informações, os interessados devem ligar para Tel. (021) — 224-6771 ou 252-2302 ou escrever para Rua da Lapa, 200, Sala 809 — Centro — Cep. 20021 — Rio de Janeiro — RJ.

(*) Grafia yorubana de Axé e Orixá

ATIVIDADES E CULTURA PARA A COMUNIDADE

O Centro Cultural José Bonifácio está oferecendo cursos nos mais variados segmentos culturais à nossa comunidade, com a proposta de que o pessoal de baixa renda tenha acesso à cultura em geral. Os cursos são Teatro, Cinema, Artes Plásticas, Percussão e Capoeira. Para a criação de uma programação especial, que é: "A Criança e a Terapia de Palavra", que acontece todas as quartas-feiras.

Na seqüência do agito, rola aos domingos, a partir das

16 horas o Terreiro Afro dos Filhos de Ghaná, que no dia 09/12/90 promoverá festa para a escolha da música do carnaval de 91 e no dia 13/01/91 será a escolha da rainha do Bloco.

O Centro Cultural José Bonifácio está aberto a todos que se interessam por cultura popular brasileira. Maiores informações pelo telefone 233-7154, ou na rua Pedro Ernesto, nº 80, Gamboa; Rio.

II FEMARUM

Esse ano dando continuidade ao ciclo que se iniciou ano passado, estará acontecendo durante o mês de dezembro o II — FEMARUM Festival de Música Afro Orumilá, que tem como finalidade lançar novos poetas e suas músicas inéditas (primeiras no gênero).

Os vencedores do ano passado foram os compositores Júlio Mendes, Waldir Angilo e Adílio Variação, como o tema República Palmerina.

Os interessados deverão escolher entre dois temas: Poesia Orumilá, e o envio para o próximo Carnaval que é e república Moçambique.

A primeira eliminação será no dia 7 de dezembro, a segunda 14 de dezembro e a finalíssima dia 21 de dezembro. Serão distribuídos prêmios e troféus aos três primeiros colocados em cada tema. Maiores informações no ensaio do Bloco às sextas-feiras, à Rua Teixeira Azevedo nº 88 — Bairro Abolição.

Ainda esse mês (dezembro) acontece também agendo noite de confraternização Afro Orumilá com a participação de todos os Blocos Afro do Rio de Janeiro e da Comunidade Orumilá, entrada franca.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL
SE/Sul Quadra 801 - Conjunto "B"
Cx. Postal 13-2067 - Fone: (061) 225-2955
70.401 - Brasília - DF

Brasília-DF., 29 de setembro de 1989

EDR - Nº 940/89

Ilms Senhores
da Comissão OJU OBA
Projeto Tradição dos Orixás
Av. Mal. Floriano Peixoto, 1480/Grupo 310
Centro
26220 - NOVA IGUAÇU - RJ

Prezados Senhores,

Em nome da Presidência e da Comissão Episcopal de Pastoral da CNBB venho agradecer a visita de Dirigentes de Religiões Afro-brasileiras, agradecer ainda a confiança manifestada na Conferência dos Bispos e a vasta documentação oferecida na oportunidade.

Somos a favor da liberdade religiosa, portanto a favor de todos os que respeitam os direitos dos outros para todos viver e praticar suas convicções de fé, em particular e em público.

Somos contra qualquer forma de proselitismo desrespeitoso e contra o fanatismo que ameaça a paz entre os seguidores de Deus.

Repudiamos as acusações de alguns grupos de cristãos sectários contra as Religiões Afro-brasileiras, conforme documentação enviada à CNBB.

Nós nos alegramos com a convivência de paz e de colaboração entre pessoas e instituições de diversas expressões religiosas, como aconteceu p.ex. no Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil, na Coordenadoria Ecumênica de Serviço e em várias formas de diálogo religioso.

Nós estamos empenhados em compreender melhor a índole das crenças afro-brasileiras, a fim de evitarmos mal-entendidos entre nós.

Tivemos oportunidade de levar a denúncia ao Ministro da Justiça, ao Procurador-Geral da Justiça, ao Conselho Nacional de Direitos Humanos e ao Grupo Ação pela Cidadania.

Com meu abraço cordial

+ *Sinésio Bohm*
Dom Sinésio Bohm
Bispo responsável pelo ecumenismo e
Diálogo Religioso

São Gonçalo-RJ, 13 de abril de 1991

INARAB

*Instituto de Articulação
das Religiões Afro-Brasileiras*
Rua Eugenio Simões n.º 107 - Itauna
CEP 24.846 - São Gonçalo - RJ

CARTA / CONVITE

ASSUNTO: TROFÉU (IFE EYÉ) OSÉ ŞANGO

Prezado (a) Senhor (a),

Temos a honra de comunicar que, pela sua postura em defesa e manutenção da Cultura e da Tradição Religiosa de origem africana e da sua luta em defesa dos Direitos Humanos e Civis das populações socialmente marginalizadas que dentre uma extensa lista de personalidades religiosa e civis analisada pela Comissão Executiva do INARAB, V.Sª foi um dos nomes votados por unanimidade para receber o TROFÉU (IFE EYÉ) OSÉ ŞANGO. A solenidade pública de entrega do troféu, será no dia 13 de maio do corrente, no Salão Nobre da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ), as 18H00.

Neste mesmo dia será entregue o Troféu ESU ENU GBARIJO aos veículos de comunicação que se destacaram no evidenciamento das posturas das Igrejas Pentecostais / Eletrônicas contra as Religiões Afro e a população desfavorecida socialmente. Por esta ocasião estaremos apresentando à sociedade em geral e Entidades Ecológicas, o Projeto ECO-AFRO / RIO - 92 - " A VISÃO ECOLÓGICA NA CULTURA NEGRA".

Atenciosamente,

JAYRO PEREIRA
Coordenador Geral - INARAB



Salvador, 15 de março de 2018

Reunidos em Plenária Nacional, no contexto do Fórum Social Mundial, autoridades, lideranças e ativistas dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana e de Terreiros, deliberaram a presente Carta, objetivando fortalecer o protagonismo político, a unidade na ação e a construção de uma agenda nacional em defesa da dignidade, dos direitos e do patrimônio cultural das religiões e tradições afro-brasileiras.

Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana e de Terreiro exprimem o conjunto de vertentes da cultura e religiosidade herdada dos africanos e também dos indígenas, a exemplo da Umbanda, Jurema, Tambor de Mina e demais segmentos religiosos irmãos, posto que todos estes são igualmente lesados e vulnerados pelo racismo religioso e a omissão estatal que o acoberta.

Tais organizações religiosas, tradicionais e entidades sociais expressam-se pelas mais diversas formas de ativismo político e social, com diferentes linguagens e áreas de atuação, tendo em comum a identidade com o campo político democrático e popular, com os movimentos sociais e a construção de uma sociedade igualitária, pluralista, justa e inclusiva.

Há no Brasil um verdadeiro fosso que separa, de um lado, os direitos constitucionalmente assegurados à todas as convicções e confissões religiosas, e, de outro, um cotidiano de violações de direitos dos fiéis das religiões e tradições afro-brasileiras, resultantes de ações individuais mas também de agentes do próprio Estado.

Relatório publicado recentemente pelo governo federal comprova que atualmente a cada 15 horas um templo religioso, especialmente das religiões afrobrasileiras, sofre algum tipo de discriminação religiosa, manifestada por meio de agressões verbais, físicas, tortura de sacerdotes, depredação de templos, etc.

A ação cotidiana, sistemática e criminosa dos agressores reverbera e concretiza o discurso de ódio religioso fomentado diariamente por programas televisivos e radiofônicos, financiados por segmentos fundamentalistas cristãos.

nº 653



1ª FASE DO PROJETO DA TRADIÇÃO DOS Orixás
ORGANIZAÇÃO DAS COORDENAÇÕES REGIONAIS DAS RELIGIÕES
AFRO-BRASILEIRAS NAS COMUNIDADES-TERREIRO

Realização: Comissão de Organização; Coordenação Religiosa Provisória; Comissão Executiva; Ipelcy e Grupo de Trabalho de Religião Afro-Brasileira.

ÍNDICE

- I. Introdução
- II. Princípios Fundamentais
- III. Objetivos Específicos da Proposta Geral do Trabalho
- IV. Estrutura Básica da Primeira Fase do Trabalho
- V. Segunda Fase do Trabalho
- VI. Adequação dos Objetivos
- VII. Estrutura das Coordenações Regionais das Religiões Afro-
Brasileiras:
- VIII. Justificativa
- IX. Composição das Coordenações Regionais
- X. Atribuições e Funcionamento das Coordenações Regionais
- XI. Atribuições/Funcionamento das Comissões de Trabalho
- XII. Atribuições e Funcionamento da Secretaria das Coordenações Regionais.
- XIII. Dos Casos Omissos e Não Esclarecidos neste Regimento

Rio de Janeiro, 30 de Julho de 1988

c) COORDENAÇÃO REGIONAL DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS:

Geralmente a Comunidade-Terreiro sediadora dos Encontros tende a tornar-se núcleo de uma Coordenação Regional, cuja função é expandir os objetivos do trabalho a um número mínimo de dez (10) Comunidades-Terreiro de sua vizinhança. Posteriormente, são realizados Encontros das Coordenações Regionais, para avaliação e constatação do desempenho, bem como discussão ampliada dos temas básicos ou de novos temas que se apresentem.

d) CONSELHOS REGIONAIS DA TRADIÇÃO DOS ORIXÁS: Os Conselhos Regionais são constituídos, cada um, de dez Coordenações Regionais. Isto é, a cada dez Coordenações Regionais formadas, institui-se um Conselho Regional com a função de manter e intensificar o nível da discussão ampliada da proposta base, tirada nos Encontros Regionais e trabalhada pelas Coordenações Regionais.

e) ENCONTROS MUNICIPAIS DA TRADIÇÃO DOS ORIXÁS/ENCONTROS MUNICIPAIS DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS:

Nesse estágio, devidamente respaldado pela organização precedente, elege-se um Conselho Municipal da Tradição dos Orixás, que se reunirá, regularmente, para avaliação das formas de difusão e implementação do projeto em todo o Estado, e preparação dos Encontros Estaduais da Tradição dos Orixás/Encontros Estaduais das Religiões Afro-Brasileiras. O Conselho Municipal será formado por representantes das Coordenações Regionais, ou seja, dos Conselhos Regionais.

f) ENCONTROS ESTADUAIS DA TRADIÇÃO DOS ORIXÁS/ENCONTROS ESTADUAIS DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS:

Último nível da primeira fase do Trabalho em que será possível, então, eleger-se um Conselho Estadual da Tradição dos Orixás, legítimo e representativo da Comunidade Religiosa Afro-Brasileira, politicamente organizado, do Estado do Rio de Janeiro.

O Conselho Estadual será integrado por representações dos Conselhos Municipais e/ou Regionais.

V. SEGUNDA FASE DO TRABALHO:

O que consideramos como segunda fase do projeto, consiste na sua implantação em outros Estados, com vistas a propiciar a formação de Conselhos Inter-Estaduais, o que nos aproximaria da possibilidade de formação de um Conselho Nacional da Tradição dos Orixás/Conselho Nacional das Religiões Afro-Brasileiras, digno, legítimo e de fato representativo da Comunidade Religiosa Afro-Brasileira com um todo.

OBS. A implantação desse trabalho em outros Estados, deverá seguir a mesma estratégia e metodologia adotadas no Estado do Rio de Janeiro, observando é claro, as particularidades regionais.

VI. ADEQUAÇÃO DOS OBJETIVOS

A finalidade principal deste projeto é a adequação dos objetivos enumerados à estrutura da organização. Isto é, de que modo tornar nossos objetivos praticáveis, dinâmicos e transformadores, principalmente, como garantir o seu cumprimento até a realização do objetivo final, qual seja, o da criação do Conselho Nacional da Tradição dos Orixás/Conselho Nacional das Religiões Afro-Brasileiras.

A questão fundamental que precisa ser exaustivamente pensada e muito bem discutida é a da unidade política dos adeptos. O projeto da Tradição dos Orixás não é desde a sua formulação inicial, trabalho para poucos e, muito menos, propriedade de quem quer que seja. O projeto pertence a comunidade religiosa afro politicamente organizada e será ela, sempre, a última instância de decisão. Entendemos que qualquer encaminhamento fora dessa diretriz significa a inviabilização do trabalho e a conseqüente perda

da confiança e credibilidade tão duramente adquirida.

O Projeto da Tradição dos Orixás, tem suas bases na coletividade, o é ela que lhe dá sentido e respaldo, e pelo coletivo da Comunidade religiosa afro-brasileira está sendo realizado mesmo porque, da das suas características, torna-se muito difícil obter eficácia encaminhando-o de outra forma. O projeto da Tradição dos Orixás é ambicioso. Entretanto, sua competência para tornar-se realidade vem sendo testada no dia a dia, a cada Encontro, desde o seu início. Os fundamentos da idéia, vem não só resistindo às adversidades, mas avançando no sentido da obtenção do respeito e do apoio de uma comunidade religiosa que tem, ainda, muito a contribuir e de forma preponderante para a justiça e o equilíbrio social no nosso país. Este trabalho também, por sua honestidade, coerência e respeito profundo à hierarquia com que vimos trabalhando, tem resistido a todas as tentativas de intrigas, queimação e esvaziamento, por pessoas inescrupulosas, inconsequentes, as quais sempre usaram os adeptos das Religiões Afro-Brasileiras como massa de manobra, trabalhando sutilmente o acirramento e a acentuação das divergências, da desunião interna e externa, para que assim possam e continuem tirando proveito pessoal dessa situação, de marginalização das Religiões Afro-Brasileiras e da desunião dos seus adeptos. É contra tudo isso que vimos lutando, estando justificada a oposição a este trabalho, de pessoas, que durante as suas vidas, não fizeram outra coisa senão usar o povo das Religiões Afro, tratando-os como bobos e incapazes. Ao cair de suas máscaras, é evidente, que estão desesperados.

VII. ESTRUTURA DAS COORDENAÇÕES REGIONAIS DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS:

A) OBJETIVOS

- Confraternização entre os Babalorixás, Iyalorixás, Ogãs, Ekedes, demais cargos hierárquicos das Comunidades-Terreiro, Como Orixás e simpatizantes em geral comprometidos com a valorização e a defesa das Religiões Afro-Brasileiras, objetivando estreitar as relações de amizade, confiança, solidariedade, construindo desta forma, a união e a unidade polí-

tica;

- Promover a troca de experiência entre as várias Comunidades-Terreiro e seus adeptos das várias Religiões Afro-Brasileiras e seus desdobramentos;
- Discussão, avaliação e tomada de posição conjunta diante das agressões, humilhações, difamações e tentativas de invasão e apedrejamento dos adeptos das Igrejas Eletrônicas às Comunidades-Terreiro;
- Discutir a necessidade e as formas de conseguir a unidade política (união dos adeptos das Religiões Afro-Brasileiras), como forma de fortalecimento diante das discriminações, preconceitos da sociedade em geral e das agressões das Igrejas Eletrônicas e Cristãs em geral e também para a defesa do espaço físico, em prol do respeito aos valores culturais afro-brasileiros;
- Propagação da necessidade de formação de outras Coordenações Regionais, representativas das várias nações de Candomblé, Umbanda e de outros segmentos religiosos afro-brasileiros;
- Recolhimento de propostas e sugestões a serem aprofundadas e deliberadas nos Encontros Regionais, Municipais, Estaduais e nas Conferências da Tradição dos Crixás.

VIII. JUSTIFICATIVA

As Religiões Afro-Brasileiras, originárias das várias Culturas tradicionais africanas, sempre sofreram discriminações entre nós, desde serem qualificadas como primitivas e bárbaras até a perseguição policial das mesmas. Atualmente a situação se agrava, apesar de cessada a perseguição policial, porque se tornou mais sofisticada, já que é feita de forma organizada e constante através de todos os meios de comunicação e culminam com os ataques promovidos pelas Igrejas Evangélicas / Igrejas Eletrônicas, através de seus programas de rádio, jor -

RELAÇÃO DOS CARGOS HIERÁRQUICOS INTEGRANTES DA COORDENAÇÃO RELIGIOSA
DO PROJETO DA TRADIÇÃO DOS ORIXÁS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

01. Iyalorixá Meninazinha D'Oxum
02. Iyalorixá Cessi de Sango
03. Ekede Regina
04. Iyalorixá Beata de Iemanjá
05. Babalorixá Reinaldo de Sango
06. Babalorixá Joaquim Mota
07. Babalorixá Nilson Feitosa
08. Ekede Tânia Maria Salles Moreira
09. Iyalorixá Zeny Pinheiro
10. Tateto Meso Manzambo (Rubens de Oliveira)
11. Mameto Carmem
12. Iyalorixá Palmira de Iansã
13. Babalorixá Ângelo de Osanyn
14. Ogã José Beniste
15. Mameto Caçula
16. Iya Celita de Iansã
17. Babalorixá Carlinhos de Logunede
18. Uilian Portela (Pai Pequeno de uma Comunidade-Terreiro de Umbande)
19. Iyalorixá Regina D'Ogum
20. Ekede Lia Luzia da Silva

Obs.: A coordenação religiosa do projeto da Tradição dos Orixás se reúne aos domingos, a partir das 14h00 em uma das Comunidades-Terreiro sediadoras de um dos Encontros.

Tel. para contato e maiores informações: 201-5890

ANEXOS

1. Relação dos Encontros da Tradição dos Orixás realizados no período de outubro de 87 a setembro de 1988.
2. Relação dos Componentes da Coordenação Religiosa do projeto da Tradição dos Orixás.
3. Estrutura e Funcionamento da Comissão Oju Obá.

RELAÇÃO DOS ENCONTROS DA TRADIÇÃO DOS ORIXÁS REALIZADOS NO PERÍODO
DE OUTUBRO DE 87 A JULHO DE 1988:

1º Encontro Regional da Tradição dos Orixás

Data: 11 de outubro de 1987 - Domingo

Local: Comunidade-Terreiro Ile de Omolu e Oxum

Iyalorixá: Meninazinha d'Oxum

End. Rua General Olímpio da Fonseca, 380 - São Mateus - São João
de Meriti - RJ.

2º Encontro Regional da Tradição dos Orixás

Data: 25 de outubro de 1987 - Domingo

Local: Comunidade-Terreiro Ile Axé d'ozoane

Iyalorixá: Cessi de Xangô

End. Rua Banabuiú, 229 - Marechal Hermes - RJ

3º Encontro Regional da Tradição dos Orixás

Data: 15 de novembro de 1987 - Domingo

Local: Comunidade-Terreiro Ile Omi Oju Aro

Iyalorixá: Beata de Iemanjá

End. Rua Francisco Antonio Nascimento, 42 - Miguel Couto - Nova
Iguaçu - RJ.

4º Encontro Regional da Tradição dos Orixás

Data: 29 de novembro de 1987 - Domingo

Local: Comunidade-Terreiro Sociedade Cruz Santa do Ile Axé Opo
Afonjá de Itauna

Babalorixá: Reinaldo de Xangô

End. Rua Eugênio Simões, 107 - Itauna - São Gonçalo - RJ

5º Encontro Regional da Tradição dos Orixás

Data: 19 e 20 de dezembro de 1987 - Sábado e Domingo

Local: Comunidade-Terreiro Ile Fì Òró Sakapata

Babalorixá: Joaquim Mota

Rua Braulio Pereira, 330 - Santo Elias - Juscelino - Nova Iguaçu - RJ.

RELAÇÃO DOS COMPONENTES DA COMISSÃO OJU OBÁ

- 01) Tânia Maria Salles Moreira (Ekede/Advogada)
- 02) Dulcélia Alves da Silva (Iyalorixá/Advogada)
- 03) Waldir Falbo (Ogã/Advogado)
- 04) Luzia da Silva (Ekede/Advogada)
- 05) Paulo Cezar Coutinho (Omo Orixá/Escritor)
- 06) Wanderley Guimarães Santa Rita
- 07) Paulo Roberto da Silva Oliveira (Omo Orixá)
- 08) Jayro Pereira (Omo Orixá/Coordenador Geral da C.Executiva)
- 09) Gésia de Oliveira (Omo Orixá/Vice-Coord.Comissão Executiva)
- 10) Sérgio José Dias (Omo Orixá)
- 11) Bento Benício de Souza (Ogã/Membro Coordenação Religiosa)
- 12) Vera Lúcia de Souza Ferreira (Omo Orixá/Comissão)

Documentos em anexo:

- 1) Relação dos Encontros realizados
- 2) Organização e Estrutura das Coordenações Regionais das Religiões Afro - Brasileiras.

Endereço:

Rua Vinte e Quatro de Maio, 43
20951 - São Francisco Xavier - RJ
Tel: 281-0560.

6º Encontro Regional da Tradição dos Orixás
Data: 10 de abril de 1988 - Domingo
Local: Comunidade-Terreiro Ile Omo Oya Leji
Iyalorixá: Palmira de Iansã
End. Rua Marte, 999 - Mesquita - Nova Iguaçu - RJ

7º Encontro Regional da Tradição dos Orixás
Data: 01 de maio de 1988 - Domingo
Local: Comunidade-Terreiro Tumbá Inçama Juçara
Mameto: Caçula
End. Rua Francisca Vidal, 225 - Pilares - RJ.

8º Encontro Regional da Tradição dos Orixás
Data: 10 de Julho de 1988 - Domingo
Local: Comunidade-Terreiro Ile d'Ogum
Iyalorixá: Regina d'Ogum
End. Rua Aratimbó, 64 (Antiga Rua 9) Kosmo - RJ

A realizar-se nesse segundo semestre de 1988:

9º Encontro Regional da Tradição dos Orixás
Data: 18 de setembro de 1988 - Domingo
Local: Comunidade-Terreiro Ile D'Osanyn
Babalorixá: Nilson Feitosa (Nilson d'Osanyn)
End. Rua Cidade de Lisboa, 16/17/18 - Vista Alegre - Loteamento
Apolo I - Alcântara - São Gonçalo - RJ.

CENTRO INTERMUNICIPAL DE SOCIEDADES
1546
5223

9º Encontro Regional da Tradição dos Orixás/Encontro das Religiões Afro-Brasileiras, Preparatório à Conferência Estadual da Tradição dos Orixás do Rio de Janeiro

9º ENCONTRO REGIONAL DA TRADIÇÃO DOS ORIXÁS/ENCONTRO DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS E SEUS ADEPTOS

DATA: 18 de Setembro de 1988 - Domingo

LOCAL: Comunidade-Terreiro Ase Opo Afonjá - Ile D'Osanyn
Babalorisa Nilson Feitosa (Nilson d'Osanyn)

P R O G R A M A:

- 8h00 - Inscrição, Credenciamento e Entrega do Material do Participante.
- 10h00 - Cerimônia Religiosa de Abertura
 - Babalorisa Nilson d'Osanyn (Anfitrião)
 - Iyalorisa Meninazinha d'Osun (1º Encontro)
 - Iyalorisa Cessi de Sango (2º Encontro)
 - Iyalorisa Beata de Iemanjá (3º Encontro)
 - Babalorisa Reinaldo de Sango (4º Encontro)
 - Balorisa Joaquim Mota (5º Encontro)
 - Iyalorisa Palmira de Iansã (6º Encontro)
 - Mameto Caçula (7º Encontro)
 - Iyalorisa Regina d'Ogum (8º Encontro)
 - Coordenação Religiosa do Projeto "Tradição dos Orixás" do Rio de Janeiro;
 - Demais Babalorixás, Iyalorixás, Ogãs e Ekedes presentes.

11h30 - 1ª Mesa-Redonda

Assunto: A Visão de Mundo Banto (Angola, Congo etc...) e os pontos em comuns com a Visão de Mundo Na gô-Yorubá (Ketu, Ijexá etc...)

Moderador: Babalorixá Nilson de Cassain

Expositores: Profª Gésia de Oliveira e Josué Álvares

Debatedores: Iya Beata de Iemanjá, Babalorixá Joaquim Mota e todos os presentes (plenária) que tiverem algum conhecimento da Religião e Cultura Banto/Angola, com a finalidade de somar, de construir a união e não a desunião ou divergência. Deve - mos observar que, a tática de quem quer dominar, é dividir para reinar. Foi isso que fizeram os colonizadores, os europeus, com as Culturas e Religiões africanas e com os povos africanos trazidos para o Brasil como escravos.

Relatores: Gravação das exposições e comunicações.

12h30 - Intervalo para cafezinho

12h45 - 2ª Mesa-Redonda

Assunto: As Religiões Afro-Brasileiras e a sua situação de marginalização secular na sociedade brasileira:

- Os ataques, humilhações e difamações das Igrejas Cristãs/Eletrônicas;
- As discriminações, preconceitos e estereótipos disseminados na sociedade e reforçados pelos meios comunicação (Rádio, Televisão, Jornais, livros etc...

Moderadora: Maria Paula Wandalsen

Expositores: Iyalorixá Palmira, Iyalorixá Mininazinha d'Oxum e Ekede Tânia (Advogada)

Debatedores: Omo Crixá Jayro Pereira e toda a plenária, através de depoimentos, colocações etc., e sugestões para por fim a esse estado de coisa.

Relator: Gravação

Debatedores: Babalorisa Nilson D'Osany; Omo Orisa, Profª Géssia de Cliveira; Ekede Tânia Maria Salles Moreira, Micênio dos Santos; Coordenação Religiosa, com a participação da plenária.

Relatores: Edvaldo Santos Ramos e Therezinha Augusta

14h30 - A L M O Ç O

15h30 - Apresentação da proposta da 1ª fase do Projeto "Tradição dos Orixás"; Atribuições e Funcionamento das Coordenações Regionais e Comissão Oju Obá

Expositores: Géssia de Oliveira; Jayro Pereira; Paulo Roberto e Ekede Tânia Maria Salles.

16h00 - Reunião do Conselho Religioso provisório composto pela Coordenação Religiosa do Projeto e por todos os Babalorixás, Iyalorixás, Ogãs, Ekedes e demais cargos hierárquicos presentes, bem como a divisão da plenária composta por Omo Orixás, adeptos e simpatizantes presentes em grupos de trabalho para discutirem as seguintes questões:

1. O Plano de Trabalho da 1ª fase do Projeto "Tradição dos Orixás".

EDLAINE DE CAMPOS GOMES nasceu em 16 de Abril de 1970, na cidade de São João de Meriti, na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. Graduada em Ciências Sociais, pela Universidade Federal Fluminense, Mestre em Sociologia e Antropologia, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Doutora em Ciências Sociais, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Realizou três estágios pós-doutorais: no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro; no Centro de Estudos da Metrópole (Cebrap), obtendo bolsa da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP); e no Centre of Latin American Studies, University of Cambridge, como bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). É pesquisadora associada do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU/USP). Atualmente é Professora Associada do Departamento de Ciências Sociais, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Integra o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Memória Social, da mesma instituição. Foi Bolsista do Programa Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ, 2013/2016) e coordena o Observatório do Patrimônio Religioso (UNIRIO). Atua em pesquisas com ênfase em Antropologia da Religião e Antropologia Urbana.

LUÍS CLÁUDIO DE OLIVEIRA é nascido na cidade do Rio de Janeiro a 14 de dezembro de 1959, um dos sete filhos da empregada doméstica Maria da Glória Bernardo e do inspetor de polícia Wilson de Oliveira. Na juventude viveu no subúrbio do Méier, tendo se mudado para a cidade de Guapimirim, onde vive desde 2006. É cientista social, mestre em educação, cultura e comunicação em periferias urbanas e doutor em memória social. Desde os anos 1970 tem ativa participação política em movimentos sociais, especialmente no movimento negro. Foi professor da rede pública estadual do Rio de Janeiro por vinte anos. Atualmente é professor adjunto da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, UERJ. Pela Mar de Ideias navegação cultural, publicou o livro *Famílias Negras Centenárias: memórias e narrativas* (2016), 1º volume da coleção *Tramas de Ideias*.

*Este livro é fruto de uma pesquisa
que também deu origem a um
documentário sobre o Tradição dos
Orixás, e é o sexto título da coleção
Tramas de Ideias publicado em
maio de 2019.*

ENTRE A SEGUNDA METADE DA DÉCADA DE 1980 E A PRIMEIRA DE 1990 uma aliança política entre ativistas do movimento negro e líderes religiosos do Candomblé, em torno do desenvolvimento de ações para a preservação de religiões de matriz africana no país, originou o grupo **Tradição dos Orixás**. A ideia era articular as comunidades de terreiro em torno de ações concretas, com efeito político-jurídico, contra ataques físicos e simbólicos de determinadas igrejas do segmento evangélico neopentecostal que emergiam à época.

Em 2016, o grupo volta a se reunir a fim de promover um movimento de reflexão e de autoavaliação para reforçar a perspectiva de que a responsabilidade pela preservação da sua tradição e das religiões de matriz africana é dos próprios terreiros, capazes de transmitir valores afrocentrados de dentro para fora. Seus membros são referências nos diferentes campos em que atuam (religioso, acadêmico e político), assim como nos debates em torno de preservação e proteção do patrimônio afro-brasileiro, nas esferas governamental e não governamental.

Este livro é o registro dessa caminhada, que reúne entrevistas, fotografias e documentos pesquisados e organizados pelos autores – Edlaine de Campos Gomes e Luís Cláudio de Oliveira – que também resultou em documentário audiovisual, que está disponível no canal do Observatório do Patrimônio Religioso.

IPEAFRO

MARDEIDEIAS
NAVEGAÇÃO CULTURAL

COLEÇÃO EDITORIAL
TRAMAS DE IDEIAS

ISBN: 978-85-10-45882-0



9 788560 458820

